

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**

**ET, NIAT, NIATAT: SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
VÍNCULO EM UMA EQUIPE ESPORTIVA**

Katia Rubio

**ET, NIAT, NIATAT: SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
VÍNCULO EM UMA EQUIPE ESPORTIVA**

KATIA RUBIO

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO CARLOS SIMÕES

Rubio, Katia

Et, niat, niatat: sobre o processo de formação de vínculo em uma equipe esportiva / Katia Rubio. -- São Paulo : [s.n.], 1998.

ix, 128p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Simões.

1. Psicologia do esporte I. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Simões por seguir comigo o meu caminho.

A Rosa M. Farah, Lucia Pompéia, Regina Célia Gorodiscy, Vera L. Gifone, José Carlos de Paula Carvalho, Efhram Rojas Boccalandro, Go Tani e tantos outros mestres que me ensinaram a cantar a beleza de ser uma eterna aprendiz.

A Ana Maria Bataglin por me manter caçadora de mim.

A Andrea M. Freudenheim, Claudia M. Guedes, Jocimar Daolio e Osvaldo L. Ferraz pelos verdejantes tempos.

A Alessandro de Oliveira Santos por permanecer do lado esquerdo do peito.

A Letícia Lopes de Carvalho e Antônio Roberto Giraldes por verem a vida melhor no futuro.

A Igor Sergins Prujansky, Elvira Maria Leme e Fernando Fernandes de Carvalho Neto pelas coisas que a gente se esquece de dizer.

A Hilário Rubio e Darcy Donadi Rubio por ainda serem os mesmos e viverem.

A Marcos C. Nishida e Toshihiro Rubio Nishida porque os sonhos não envelhecem.

Aos atletas e comissão técnica que passam a vida vivendo e aprendendo a jogar.

A Marco Cesar Clares e Pedro Mendes Machado Neto por me mostrarem com quantos gigabits se faz um barco que veleje neste info-mar.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE FIGURAS.....	vi
LISTA DE ANEXOS.....	vii
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 O GRUPO E AS RELAÇÕES GRUPAIS NO ESPORTE.....	7
3 AS VÁRIAS IMAGENS DO CORPO.....	15
4 OBJETIVOS.....	22
5 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	22
6 MÉTODO.....	23
6.1 Amostra.....	23
6.2 Coleta de dados.....	23
6.3 Procedimentos.....	23
6.4 Modelo para Análise de Dados.....	25
6.4.1 A entrevista.....	26
6.4.2 O teste sociométrico.....	26
6.4.3 Os desenhos da figura humana e do grupo.....	30
6.4.4 Relato das sessões.....	32
7 RELATO DAS SESSÕES.....	32
7.1 Primeira sessão.....	32
7.2 Segunda sessão.....	36

Página

7.3	Terceira sessão.....	37
7.4	Quarta sessão.....	40
7.5	Quinta sessão.....	43
7.6	Sexta sessão.....	47
7.7	Sétima sessão.....	49
7.8	Oitava sessão.....	50
8	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	54
8.1	Sociometria.....	54
8.1.1	Sociometria da primeira fase - capitão.....	55
8.1.2	Sociometria da segunda fase - capitão.....	60
8.1.3	Sociometria da primeira fase - melhor amigo.....	65
8.1.4	Sociometria da segunda fase - melhor amigo.....	70
8.2	Desenhos.....	73
8.2.1	Desenhos da figura humana.....	75
8.2.2	Desenhos do grupo.....	77
9	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	82
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
	ANEXOS.....	94

LISTA DE FIGURAS

	Página
FIGURA 1 - Sociometria capitão – primeira fase.....	57
FIGURA 2 - Sociometria capitão – Segunda fase.....	62
FIGURA 3 - Sociometria melhor amigo - primeira fase.....	67
FIGURA 4 - Sociometria melhor amigo - segunda fase.....	71

LISTA DE ANEXOS

	Página
ANEXO I - Desenhos da figura humana.....	94
ANEXO II - Desenhos do grupo.....	104
ANEXO III - Teste sociométrico.....	118
ANEXO IV - O solitário e o solidário.....	123
ANEXO V - Relaxação progressiva de Jacobson.....	124

RESUMO

ET, NIAT, NIATAT: SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE VÍNCULO EM UMA EQUIPE ESPORTIVA

Autora: KATIA RUBIO

Orientador: PROF. DR. ANTONIO CARLOS SIMÕES

O presente estudo discute o processo de formação de vínculo em uma equipe masculina de voleibol. Baseado no uso de três instrumentos – o teste sociométrico e os desenhos da figura humana e do grupo – buscou-se entender se a formação de vínculo no grupo é uma prática ou uma saída discursiva para manter a equipe unida. Diferentemente de outros grupos, a dinâmica do esporte impõe um outro movimento na formação e vida das equipes esportivas que são formadas para durar uma temporada que varia conforme a modalidade ou o campeonato. No esporte coletivo, a convivência e o estreitamento de relações são condições compulsórias que afetam a vida de todos os seus membros, tanto no que diz respeito a sua vida pessoal quanto profissional. Os resultados do estudo sugerem que a dinâmica deste grupo aponta para uma coexistência no nível de relação que permanece na condição de ilusão grupal, faltando uma identificação maior com a tarefa para que pudesse se configurar enquanto vínculo.

Palavras-chave: psicologia do esporte; grupos esportivos; imagem corporal.

ABSTRACT**ET, NIAT, NIATAT: ON THE PROCESS OF ENTAIL
FORMATION IN A TEAM SPORT****Author: KATIA RUBIO****Adviser: PROF. DR. ANTONIO CARLOS SIMÕES**

The present study discusses the process of entail formation in a masculine volleyball team. It was sought to understand if the entail formation in the group is a practice or a discursive strategy to maintain the team united using three instruments - the sociometric test and the drawings of the human figure and of the group. Differently from other groups the sport dynamics imposes another movement in the formation and life of the sport teams that are formed to last a season that varies according to the modality or the championship. In the team sport the companionship and the narrowing of relationships are compulsory conditions that affect the life of all its members both in their personnel and professional aspects. The results of the study suggest that the dynamics of the group points to a coexistence in the relationship level that remains in the condition of group illusion, lacking a greater identification with the task so that it could be configured as an entail.

Keywords: sport psychology; sport teams; body image.

1 INTRODUÇÃO

“O ruim da vitória é que ela não é eterna.
Porém, o bom da derrota é que ela também não o é.”

José Saramago¹

A dinâmica dos grupos esportivos tem sido um grande desafio para técnicos, atletas e profissionais que estudam o esporte. Isso porque muito já se testou, avaliou e analisou atletas individualmente, buscando-se perfis ou padrões que pudessem oferecer subsídios para se chegar a níveis ótimos de performance.

Trabalhando como psicóloga de atletas, tanto em modalidades individuais quanto coletivas, foi possível observar que esse modelo apresentava algumas lacunas. Isso porque a representação social que se tem do psicólogo é uma mistura de fantasia - alguém que cura - e de assombro - aquele que desvenda os mistérios da alma.

No contexto esportivo esse fato ganha novas proporções. Submetido a uma rotina desgastante de treinos e jogos, o atleta - este herói da modernidade - se vê envolvido por questões como a ausência de contato com a família, superexposição na mídia e a impossibilidade de admitir - para si e para o público - suas fragilidades, angústias e incertezas, posto que ainda que uma figura mítica, nosso herói contemporâneo não habita o Olimpo nem bebe da ambrosia com os deuses, mas estabelece relações afetivas e sofre com os transtornos que cercam a vida de um atleta que também é cidadão.

Tendo alguns atletas já se submetido a inúmeros testes em outras ocasiões, a possibilidade de se submeter a eles, novamente, chega a causar

¹ Em entrevista concedida à TV Cultura quando do lançamento do livro *Terra*, de Sebastião Salgado, em 20 de agosto de 1997.

espanto. A razão desse comportamento reside no fato de muitos terem oferecido sua subjetividade, cognição e experiência, numa situação cercada por sigilo e garantida por um código de ética, virem essas informações terem um fim nas mãos de pessoas inadequadamente preparadas para decifrá-las, ou pior, de outras inescrupulosas que não se furtam a divulgar as fontes e o sujeito dos dados. Ou seja, ainda que apenas se inicie, o uso da psicologia no esporte já se depara com graves questões que levam à resistência de uns e até mesmo à recusa de outros. Mas este trabalho se presta ao estudo de fenômenos que ocorrem em equipes e não ao papel que o psicólogo desempenha nelas.

Quando falamos em times ou equipes esportivas não estamos nos referindo apenas a um conjunto de indivíduos que se agrupam por dimensões temporais e espaciais, mas sim ao complexo conjunto de fatos objetivos e subjetivos que tornam um grupo efetivo e desejoso de alcançar suas metas, sejam elas uma atuação adequada em uma partida, a vitória ou apenas uma boa colocação em um campeonato.

Et, niat, niatat ou ‘um por todos, todos por um’, frase que expressa o objetivo máximo de unidade em um grupo, representa o esforço de cada membro individualmente voltado para uma meta comum, recebendo como retorno, o compromisso do grupo no cumprimento desse objetivo. Nesse *continuum* não se distingue se é o esforço individual que mantém a ordem do grupo ou se essa ordem reforça o compromisso individual.

Autores como LENK (1976), MATERS & PETERSON (1976) e SIMÕES (1996) têm evidenciado que uma equipe esportiva é mais que a soma de valores individuais e que o time com melhor performance não é composto, apenas, pelos melhores jogadores destacados em suas funções, representando que não é a qualidade individual o que se necessita, somente, para formar uma equipe com probabilidade de êxito. O mais importante é a capacidade de coordenação

de cada um dos valores que entram em jogo - relações humanas, aspectos técnicos e táticos e determinantes biológicos - uma vez que o resultado somente se dará com a soma desses valores.

Exemplo disso são os jogos amistosos onde o time campeão joga contra a seleção dos melhores jogadores do campeonato, escolhidos através de critério estatístico. No ano de 1997, o campeão da Super Liga de Volei Masculino - Report/Suzano - venceu por um placar incontestável (3 x 0) um time de 12 atletas comandado por três técnicos. Se qualidade individual e colocação estatística fossem indícios de eficiência e eficácia talvez o resultado final apontasse em outra direção.

Temos então que a equipe com possibilidade de sucesso é a relação da soma de valores técnicos individuais, capacidade de coordenação das relações sociais e lideranças efetivas dentro e fora da quadra. A esse processo tem-se dado o nome de coesão grupal.

Que os técnicos têm papel fundamental no processo de coesão grupal isso não se tem dúvidas, principalmente depois dos trabalhos de LOY & JACKSON (1990), SIMÕES (1990, 1996), WIDMEYER, CARRON & BRAELEY (1993), HANRAHAN & GALLOIS (1993). Porém, além do técnico enquanto figura de liderança - que chamaremos de liderança externa - há o próprio membro do grupo - aqui chamado de liderança interna - que pode vir a ocupar a posição de capitão se for um líder construtivo, ou então, criar embates com a comissão técnica ou diretoria do clube levando a situações de impasse e até de dispensa, no caso de um líder destrutivo.

É claro que outras questões estão envolvidas nessa dinâmica, ou seja, não basta apenas um atleta trabalhar contra o grupo para que os objetivos não sejam alcançados, além do que essa atitude nem sempre é uma conduta consciente. Se o grupo como um todo está identificado com a tarefa proposta,

esforços no sentido oposto são identificados, isolados e desviados em favor da própria equipe. Isto, porém, só pode se dar quando o grupo se conhece através de suas partes - o auto conhecimento, seja do atleta ou membro da comissão técnica - e de seu todo - o conjunto em movimento, no momento da atuação.

Aquilo que acabamos de designar enquanto partes é, na verdade, cada membro do conjunto, cada indivíduo na sua totalidade. *Quem sou, de onde vim e para onde vou* são perguntas tão antigas - e de difícil resposta - que chegaram a servir ao deus Apolo, onde a Pítia expressava seu oráculo, para saber um pouco sobre quem chegava à sua presença. Mesmo passados os séculos, e com todo o desenvolvimento tecnológico alcançado nos últimos anos, essas perguntas ainda esperam por respostas. Quem são essas pessoas que se dispõem a levar vida tão regrada e árdua, que apesar de toda a exposição pública que suportam, experimentam longos períodos de solidão e que possuem corpos vigorosos, mas que nem sempre encontram a representação de tal imagem em seu inconsciente?

Sabendo do papel e da importância que o corpo tem para o atleta optamos em nos aproximar da primeira pergunta da esfinge através da apercepção da imagem corporal. Que representação tem de si alguém que corre, salta, ataca, defende e executa movimentos nem sempre percebidos mas quase sempre comandados por alguém cuja função recebe o nome de preparador físico - e não preparador corporal - e que raramente trabalha o corpo do outro com sensibilidade e percepção do conjunto envolvido?

Estava dado o primeiro passo rumo à subjetividade - de si e do outro - adentro.

A imagem corporal tal como SCHILDER (1994) concebeu não é apenas construída da experiência de percepções cinestésicas, mas também de todas as imagens, sensações e emoções dos momentos por que passa o corpo ao longo da existência, constituindo o substrato inconsciente das representações

corporais.

Partindo desse pressuposto, levantamos a hipótese que a construção da imagem corporal individual poderia interferir na criação e desenvolvimento de uma imagem corporal grupal, aproximando-se daquilo que PICHON-RIVIÈRE (1995) chamou de formação de vínculo grupal.

A literatura mostra que a habilidade dos membros do grupo de desenvolver uma relação de afetividade e interação entre si é responsável para obter um grupo desejoso de resultados (FROST, 1971; GILL, 1986; MATERS & PETERSON, 1976). Este fator tem sido reconhecido como uma contribuição fundamental no esporte para a formação do grupo e se baseia no fato de que quanto mais coeso for o time mais eficaz ele será. Conseguir esta efetividade tem sido, porém, o desejo e esforço da grande maioria dos técnicos e pesquisadores da área. O esforço não se traduz apenas na produção de conceitos ou na análise de fatos, mas se volta basicamente para o desenvolvimento de padrões de intervenção que possibilitem o manejo de situações onde a interação e o estreitamento das relações favoreçam a formação do vínculo.

Não foi preciso muito tempo para perceber que um único modelo - fosse ele da psicologia ou do esporte - epistemológico ou interventivo, não seria suficiente para abarcar toda a complexa constelação de fatos que ocorrem durante um campeonato profissional. Foi necessário, sim, lançar mão de diversos recursos tanto das áreas já citadas como da sociologia, da antropologia e, por que não, da própria experiência enquanto atleta.

Neste sentido optamos pela escolha de dois instrumentos que nos aproximasse do esclarecimento da dinâmica grupal. O primeiro foi a sociometria apontando duas vertentes da interação grupal: a liderança relacionada à tarefa - na figura do capitão - e as afinidades afetivas - na figura do melhor amigo. O segundo buscou identificar a relação do indivíduo com o grupo através dos

desenhos da figura humana e do grupo.

Concordamos com TANI (1996, p. 31) quando afirma que “não basta apenas adotar uma abordagem, é preciso praticá-la, aperfeiçoá-la e isso se dá conduzindo-se pesquisas qualitativamente aceitáveis”, porque percebemos, ao longo de todo o processo de desenvolvimento deste trabalho, que a convergência das áreas de conhecimento não pode ser apenas um sonho teórico; ela tem que se realizar enquanto uma disposição concreta. É necessário que ela ocorra não apenas no momento da definição do objeto de pesquisa e as possíveis formas de análise, mas também no momento da intervenção prática a que esses resultados podem levar.

Sabemos que ainda esse modelo não existe e que esforços estão sendo feitos para que ele seja construído. Portanto, urge que criemos condições para que o conhecimento das diferentes áreas se aproxime e se complemente sem que percamos, contudo, a consciência crítica de que caminhamos por uma trilha que ainda não é uma estrada, mas que serve de traçado para que em breve ela se concretize em bases sólidas. Qual o seu fim? Seria temeroso afirmá-lo, afinal, uns procuram a estrada sabendo onde querem chegar, outros a tomam com o intuito de descobrir pelo caminho se o final é seu objetivo ou tão somente se aquele foi um meio para uma descoberta que vai em outra direção.

2 O GRUPO E AS RELAÇÕES GRUPAIS NO ESPORTE

Bons jogadores ganham jogos e
só boas equipes ganham títulos.

Sérgio Negrão²

Ao longo de toda a história da humanidade pessoas mantêm-se agrupadas como uma forma de alcançar objetivos comuns. No esporte atletas se agrupam por uma série de motivos, entre eles os políticos, econômicos, sociais e a competitividade em si.

O grupo e as relações grupais têm ocupado considerável espaço na produção de psicólogos, cientistas sociais, psiquiatras e antropólogos já há algumas décadas. Apesar das inúmeras definições sobre grupos nas diferentes áreas do conhecimento ateremo-nos aos conceitos formulados pela psicologia, mais especificamente da psicologia social, e na psicologia do esporte, uma vez que nosso tema gira em torno dos grupos esportivos.

Preocupado com a psicologia dos grupos e o comportamento do homem como ser social, BION (1975) observou pequenos grupos com propósito terapêutico, levando-o a considerar conteúdos como o tom das trocas entre os membros do grupo, o dito e o não dito, os gestos e silêncios, permitindo-lhe postular uma série de conceitos que proporcionam alguma coerência ao comportamento aparentemente bizarro e incompreensível de vasta área de situações sociais. Estes conceitos dizem respeito às suposições básicas que fundamentam o comportamento do grupo - as suposições de dependência, de acasalamento e para os acontecimentos e sua capacidade de fuga-luta - que influenciam a escolha do líder do grupo, sua orientação de lidar afetivamente

² Técnico da equipe Leites Nestlé em entrevista ao Caderno de Esporte do jornal O Estado de São Paulo do dia 10 de janeiro de 1998.

com a tarefa em que ostensivamente se dirige.

Nessa perspectiva para haver um bom espírito de grupo é necessário um propósito comum e reconhecimento por parte do grupo de seus limites, isto é, a posição e a função que cada um de seus membros ocupa tendo em vista os grupos maiores. É importante para o grupo reconhecer o valor dos subgrupos e os limites destes e valorizar seus membros, considerando que a necessidade de cada um se limita pelas condições dadas pelo próprio grupo.

Também dentro de um ponto de vista psicanalítico ANZIEU (1993, p. 17) vê o grupo como um

envelope que faz indivíduos ficarem juntos. Enquanto esse envelope não estiver constituído ele pode ser considerado um agregado humano, não há grupo. Um envelope vivo, como a pele que se regenera no corpo, é uma membrana de dois lados. Um está voltado para a realidade exterior, física e social, notadamente para outros grupos, semelhantes ou diferentes. O outro está voltado para a realidade interior dos membros do grupo, ou seja, o movimento das projeções que os indivíduos fazem sobre ele de suas fantasias.

O grupo, apesar de complexo, encerra em si uma contingência simples. Ele passa a se caracterizar como tal quando mais de duas pessoas se unem com um mesmo propósito.

Conforme ANDRADE (1986) grupo é um conjunto de indivíduos que se reúnem por ou para alguma coisa. É uma situação indeterminada com dois referenciais: um problema comum e o conhecimento entre as pessoas.

Mas é na visão que PICHON-RIVIÈRE (1991a) tem de grupo que encontramos a possibilidade de nos aproximar dos grupos esportivos. Isso porque na concepção deste autor o grupo é um espaço de aprendizagem que implica em informação, emoção e produção. O grupo se caracteriza por estar centrado, de forma explícita, em uma tarefa e a participação através dela permite

não só sua compreensão, mas também sua execução.

Quando afirmamos que esta concepção se aproxima das equipes esportivas é porque fica claro, no esporte, aquilo que PICHON-RIVIÈRE (1991a) chama de tarefa. A tarefa não é aqui apenas o movimento para o trabalho, mas a compreensão de seu objetivo - aquilo que se poderia chamar de conscientização - processo e finalidade.

Sendo assim, as etapas de preparação para um torneio são, cada uma delas, uma nova tarefa, que compreendidas e incorporadas pelo atleta permitem sua execução, de forma desalienada, podendo culminar no seu sucesso.

Mas as aproximações com a psicologia social não param aí. HANRAHAN & GALLOIS (1993) afirmam que a psicologia social exerceu grande impacto na psicologia do esporte. Isso porque, por definição, psicologia social é o estudo científico da maneira como um comportamento, pensamento e sentimento influenciam ou são influenciados pelo comportamento de outros, podendo ser técnico, professor, companheiros de time, familiares ou torcida.

Isso reforça o pensamento de RIOUX & CHAPPUIS, 1979 que observaram que toda equipe esportiva se apresenta como um paradigma da vida humana, distribuída em minisociedades. Técnicos e atletas, em todas as dimensões do rendimento, procuram dedicar boa parte do tempo em busca de conhecimento e aprimoramento de suas habilidades de comunicação, cooperação e de convivência mediadas por aquilo que é, sem dúvida, a maior qualidade das equipes: ser coesa, eficiente e eficaz.

Olhadas com distanciamento as equipes no esporte assemelham-se, conforme SIMÕES (1990), a um micro-sistema social de rendimento ou, ainda, como uma minisociedade, que recebe influência do macro-sistema social.

Poder-se-ia dizer que a concepção que os autores ligados à psicologia do esporte têm dessa visão é que técnicos e atletas convivem com a interligação

de ambos os sistemas, havendo espaço apenas para o indivíduo que se destaque na competição e vença. Essa visão de equipe não se diferencia muito do conceito que foi desenvolvido por autores ligados à psicologia social sobre grupos. Isso porque o esporte coletivo envolve interação social interna à própria equipe e externa, uma vez que se observa o envolvimento cada vez maior dos meios de comunicação de massa com o esporte, criando uma relação de proximidade do público com o atleta e a modalidade, conferindo-lhe um caráter integrador.

Esse fenômeno, conforme BETTI (1997, p.24) faz do esporte um instrumento de cultura e de libertação do homem moderno “na medida em que desempenha a função biológica (filogenética) de preservação da saúde (no sentido lato de termo) e a função sócio-cultural de comunicação, participação e expressão”.

Para nós, no entanto, mais importante do que estudar a relação com o público externo ao grupo - torcida, família, imprensa - é compreender a dinâmica interna da equipe, considerando como membros os atletas e a comissão técnica.

Estudos realizados por TAJFEL (1978, 1982), TAJFEL & TURNER (1979) e TURNER (1987) sobre identidade social empenham-se em lidar com aspectos do processo grupal sem perder de vista o sujeito enquanto produtor de atitudes, normas e decisões. Esses autores propuseram a teoria da Identidade Social objetivando compreender as relações intra e inter-grupais a partir do conceito de auto-conhecimento tendo por base dois referenciais:

Identidade pessoal: são auto-julgamentos sobre si-mesmo e a percepção tida das relações com outros indivíduos. Essas avaliações são efetuadas a partir de um processo de comparação social com outros membros do grupo que se julgam no mesmo nível do primeiro. Nessas comparações surgem as motivações a fazer distinções em relação aos outros membros do grupo,

buscando, porém, os aspectos positivos. É natural que ocorram comparações depreciativas naqueles sujeitos que não possuem a capacidade de auto-avaliação. É provável que a identidade social ocorra quando as atrações inter-pessoais são grandes.

Identidade Social: É a percepção de uma característica pessoal enquanto membro de um grupo, comparando este a vários outros. Quando a identidade social é salientada é possível se fazer comparações entre grupos, ao invés de comparar-se com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo. Nessas circunstâncias, há a motivação para se minimizar as diferenças entre os membros do grupo, assim como maximizar as diferenças relacionadas à aparência, qualidades e comportamentos comuns à equipe adversária.

A teoria da identidade social surge como forma de oferecer uma estrutura teórica para estudar equipes e a dinâmica das interações pessoais no contexto esportivo, onde as qualidades individuais podem ser menos importantes que as qualidades que definem o grupo.

Da formação do grupo à coesão grupal há ainda uma grande distância a percorrer. Equipes esportivas não são bem-sucedidas durante todo o tempo. A vitória e a derrota fazem parte da vida do esportista tanto quanto os treinos ou a rotina doméstica. Porém, o que diferencia um grupo que persiste diante da adversidade daquele que esmorece ao se deparar com algum obstáculo? Se na psicologia social a dinâmica interna de um grupo é chamada de vínculo, em uma equipe esportiva que se dispõe a superar os obstáculos é chamada de coesão (ANTONELLI & SALVANI, 1978; RUSSEL, 1993).

Na ótica de RUSSEL (1993) a coesão é tida pelos técnicos como a principal característica de uma equipe, o requisito mais importante para se obter sucesso, tendo no conflito externo um fator de incremento da coesão interna. No entanto, o desenvolvimento dessa coesão só será efetivo se o grupo, enquanto

uma instância independente e autosuficiente, possuir uma estrutura efetiva de liderança. Para tanto aponta a lealdade como a chave para esse processo.

A princípio, a cooperação seria uma atitude individual, contudo, SIMÕES (1990), afirmou que a partir do instante em que técnico e atletas se posicionam através de diferentes performances de conduta pessoal, aprendem a observar e analisar suas próprias atitudes e a dos demais companheiros. Significa que os diferentes perfis comportamentais dentro de uma equipe passam a ser vistos como um referencial social e funcional para a formação e evolução de um vínculo coletivo.

A coesão é caracterizada por ANTONELLI & SALVANI (1978) como uma forma de reação. Afirmam que as tensões que brotam em um grupo são causa de ambivalências afetivas, de dificuldades de adaptação interpessoal e das dificuldades em dimensionar os fins e os meios. Essas situações criam uma hostilidade intra-grupal que colocam em risco não só a coesão como a própria existência do grupo. A partir daí definem três modalidades de coesão:

a) Coesão defensiva: apontada como uma dinâmica típica de equipes esportivas onde o time adversário é o depositário das projeções de sua própria agressividade interna. Nesta dinâmica a equipe é suscetível diante dos estímulos externos, é sugestionável, insegura, dependente de um líder carismático e sofre com medos injustificáveis de sabotagem.

b) Coesão institucionalizada. Neste caso o conflito interno no grupo foi decodificado através de um sistema de normas rígidas. As tensões individuais são aceitas e justificadas de acordo com a posição que cada membro ocupa dentro do time. Em equipes esportivas essa dinâmica é percebida no conflito existente entre dirigentes, sócios, atletas e torcedores, onde o crítico vale-se de seu papel social para disfarçar uma hostilidade pessoal.

c) Coesão cooperativa. Esta dinâmica soluciona a ameaça

desagregadora desencadeada sobre o grupo através da tomada de consciência e da análise das dificuldades. Uma equipe desenvolve esse tipo de coesão quando os atletas submetem seus objetivos pessoais ao objetivo do grupo, à aceitação da realidade, ao desejo de superar os problemas e ao empenho para levar a cabo mudanças comportamentais em função das normas do grupo. Esse tipo de dinâmica tem um amplo significado educativo visto que desenvolve a disponibilidade dos atletas a uma contínua adequação, delimitando seu próprio espaço e respeitando o espaço do outro através de uma relação de tipo cooperativo.

Como podemos perceber a coesão está fundamentada em três pilares: a cooperação, a confiança e o respeito. Entretanto, essas condições não são inatas ao grupo, muito pelo contrário, são arduamente construídas envolvendo todos seus membros, do técnico ao roupeiro, passando por atleta, preparador físico, massagista e todos os demais profissionais envolvidos com aquilo que PICHON-RIVIÈRE (1995) chama de *tarefa*. Portanto, reconhecer quais os membros do grupo estão identificados com a tarefa e em que nível torna-se imprescindível para a compreensão da dinâmica da equipe e, se necessário, para uma intervenção eficaz.

É neste ponto que MORENO (1991) nos oferece um importante conceito para a compreensão do grupo. Partindo do *socium* e não do *psico* ele sistematiza seu conceito de **tele**, que é o elemento produtor de aproximações proveitosas, através da percepção enquanto substrato biológico e também existencial, intelectual, afetivo e social. MORENO (1991) afirma que desde a infância buscamos sociometricamente aqueles que complementam nossos objetivos, distanciamos-nos daqueles que não nos agradam ou ainda conservamos indiferentes a outros. Quando o fator **tele** se dá, produzem-se determinados tipos de respostas e condutas ligadas diretamente com aquilo que foi proposto. O

vínculo é imediato, porém, para o conhecimento dessa dinâmica é necessário avaliar a intensidade da eleição e aí, sim será possível compreender a dinâmica transferencial que está ocorrendo no grupo.

Nos grupos esportivos deparamo-nos com esse processo na medida que a escolha de pessoas em posições chaves, como o capitão, podem representar uma dinâmica saudável ou desintegradora ao time.

3 AS VÁRIAS IMAGENS DO CORPO

Quem traz no corpo essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
Milton Nascimento³

O conceito de imagem corporal é tão controverso quanto as áreas onde ele foi desenvolvido. De acordo com OLIVIER (1995) os primeiros estudos sobre o tema foram realizados a partir de 1908 por Arnold Pick que buscou integrar estímulos visuais, sensações táteis e do movimento.

É, porém, a partir de Paul Schilder, na década de 40 que o conceito de imagem corporal se amplia. Autor de orientação psicanalítica, SCHILDER (1994, p.11) investigou detidamente o processo de formação e desenvolvimento da imagem corporal, coletando dados a partir de diferentes perspectivas, observando tanto o processo evolutivo normal quanto os efeitos de certos traumatismos físicos, amputações e/ou condições neuropatológicas sobre o desenvolvimento da imagem corporal. O autor entende por imagem corporal “a figuração de nosso corpo, formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós”.

³ Maria, Maria, música Milton Nascimento e letra de Fernando Brant

Esse conceito opera em três vertentes da complexa relação que criamos com o nosso corpo. Num primeiro momento temos a estrutura *fisiológica*, responsável pelas organizações anátomo-fisiológicas onde estão as estruturas óssea, muscular, nervosa e hormonal em suas inter-relações particulares a cada indivíduo. Incluem-se nesta estrutura as contribuições geneticamente herdadas e as alterações sofridas pelas funções somáticas durante as fases anteriores da vida do sujeito. A outra estrutura é a *psicodinâmica* considerada como o conjunto de experiências emocionais vividas nas relações sociais, familiares e afetivas desde a gestação. Este conceito diz respeito ao *quantum* de energia investida num órgão ou função e liga-se indiretamente com o grau de satisfação que o indivíduo tem consigo mesmo. E por fim a estrutura *sociológica* que, derivando-se parcialmente dos intercâmbios pessoais, permite que a imagem corporal seja formada a partir da aprendizagem de valores culturais e sociais. Esta estrutura reflete especialmente as razões pelas quais pessoas de determinada cultura ou sociedade tendem a valorizar certas áreas, funções ou gestos.

SCHILDER (1994) afirma que a imagem corporal não trata apenas de uma mera sensação ou imaginação. Existe sim uma apercepção do corpo, indicando também que embora nos tenha chegado através dos sentidos é mais que uma percepção. Existem figurações e representações que fazem da imagem corporal uma construção onde ocorre uma avaliação contínua para descobrir que partes se encaixam no todo. São utilizadas para essa construção mais que as experiências presentes, mas também as passadas, e a função da memória é ter material pronto para nova organização. É, portanto, o resultado de um esforço e não pode ser mantida se esse esforço cessa. Falando de maneira paradoxal, a imagem corporal nunca é uma estrutura completa, nem estática, permitindo sempre tendências à ruptura.

A imagem corporal é uma unidade, unidade adquirida e não dada, que pode ser destruída, implicando em esforço contínuo para dar uma estrutura a algo dinâmico.

Sendo produto de um organismo vivo que tem implicado em si o movimento como um todo macroscópico, uma alteração em uma de suas partes, seja por doença ou traumatismo, não introduzirá modificações apenas na parte atingida, mas resultará em recomposição, na determinação de uma nova ordem, visto que foi necessária a criação de relações originais consigo mesmo e com os outros.

Considerando que a imagem corporal é formada não apenas a partir de registros de dados objetivos fornecidos pelas vias sensoriais e cinestésicas FARAH (1995) afirma que esses registros são também permeados de forma sutil e variada pelos significados afetivos e cognitivos adquiridos durante nossa vivência deles. Constituem-se em significados altamente individuais em sua atribuição ainda que socialmente construído. Tem-se, desta forma, uma representação simbólica altamente elaborada e complexa, um dinamismo ao mesmo tempo resultante, revelador e determinante das formas de relação do indivíduo com seu próprio corpo enquanto estrutura física objetiva. Esta representação interna constitui-se ainda como um dos principais determinantes da relação do indivíduo com o seu próprio corpo e do contato com o ambiente em que está inserido.

Temos então que a criação dessa imagem, que é absolutamente individualizada porém construída socialmente, constitui-se um meio de comunicação intra e inter-pessoal. Intra-pessoal na medida que permite ao sujeito a compreensão e percepção de fronteiras, independentemente de comandos ou ordens externas favorecendo um processo de desbravamento, ora recuando ora enfrentando, numa sucessão de estados que implica movimento

constante. E é inter-pessoal visto que a resposta que o sujeito obtém do meio, a partir de uma manifestação verbal ou comportamental é suficiente para que ele afirme sua condição ou a reformule adequando-se ao meio social a que pertence.

A imagem corporal é apreendida, portanto, através da organização social e cultural do grupo.

Situando o corpo enquanto dependente de um contexto social, cultural, relacional e pessoal, MAUSS (1974, p. 217) observa que

O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Ou mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo, o meio técnico do homem é seu corpo.

Esta perspectiva antropológica vem de encontro ao pensamento dos autores de orientação mais psicológica.

Apesar de parecer subjetiva e individualizada a imagem corporal é constituída a partir de relações, seja desde os primeiros momentos de vida do bebê seja na vida adulta convivendo nos mais diferentes grupos. Neste sentido SCHILDER (1994) afirma que a imagem corporal nunca está isolada, estando sempre cercada pelas imagens corporais dos outros.

A relação com as imagens corporais alheias é determinada pelo fator de proximidade ou afastamento espacial e pelo fator de proximidade ou afastamento emocional. Sendo relacional a imagem corporal é, em princípio, social, sendo assim nossa própria imagem nunca está isolada do contexto em que estamos inseridos, pelo contrário, está sempre acompanhada pelas imagens corporais dos outros numa demonstração de implicação e igualdade de importância, onde uma não pode ser explicada pela outra.

SCHILDER (1994) conclui afirmando que o modelo postural do corpo

não é estático e está sempre se modificando segundo as circunstâncias da vida. Ele é visto como uma construção criativa, construído, desmanchado e reconstruído, tendo nos processos de identificação, personificação e projeção um papel importante neste contínuo de construção, reconstrução e dissolução. Não há apenas uma mudança contínua de nossa imagem corporal, como também uma modificação constante de suas relações espaciais e emocionais com as imagens corporais das outras pessoas e com a construção das imagens corporais destas. A relação social das imagens corporais também não é uma *gestalt* fixa. Temos um processo de formação de uma *gestalt* ou uma construção criativa da imagem social.

A importância da relação que constituímos com o corpo é confirmada por PENNA (1989, p. 21) que discute o grau de envolvimento entre as presenças física, emocional e mental no mundo. A autora afirma que quando abordamos as complexas ligações entre o eu e o ambiente passamos inevitavelmente pelo corpo, porque ele é o meio através do qual e pelo qual tais relacionamentos podem ocorrer.

A consciência que temos de ser é criada a partir das condições trazidas pela inserção da mente numa corporeidade. Existo, logo penso; pois o homem e a mulher pensam, criam e sentem elaborando as experiências pessoais e estas são formadas desde muito cedo em um corpo sexuado.

Esses autores nos oferecem evidências de que o desenvolvimento da imagem corporal é fruto de uma criação subjetiva e social. Porém, seria possível afirmar que ele pode interferir nas relações sociais? Antes de tentar responder diretamente a esta pergunta há que se fazer um parêntese para diferenciar imagem corporal de esquema corporal.

Essa distinção é necessária porque, subjacente a ela, estão questões epistemológicas que envolvem modelos biológicos e psicológicos.

Para WAHBA (1982, p. 42) esquema corporal é

um modelo perceptivo do corpo como figuração espacial, para que este possa se localizar no espaço, bem como reconhecer e situar as estimulações a atitudes correspondentes. Este conceito é proveniente de uma visão descritiva, derivada do modelo médico, resultante do esforço das pesquisas neurofisiológicas e da psicologia experimental.

Já OLIVIER (1995, p.7) afirma que

observa-se uma tendência de uso do termo esquema na neurologia, enquanto a psiquiatria e a psicologia parecem preferir o emprego de imagem. Sendo as áreas de interesse e os métodos de pesquisa destas ciências distintos entre si, necessariamente os significados que atribuem ao fenômeno correspondem a concepções diferenciadas do mesmo (e, portanto, a posturas ideológicas específicas face a ele).

Dentro de uma perspectiva de estudo do movimento humano LE BOULCH (1987, p.25) chama atenção para a distinção que deve ser feita entre a realidade neurológica do esquema corporal e a realidade psicanalítica, imagem do corpo. Citando F. Gantheret, LE BOULCH escreve que

do corpo real ao corpo no fantasma, do esquema corporal à imagem do corpo, há toda a relação e a distância que existe, por exemplo, entre os elementos da realidade, da vigília e seu prosseguimento no sonho, isto é, num outro texto.

Fazer essa distinção entre imagem e esquema corporal tem por objetivo demonstrar que a utilização da terminologia não parece ser ainda universal. Ainda que esquema corporal sugira a percepção e a imagem corporal

a apercepção do corpo, as discussões não parecem suficientemente consistentes para uma afirmação dessa ordem.

Isso porque, vindo também da escola psicanalítica o psicólogo social PICHON-RIVIÈRE (1991b, p.127) vem participar dessa discussão oferecendo uma nova visão de imagem corporal afirmando que esta “é a imagem tetradimensional que cada um tem de si mesmo”, ou seja, uma imagem que inclui três dimensões de espaço - verticalidade, horizontalidade e profundidade - e uma de tempo. Esta quarta variável significa uma quarta dimensão na representação, que implica numa noção de processo e historicidade na imagem corporal. E aqui o autor discorda de Schilder ao escrever que o

esquema corporal é, em cada momento, a imagem congelada, cristalizada, de cada uma das imagens corporais que se sucedem no tempo, tempo esse assincrônico e não um esquema corporal como definia Schilder, que se refere a três dimensões temporais sincrônicas.

No entender de PICHON-RIVIÈRE (1991b) o esquema corporal se conforma através de senso-percepções que vêm do próprio corpo como também do corpo do outro. Neste ponto o autor indica cinco formas diferentes de receber informações através do córtex: sensações que vêm da superfície corporal, sensações que provêm do interior do corpo, sensações que provêm da tensão muscular, sensações que informam a postura corporal, sensações que provêm da percepção visual.

Considerando estas cinco diferentes formas de receber uma informação temos que a imagem corporal não é um fato que se dá de entrada como dado, mas sofre todo um processo para se constituir. Todo este processo de desenvolvimento do esquema corporal em relação com a imagem do corpo do outro permite a conexão da própria imagem do corpo de um indivíduo com o

corpo dos demais, conservando e desenvolvendo simultaneamente a identidade.

E, concluindo, PICHON-RIVIÈRE (1991b) afirmou que devemos entender o esquema corporal não como a representação empírica do próprio corpo, mas sim como a representação ‘fantasmática grupal’ constituída por todas os vínculos espaço-temporais.

Ao que parece, mais do que preocupado em diferenciar conceitos o autor buscou compreender a dinâmica das relações sociais através da referência do sujeito.

Considerando que o estudo do sujeito em si não é suficiente para explicar e compreender suas relações com o grupo e a sociedade, sem no entanto perder de vista sua concepção de corpo e movimento, o autor afirma que o ambiente social é não apenas um ambiente de pessoas, mas também o ambiente de uma cultura. Assim, os caracteres e a forma que tomam as atividades físicas e o movimento humano são determinados pelo quadro social. Cada sociedade, pela educação que ela define, impõe ao indivíduo um uso determinado de seu corpo.

Nessa perspectiva, diferentes culturas e sociedades produzirão e manifestarão diferentes imagens corporais que refletem um tipo determinado de práticas sociais e manifestações simbólicas. Poderíamos dizer que assim como o corpo, a imagem corporal é também uma construção cultural, com base no estudo feito por DAOLIO (1995, p. 36) que considerou que

Cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes. Todo homem, mesmo inconsciente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu corpo. Tornar-se humano é tornar-se individual, individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo.

Sendo assim poderíamos dizer que na medida que a imagem corporal

reflete a cultura do grupo no qual o indivíduo está inserido, este mesmo grupo sofrerá as influências dessa construção individual numa interrelação que é a própria razão de ser dos grupos sociais.

4 OBJETIVOS

Geral

- Compreender o processo de formação de vínculo, no âmbito de uma equipe de voleibol.

Específicos

- Identificar como os papéis sociais desempenhados pelos integrantes do grupo interferem no processo de formação de vínculo.

- Identificar as relações entre a apercepção da imagem corporal individual e grupal no processo de formação de vínculo.

5 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo restringiu-se à análise da avaliação das relações interpessoais e da representação da imagem corporal individual e grupal de uma equipe particular de voleibol, do sexo masculino, considerada de alto nível, que disputou o Campeonato Paulista de 1996. Neste estudo não foram consideradas as diferenças sócio-econômicas, ideológicas, políticas ou religiosas dos atletas, que poderiam interferir nas relações interpessoais. Para que generalizações sejam feitas esses fatos deverão ser levados em consideração.

6 MÉTODO

6.1 Amostra

A amostra dessa pesquisa foi uma equipe de voleibol de alto nível, composta por 12 atletas, do sexo masculino, oriundos de diferentes classes sociais, com idade cronológica acima dos 18 anos, que disputa os dois principais torneios brasileiros: o Campeonato Paulista e a Liga Nacional. Para efeito de análise a comissão técnica não foi incluída.

6.2 Coleta de dados

Os dados foram coletados no transcorrer do Campeonato Paulista de Voleibol de 1996, programado pela Federação Paulista de Voleibol. Foram realizadas entrevistas individuais, antes do início do trabalho interventivo no grupo, com duração aproximada de 40 minutos. Os desenhos e questionários sociométricos foram aplicados no início da primeira e da segunda fase do campeonato, na realização de sessões semanais com duração de uma hora e meia. A coleta de dados foi realizada pessoalmente pela autora deste trabalho.

6.3 Procedimentos

O procedimento utilizado nesta pesquisa engloba:

a) *Entrevista*

Seu objetivo foi obter dados sobre a história do atleta no esporte indagando sobre a prática dessa modalidade e não de outra, o percurso até o momento e se a atual equipe foi uma escolha ou uma condição compulsória.

b) *Teste sociométrico*

O teste sociométrico tem um caráter quantitativo que nenhum dos outros instrumentos utilizados nesta pesquisa pode oferecer. Ele foi

desenvolvido por MORENO (1972) com o objetivo de identificar e analisar os papéis e relações interpessoais envolvendo os membros de um grupo, a partir de dados obtidos por um questionário.

A avaliação é feita a partir de configurações encontradas, sendo elas: **membro isolado** - não recebe escolhas dos companheiros, permanecendo só no sociograma -; **par** - duas pessoas se escolhem -; **triângulo** - quando três pessoas se escolhem, definindo um sub-grupo -; **cadeia** - cada membro do grupo faz a sua escolha sem coincidir com a recíproca -; **círculo** essa configuração é semelhante à cadeia porém há a escolha do primeiro membro, fechando o rol de escolhas.

c) *Desenho da figura humana e do grupo*

O desenho da figura humana é um teste projetivo (HAMMER, 1991; Van KOLCK, 1984) que buscou indicadores de como o atleta via e percebia seu próprio corpo e qual a sua relação com o meio em que estava inserido. A avaliação desses dados pode ser obtida através da verificação de aspectos gerais do desenho - posição e localização na folha, tamanho relativo, qualidades do grafismo, resistências a desenhar, negação, deixar de completar a figura ou ausência de uma figura - , dos aspectos estruturais ou formais próprios do desenho da figura humana - tema (quem é retratado) e o tipo de imagem do corpo (realista ou compensatório), postura ou posição da figura, ação ou movimento, perspectiva, sucessão ou seqüência do desenho e comentário preliminar, proporções, pormenores, transparências, linha mediana, anatomia interna, articulações, simetria definida, complementos ao desenho -, e, finalmente, os aspectos de conteúdo - o corpo e suas partes, incluindo cabeça, cabelos, traços do rosto, olhos, nariz, boca, orelha, pescoço, braços, mãos e dedos, tronco, tórax, ombros, cintura, pernas e pé, roupa e acessórios.

Já o desenho do grupo ofereceu possibilidades de interpretação de como estava se dando a relação daquele indivíduo com os demais membros do grupo. Sua análise foi feita considerando os aspectos gerais do desenho - utilizando os referenciais do desenho da figura humana como parâmetro - , e aspectos estruturais e formais como simbolismo e antropomorfização.

d) *Intervenção*

Consistiu no trabalho psicológico, propriamente dito, envolvendo dinâmica de grupo, conscientização corporal, sensibilização e atendimentos individuais, quando solicitados.

e) *Relato das sessões*

As oito sessões são relatadas sucintamente como forma de oferecer subsídios para a compreensão da dinâmica grupal. Os relatos foram escritos ao final de cada sessão descrevendo os fatos ocorridos, os vários desdobramentos e as interpretações a partir das reações dos participantes.

6.4 Modelo para análise dos dados

É crescente a discussão em torno do uso de instrumentos como testes e questionários por profissionais que trabalham com psicologia do esporte (FOGARTY, 1995; NIDEFFER, 1981; ROWLEY, LANDERS, KILLO & ETNIER, 1995). A discussão parece girar não em torno dos resultados oferecidos pelos instrumentos, mas, principalmente, a interpretação que é feita desses resultados. Considerados isoladamente os testes podem não representar fidedignamente a dinâmica individual ou grupal. Isso porque para ser abrangente ele deve ser analisado e apreciado dentro de um contexto mais geral - quase sempre junto com uma anamnese ou entrevista - para que o sujeito ou o grupo seja avaliado enquanto uma gestalt, uma totalidade, não incorrendo no erro de em função da avaliação de uma parte querer justificar o todo. Dessa forma, os

instrumentos escolhidos para serem empregados em uma pesquisa são apenas mais um elemento dentro do conjunto que envolve estratégia, tática e modalidade de intervenção.

6.4.1 A entrevista

Diante dessas considerações os dados aqui apresentados foram analisados e interpretados à luz de conceitos da psicologia social e analítica. Sendo assim trabalhamos sobre o manifesto – o escrito, o falado – e o latente – o projetado e o não-dito.

Neste sentido, a entrevista, que na concepção de BENJAMIN (1993) é o tipo de diálogo no qual muitas pessoas, representando diversas ocupações, estão envolvidas a maior parte do tempo, complementarará os demais instrumentos, porém não será a fonte principal de dados nem de análise.

A entrevista, de acordo com FEIJÓ (1992) pode ser uma eficiente fonte de informações humanas, de que o psicólogo precisa para começar o seu trabalho de preparação com equipes esportivas. Percorrido todo o roteiro de encontros individuais ele estará em condições de iniciar suas reuniões coletivas com a equipe. Estas reuniões serão tanto mais facilitadas quanto melhor tiver sido o relacionamento dele com cada atleta, no encontro individual.

A posse desses dados podem ajudar a elucidar questões emergentes nas sessões como detalhes referentes aos desenhos e às configurações sociométricas.

6.4.2 O teste sociométrico

O teste sociométrico ofereceu a possibilidade de compreensão das redes relacionais, isso porque MORENO (1972) concebe a sociometria partindo da premissa de que o homem é um ser relacional e que a realidade social

configura-se como síntese, interpretação dinâmica de um universo subjetiva e intersubjetivamente vivenciado. Não costuma ser muito comum que a estrutura interna e profunda de um grupo, com suas verdadeiras motivações, possa ser detectável e apreendida apenas a partir dos aspectos aparentes e visíveis das ações e interações.

No entender de MORENO (1972, p. 47)

As relações humanas apresentam dupla direção. Os sentimentos que expressa uma pessoa em relação a outra apresentam o primeiro aspecto da questão; o outro aspecto compreende os sentimentos que suscita a seu respeito, em seu companheiro.

A sociometria concebida por Moreno é destinada a analisar fenômenos psico-sociais, pela aplicação de métodos quantitativos, visando atingir as relações interpessoais em seus quadros e processos. De acordo com BUSTOS (1979, p.12) o desenvolvimento do método do teste sociométrico

Corresponde ao período de ‘furor métrico’ de Moreno. Como toda sua obra, esta também é a expressão de uma de suas crises vitais... A crise métrica concebe a sociometria, que logo dá lugar às bases teóricas do psicodrama e psicoterapia de grupo, chegando assim a conter mais do que o nome declara.

Segundo KAUFMAN (1993, p.46) a preocupação constante de Moreno com os aspectos sociais acaba por levá-lo a considerar a propor aquilo que chamou de revolução sociométrica, onde

busca construir um método experimental para as ciências sociais, pelo qual possa encorajar cada indivíduo a encontrar a sua família sociométrica, ou seja, um lugar de convivência afetiva baseado nas próprias escolhas.

Com esse objetivo desenvolve o teste sociométrico, um instrumento de pesquisa realizado a partir do interior do grupo, que busca confirmar a existência de certos padrões característicos da organização grupal, suas expressões e configurações no momento da aplicação, a interdependência entre a qualidade dos vínculos e as ações produzidas.

O teste sociométrico é um método de investigação que tem como objetivo facilitar a compreensão das redes de vínculos que configuram a estrutura dos grupos humanos através de três sinais possíveis: positivo (aceitação); negativo (rechaço) ou neutro (ambivalente). Esse teste vem se situar nos vínculos entre as pessoas que compõem o grupo, visando estabelecer em que medida elas se vinculam e também determinando a intensidade desse vínculo.

As informações obtidas pelo teste sociométrico, de acordo com BASTIN (1986) servem para identificar a posição social de cada elemento do grupo. Se, além dos índices de preferências e de rejeições recebidas, se fazem intervir outros índices, pode-se obter, para cada membro, um conjunto de traços característicos: o seu 'estatuto sociométrico'.

O produto final deste método é o sociograma, que concretiza as redes sociométricas e configurações de um grupo.

A validade do teste sociométrico é dada a partir da formulação de eleições hierarquizadas. O lugar para o qual uma pessoa é eleita é fundamental. Sendo assim, esse dado será analisado a partir de três referenciais:

a) Intensidade da eleição. Diz respeito ao índice de escolhas que uma ou mais pessoas alcançou dentro do grupo.

b) Mutualidade. É o encontro entre duas ou mais pessoas que se elegem com um mesmo sinal – negativo, positivo ou neutro.

c) Incongruência. É o desencontro que ocorre quando duas pessoas se

elegem mutuamente com sinais diferentes.

Além das posições sociais de cada elemento do grupo, através do teste sociométrico pode-se obter, para cada elemento da equipe, um conjunto de traços característicos que é aquilo que BASTIN (1986) chamou de estatuto sociométrico. Segundo esse autor bastará fazer variar os critérios de preferência, pondo em evidência ora as relações afetivas, ora as relações de ascendência-dependência, ora as relações mais contratuais, para se poder emitir um diagnóstico sério sobre a posição social de cada elemento, no grupo estudado.

Especificamente no nosso caso o teste sociométrico estará sendo usado com o objetivo de identificar a figura de liderança da equipe e as relações de afetividade para reforçar ou refutar os elementos surgidos a partir da interpretação dos desenhos.

Os dados foram analisados através das frequências (maior, média e menor) atribuídas pelos atletas àqueles companheiros com quem mais ou menos se identificavam na equipe dentre o conjunto de respostas obtidas junto aos doze sujeitos da pesquisa.

Para que a identidade dos atletas seja preservada adotaremos como referência os números utilizados na sociometria para identificação de cada um deles ao longo de todo o trabalho. Os algarismos aqui sugeridos não têm relação com o número da camiseta usada pelos atletas em situação de jogo.

6.4.3 Os desenhos da figura humana e do grupo

Por melhor elaborado e articulado que pareça o discurso pode oferecer armadilhas. A forma como uma pergunta é feita, a seleção das palavras utilizadas com a preocupação de não se contaminar a resposta ou todos os outros cuidados relacionados ao estudo do discurso ainda deixam o sujeito numa situação que não é exatamente a livre associação.

Sabe-se através de registros históricos que o homem utilizou-se de desenhos para registrar seus sentimentos e ações muito antes de empregar símbolos que registrassem especificamente a fala. O homem alcançou o estágio do uso da linguagem escrita há pouco mais de dois mil anos. Segundo HAMMER (1991), o homem primitivo tentava dar permanência à sua expressão unicamente por meio dos desenhos. Considerada a partir deste ponto de vista, a comunicação por meio de desenhos é uma linguagem elementar ou básica.

Estudando e validando o uso de técnicas projetivas – e o desenho da figura humana – há mais de três décadas, Van KOLCK (1984) afirma que o significado psicológico do desenho da figura humana tem suas bases no conceito de imagem corporal. Afirma que o indivíduo ao atender a solicitação “desenhe uma pessoa” lança sobre o papel a imagem corporal que possui de si e que se torna veículo de expressão de sua personalidade.

Outros autores fizeram uso do desenho da figura humana com o objetivo de investigar a imagem corporal, como LOWEN (1979) que defende os desenhos da figura humana por tornar visíveis muitos aspectos da imagem corporal da pessoa. Eles contam o grau de integração, o estado de harmonia entre as várias partes do corpo, sentimento em relação à superfície do corpo, a aceitação das características sexuais, o estado de espírito básico que o corpo revela e a atitude geral em relação ao corpo. Para o autor uma das razões que levam os desenhos da figura humana a serem tão reveladores é que, ao executá-los, a pessoa não possui outro modelo que não a sua própria imagem corporal para se guiar. Portanto, ela deverá expressar no desenho a forma como percebe o seu próprio corpo.

MACHOVER (1950, p.349), numa obra clássica sobre o uso de desenhos em processo de diagnóstico, refletiu sobre a projeção da imagem corporal no desenho da figura humana e afirmou:

Quando alguém se dispõe a desenhar uma pessoa deve, necessariamente, referir-se a todas as imagens de si próprio e de outras pessoas que povoam sua mente. Desde que a organização do eu em termos de foco central e atitudes é essencialmente seletiva, isto é, desde que é um produto de experiências, identificações, projeções e introjeções, segue-se, naturalmente, que a imagem composta que constitui a figura desenhada está intimamente ligada ao eu em todas suas ramificações. Constitui uma legião o número de pessoas individualmente conhecidas por nós, e no processo de criação da figura humana, alguns determinantes conscientes e outros inconscientes estão trabalhando para nos levar a uma representação do corpo fluentemente unida. Determinantes morfológicos e de idade e sexo constituem as fontes mais gerais das quais obtemos aspectos pertinentes a nós mesmos. Imagens de estereótipos culturais e sociais contribuem também para a nossa concepção de uma pessoa... E, combinando com elas, as imagens decorrentes de nossa própria e privada experiência, única para nós mesmos. Todas essas imagens se entremeiam ou se incorporam para produzir a complexa e sutil projeção do eu. Em um nível mais inconsciente são adicionados os símbolos que têm significado universal.

Embora menos estudado o desenho do grupo vem sendo utilizado por profissionais que desenvolvem o sociodrama como recurso para ampliar a percepção que os indivíduos têm do grupo ao qual pertencem. Os meios utilizados para sua interpretação seguem a linha do desenho da figura humana, uma vez que também o desenho do grupo é projetivo, e como tal, nele as expressões gráficas podem ser simbólicas ou antropomórficas.

6.4.4 Relato das sessões

O relato das sessões vem demonstrar o tipo de trabalho de intervenção psicológica desenvolvido com a equipe sem, no entanto, que seja nosso objetivo interpretá-las uma a uma, dentro de um modelo clínico.

Com base nos relatos buscou-se subsídios para esclarecer o processo

da dinâmica do grupo, visto que o objeto de análise recai sobre o indivíduo na relação. Dessa forma pode-se observar o desenvolvimento do processo grupal e o conseqüente reflexo no processo das relações do grupo.

7 RELATO DAS SESSÕES

7.1 Primeira sessão

Essa sessão aconteceu depois que entrevistas individuais foram realizadas com cada um dos membros do grupo. Todos os atletas chegaram pontualmente à sala. Da comissão técnica que havia sido convidada a participar apenas o preparador físico estava presente. O auxiliar técnico dava treino para o juvenil e o técnico ficou preso no trânsito.

Este foi o momento em que, reunido todo o grupo, estabelecemos o contrato e apresentamos nossa proposta, que envolvia dinâmica de grupo, consciência corporal e dramatizações, a partir de temas emergentes na sessão, sem um roteiro prévio estabelecido.

Esta sessão foi dedicada ao jogo que aconteceria no dia seguinte, abrindo o campeonato. O trabalho começou com a solicitação de que fechassem os olhos, simplesmente porque a visão é sempre um estímulo muito forte, e nada mais. Se alguém achasse incômodo que poderia mantê-los abertos.

Falamos que dentro de alguns minutos alguém seria chamado para vir ao centro do círculo falar alguma coisa muito pessoal com a maior sinceridade e honestidade possíveis. Diante disso que cada um observasse as reações e sensações que estavam ocorrendo. Como o corpo reagia, quais as imagens criadas que lhes vinham à mente, qual a vontade que transparecia no momento. Esperamos um pouco e foi possível perceber que o atleta 5 mudou de posição, o atleta 1 mexia a perna impacientemente, o 11 e o 9 franziam as sobrancelhas.

Posto isso foi solicitado que eles observassem as reações do corpo, as idéias que surgiriam, que vontade apareceria a partir do momento que lhes dissesse que não chamaria ninguém para o centro. Neste momento 6 relaxou as pernas tensas abrindo-as como asas de borboleta; 7 soltou o maxilar; 5 soltou os pés que se abriram como um leque; 9 desfez as rugas da sobrancelha e adquiriu um expressão serena.

No retorno foram verbalizadas as observações. O primeiro a falar foi 4 dizendo que sentiu um grande frio na barriga. Em seguida 7 disse que sentiu a respiração mais ofegante, 11, 2 e 5 falaram em frio na espinha e na barriga, e 9 arrematou dizendo que não acreditava que alguém não tivesse sentido frio na barriga ou algo assim.

Perguntado como tinham se sentido quando receberam a instrução de que não chamaria mais ninguém para se apresentar o atleta 1 disse ter se sentido “chavecado”, enganado. Depois 6 falou que se sentiu aliviado, 8 disse que ficou o tempo inteiro dizendo para si mesmo que não seria chamado, que eu não faria isso com ele e 3 falou que foi ótimo saber que não teria que falar nada.

Explicamos que o objetivo dessa dinâmica era experienciar o quanto sofremos pelo futuro, ou seja, pelo imprevisível, por uma situação que pode ou não acontecer. Falamos sobre a ilusão que o futuro pode representar e sobre a realidade presente, o aqui e agora, e que até o jogo do dia seguinte ainda tinha toda a sessão que estava acontecendo, o treino, uma noite de sono, o treino da manhã seguinte e várias coisas acontecendo nesses intervalos.

Passamos então à segunda atividade. Foram divididos em dois grupos de seis pessoas e o preparador físico ficou de fora. Dadas as instruções, começamos uma dinâmica conhecida como pêndulo, onde é formado um círculo e um dos participantes vai para o centro e os outros cinco ficam de fora para fazer a sustentação. Em um grupo ficaram os atletas 9, 10, 8, 6, 1 e 4 e no outro

4, 5, 2, 12, 7 e 11. Os grupos começaram com o atleta 4 no centro de um grupo e 7 em outro. As instruções foram dadas no sentido de que começassem com o círculo mais fechado para que pudessem ir adquirindo confiança e depois que ele fosse sendo aberto até onde quem estivesse no centro pudesse suportar ser pego.

Com muito barulho e curiosidade a atividade começou. O atleta 7 fazia de olhos abertos e a todo instante mexia os pés do lugar, enquanto 4 se sentiu à vontade rapidamente e logo o grupo se abriu. Pouco a pouco 7 também foi se soltando, fechou os olhos e conseguiu participar efetivamente. Trocaram-se as pessoas. De um lado tivemos 5 que foi para o centro e no outro 8, cujo grupo estava excitadíssimo, fazendo muito barulho e aparentando realizar a proposta com muito envolvimento e vontade. Estabeleceram estratégias e passaram a estudar posições para os pés para ganhar maior estabilidade. Começaram a ousar mais. No grupo do atleta 5 houve uma preocupação em realizar tudo com segurança, uma vez que ele era muito pesado exigindo um grande esforço do grupo para sua sustentação. Faziam a atividade com velocidade o que causava maior desconforto para quem estava no meio.

Nova troca, 6 e 3 vão para o centro. Os grupos já estão mais confiantes passaram a ousar mais nos movimentos. Ainda havia muita conversa, muita risada. Troca. Vão para o centro 11 e 1. Logo no início 11 demonstrou confiança e rapidamente foi conduzido no movimento do grupo. Do outro lado 1 tem dificuldade de fechar os olhos e de ser amparado pelos companheiros. Ele abre os olhos, move os pés, se desloca e as pessoas do grupo falam da necessidade de ter confiança nos demais. O barulho é tanto que desconcentra o outro grupo. Mesmo assim o grupo de 1 insiste para que ele tente novamente, conseguindo por fim alcançar o objetivo. Enquanto isso, no outro grupo 2 foi para o centro e a atividade começou com as pessoas trocando de posição para que ele perdesse o referencial. Ele ria muito e reclamava, mas não abria os olhos. Soltou o corpo e,

literalmente, se deixou nas mãos de seus colegas. Em virtude de seu peso e tamanho as pessoas se organizavam em duplas ou trios para ter mais apoio e não correr o risco de um acidente.

Quando a atividade foi dada por encerrada e antes de iniciarmos os relatos, os dois grupos foram em direção ao preparador físico e o colocaram na roda. Ele não resistiu, se soltou e experimentou ser seguro pelos 12 atletas.

Os relatos dessa atividade foram:

Atleta 1. “Foi uma sensação péssima de que não vão conseguir te segurar e você cairá.”

Atleta 4. “Por ter sido o primeiro achei que foi muito difícil.”

Atleta 9. “Como eu fui o último, achei que foi bom. Larguei o corpo e deixei rolar.”

Atleta 5. “Foi difícil confiar, mas quando percebi que dava foi bom.”

Atleta 7. “Foi uma boa demonstração de como é difícil confiar no outro, mesmo dizendo ao contrário.”

Diante da pergunta de como tinha sido a experiência de segurar, as respostas foram:

Atleta 3. “Não teve nenhum problema. É mais fácil segurar do que ser seguro.”

Atleta 11. “Ainda não dá pra dizer que se tem confiança no outro.”

Atleta 2. “Falta tempo para poder se dizer isso com naturalidade.”

Terminada essa etapa propusemos uma atividade de senso-percepção com a atenção dirigida a cada membro e em seguida foi solicitado que fizessem o desenho da figura humana (ANEXO I), o desenho do grupo (ANEXO II) e o teste sociométrico (ANEXO III).

A percepção que ficou dessa primeira sessão foi que o grupo ainda estava muito fragmentado e, em função disso, a confiança não estava

incorporada ao seu repertório. Como a equipe foi formada às vésperas do campeonato e muitos dos atletas vieram por falta de opção de uma equipe melhor o discurso dos atletas, tanto nas entrevistas individuais quanto nas manifestações diante do grupo, era de muita cautela e desconfiança. Não pudemos perceber, ainda, uma preocupação com a equipe como um todo, mas sim, uma preocupação egoísta, no sentido de produzir mais individualmente para poder se destacar e conseguir um time melhor para a próxima temporada.

7.2 Segunda sessão

Foi realizada em seguida ao treino que aconteceu depois de um período de descanso em função do ritmo de treinos e jogos. Essa foi uma das razões para a escolha da atividade realizada. Optamos por trabalhar com bolas sob os pés, uma técnica que BERTHERAT & BERNSTEIN (1986) chamaram de anti-ginástica.

Foram trabalhados ambos os pés, cada um no seu ritmo e no seu tempo. Quase todos reclamaram de algum tipo de dor. Depois, deitados em decúbito dorsal, utilizando o próprio movimento foram massageando as costas, cada um com a sua bolinha, individualmente. Os atletas 8, 10, 6, 7 e 9 foram os que mais se envolveram. Apesar de 2 também participar efetivamente reclamou de muita dor. Ao final, tirada a bolinha das costas foi feito um relaxamento com visualização: praia, sol, água, caminhada e retorno ao ginásio. Todos, sem exceção, estavam envolvidos com a atividade, inclusive o técnico, o preparador físico e o massagista participaram.

Ao final foram dadas as instruções de retorno e ninguém, absolutamente, se moveu. Após algum tempo foi dada nova instrução e apenas 11 abriu os olhos. Mais uma vez foi solicitado que mexessem os dedos dos pés e das mãos, respirassem profundamente e abrissem os olhos. Ao abrir os olhos 2

olhou para os lados, e ao ver que ninguém se mexia também voltou a fechá-los. Chovia bastante e o tempo começou a esfriar, então 6 pediu uma camiseta para proteger o peito. Para que despertassem cada um deles teve os dedos dos pés levemente tocados. Uns reagiram imediatamente - 2, 11, 9 e 6 - outros nem se moveram. Pela quarta vez as instruções de retorno foram dadas e então eles começaram a mudar de posição e efetivamente despertar.

No retorno mantiveram-se em círculo e disseram que por conta do barulho da chuva não foi possível escutar as instruções até o fim, mas que ainda assim tinha sido possível relaxar de verdade.

Relatos da vivência.

Atleta 11. “A bolinha nas costas doeu muito, mas depois que tirei foi uma sensação maravilhosa.”

Atleta 8. “Dá vontade de dormir a tarde inteira.”

Atleta 9. “Sobre a instrução da praia, era possível me ver lá, andando na areia, com a minha namorada.”

Os atletas 5, 3 e 6 concordaram.

Atleta 4. “Eu não queria mais sair dali.”

Atleta 7. “Dormi profundamente.”

Solicitamos para que prestassem atenção às reações de humor, apetite ou qualquer coisa que acontecesse fora do habitual.

O círculo foi desfeito e 7 veio dizer que durante o relaxamento tinha sonhado com tufão, muita chuva e muito vento.

7.3 Terceira sessão

Realizada após um jogo perdido.

Começamos com uma pergunta sobre o jogo. A resposta demorou a chegar. Ninguém queria falar. Perguntamos qual tinha sido a diferença desse

jogo para o primeiro (que também terminou com placar adverso). Os depoimentos começaram por 7 que disse que neste errou-se muito, mas que o jogo foi bom, e que naquele primeiro não se jogou. Em seguida 9 falou que a ansiedade foi muita e que por conta disso sobraram erros. Faltou o time falar mais. A sugestão de 8 veio no sentido de que o time tinha tudo para ganhar mas faltou tranquilidade para fechar o jogo no quinto set.

Observamos que para quem olhava de fora o que se via era uma equipe vibrante, cheia de energia até o décimo ponto do quarto set. Então, o time se calou e com isso o adversário cresceu. Faltou comunicação e solidariedade. Lemos o texto do solidário e o solitário (ANEXO IV). Nesse instante o atleta 7 fez uma expressão de quem teve um insight ao ler o texto.

Sugerimos um trabalho com som, onde eles imitassem as vozes e ruídos de uma floresta como vento, folhas, sons de animais. Os atletas foram sendo estimulados para que os sons aparecessem. Demorou quase cinco minutos para que o atleta 8 soltasse um ‘coach’. Ele riu muito e os outros também. Não demorou muito e 11 começou a imitar um passarinho, seguido de 9 que tentou soltar uns sons. Nisso 8 se empolgou e soltou um rugido de leão. Todos abriram os olhos e riram. Depois 6 imitou uma arara e 3 fez um som com as mãos e se deitou. Após um tempo o preparador físico começou a fazer som de vento. Os atletas 4, 5, 12, 7, 10 e 2 não se manifestaram. Mantiveram-se de olhos fechados, de vez em quando riam dos sons alheios, mas não conseguiam emitir o seu próprio.

Passados quase 15 minutos de atividade 8, 6, 9 e 11 já não tinham a mesma motivação para continuar. Os atletas 3 e 5 deitaram-se e dormiram. Fomos encerrando a atividade propondo um novo exercício com voz mas dessa vez trabalhando sobre o som das vogais.

Solicitamos que fossem repetidas as cinco vogais e que depois cada

um escolhesse uma para que todos repetissem ao mesmo tempo. Na etapa seguinte, dissemos que um por um iria ao centro do círculo onde então falaria seu nome, apelido e a vogal que tinha escolhido para então o grupo chamá-lo pelo nome e apelido das mais variadas formas e entonações e, por fim, repetissem a vogal escolhida.

Dadas as instruções começamos a prática. A primeira vogal - A - saiu fraca e curta. A segunda - E - já saiu um pouco mais vigorosa e longa e as três últimas saíram com o ar dos pulmões, assim como a escolhida por cada um.

O primeiro a ir para o centro do círculo foi 4. Falou seu nome e nenhum apelido e a vogal A. Para surpresa geral, o grupo começou a chamá-lo pelos mais diferentes apelidos, repetiam situação de jogo, afrontaram-no e quando chegou o momento da vogal o grupo todo se aproximou e falou a vogal gritando-a como um insulto.

Em seguida veio 7. Ele tirou no par ou ímpar com 5 e parecia estar muito ansioso para passar pela experiência, mas ao mesmo tempo, tinha muito receio.

Todos passaram pelo centro do grupo. Durante a atividade 10 não falou com nenhum dos atletas que passou pelo centro. A princípio 2 não conseguia falar, mas a partir do oitavo atleta também se manifestou. Ao final queriam que o preparador físico fosse para o centro, mas ele se recusou.

A interpretação que fizemos para o grupo da atividade veio no sentido de revelar a dificuldade de se expressar pela voz, ainda que em alguns momentos ela não demonstrasse qualquer sentido.

Falamos da necessidade de se prestar atenção à segunda proposta, ao que tinha sido solicitado e ao que foi executado. Retomamos a proposta do trabalho que era para que a pessoa do centro fosse chamada pelo nome ou apelido e nada mais, mas que, espontaneamente, foram surgindo apelidos, mais

grosseiros ou generosos, ofensas e que a proposta inicial sofreu um desvio de caminho. Foi perguntado ao grupo como tinha sido ouvir.

Atleta 9. “Foi diferente ouvir tudo isso aqui, nesse contexto, e dentro da quadra. Tá na cara que era brincadeira e que não seria possível revidar.”

Atleta 7. “Não é agradável ouvir certas coisas, mas a gente tolera porque a gente está aqui com você. Isso deve ter algum sentido.”

Atleta 9. “É possível perceber a voz de uns, mas faz falta ouvir a voz de outros.”

Ninguém mais se manifestou, ainda que 4 e 5 parecessem querer falar sem, no entanto, conseguir se expressar.

O que se percebeu dessa sessão foi uma resistência ímpar à tarefa. Fosse em forma de silêncio, fosse em forma de sabotagem, o que se viu foi uma recusa em se trabalhar com a verbalização, uma das principais vias de comunicação. Nossa impressão é que fora do contexto de jogo e treino o que prevalece são as brincadeiras ou chistes, caracterizados em análise de grupo sociométrico como mecanismos de defesa, que não ameaça aquilo que se quer preservar - egoidade, privacidade etc.

Nessa sessão pareceu, que essa condição foi de fato ameaçada, e mais uma vez a forma para se defender dessa situação foi através da brincadeira, mas uma brincadeira repleta de agressividade, agressividade essa que não pôde ser manifestada e elaborada na situação de jogo ainda tão presente.

7.4 Quarta sessão

No início da sessão desse dia o atleta 1 estava passando por uma cirurgia no joelho. Então, começamos com cada um, a seu jeito, da sua forma e no seu ritmo pensando nele e desejando ou mandando lá um pensamento positivo ou coisa assim.

Nesse momento o atleta 9 diz que qualquer um poderia estar naquela situação, e 4 e 7 concordaram. Sem olhar para o grupo 2 fez algum comentário sarcástico com 10 e riram. Por uns dois minutos cada um se concentrou como quis. O último a acabar foi 3.

Em seguida apresentamos o objetivo da sessão e falamos da respiração e da concentração relaxada. Nesse momento chegou o técnico, pegou um colchonete e se juntou ao grupo. Estavam presentes à sessão os atletas 8, 9, 5, 11, 7, 10, 2, 4, 6 12, 3 e um juvenil.

Perguntamos se alguém já tinha reparado em como uma criança respira. Depois das piadas falamos que uma criança respira utilizando os pulmões e vemos a barriga dela subindo e descendo, naquilo que chamamos de respiração abdominal. Esse tipo de respiração além de ampliar a capacidade de respiração proporciona um estado de relaxamento.

Dito isso solicitamos que deitassem e experimentassem essa forma de respiração. Aqueles que não conseguissem ou encontrassem dificuldades que colocassem as mãos abaixo do umbigo e percebessem o movimento de extensão e contração do abdômem. Que a experiência fosse repetida umas três ou quatro vezes.

Em seguida foi explicada a proposta de Relaxação Progressiva de Jacobson (SANDOR, 1982). Perguntamos se todos se conheciam o suficiente para saber sobre seu estado de tensão e relaxamento. Começamos pelos pés e fomos até a cabeça passando por toda a seqüência do exercício (ANEXO V).

Foi possível perceber que mais uma vez todos, sem exceção estavam na tarefa. É comum algumas pessoas dormirem neste exercício quando feito em grupo, mas, neste caso, isso não aconteceu. Além de todos permanecerem acordados eles estavam participando ativamente da tarefa. Isso ficou claro, por exemplo, quando a atenção se voltou para a mão sendo solicitado, em seguida

que relaxassem.

O atleta 12 não conseguiu soltar as mãos. Manteve-as tensionadas como se fosse dar um soco em alguém. Quando chegamos nas expressões faciais todos experimentaram caretas, expressões franzidas de testa ou sobrancelhas.

Terminado o relaxamento começamos uma proposta de visualização com cada um criando a sua imagem a partir de uma boa experiência que já tenha acontecido e daquela que se deseja ver acontecer. Falamos dessa experiência ter um cheiro, uma consistência até chegarmos a uma palavra que a sintetizasse. Falamos então para que cada um cuidasse da sua imagem, cultivasse-a como uma planta e fosse tratada como um animal de estimação. Ficamos nessa atividade por aproximadamente 10 minutos.

Em seguida abrimos o grupo para as expressões verbais. Perguntamos como tinha sido a experiência com a respiração e a contração/descontração, ao que 9 e 8 responderam ter sido interessante experimentar, que era difícil conseguir respirar com a contração de algumas partes. Em seguida 11 disse que na segunda respiração profunda ele teve vontade de dormir.

Depois falamos sobre as imagens, começando por 9 que disse que nesse momento ele 'viajou'; 7 disse que no jogo contra a O. ele entrou pensando na vitória e foi assim até o final. Sem perder tempo 9 emendou e falou que aquilo ajudou a desconcentrar um atleta do time adversário e contou uma estória do outro time onde já tinha jogado.

Em seguida o técnico interveio dizendo da importância daquilo, que aquele trabalho estava fornecendo ferramentas preciosas e que cada um tinha que aprender a fazer uso delas. Que, no entanto, a psicóloga não tinha nenhum pozinho mágico de auto-confiança, auto-controle ou auto-estima, que cada um teria que aprender a desenvolver e fazer uso disso. O preparador físico associou aquele trabalho com a preparação física falando do rendimento que se pode ter se

trabalharmos de forma integrada.

Esboçando um esforço 5 tentou falar alguma coisa, mas recuou. Falamos da importância de todos se posicionarem ao que 4 retrucou dizendo que 9 já tinha conseguido falar tudo o que os demais gostariam de ter dito.

Encerramos a sessão oferecendo a devolutiva individual dos desenhos, sendo que 8 e 5 marcaram horário no mesmo instante e 4 veio conversar falando de seu desânimo, da falta de estímulo para treinar, da fase ruim que estava atravessando. Conversamos sobre isso e por fim falamos para que procurasse o técnico e tentasse conversar sobre esse fato. Ele falou da dificuldade em falar da sua vida pessoal. Sugerimos, então, que não falasse sobre isso diretamente mas da interferência disso no seu rendimento.

7.5 Quinta sessão

Essa sessão foi marcada pela presença de atletas do time juvenil que vieram substituir os atletas adultos afastados por contusão.

Acabado o treino começamos a sessão. Trabalhamos com vários materiais para colagem: papel cartão, sulfite de duas cores, lápis e canetas coloridos, cola, tesoura, tinta, giz de cera e lenços para vendar os olhos.

Foi solicitado que fizessem duplas, de preferência, com pessoas que normalmente não tinham o hábito de trabalhar. Feito isso pedimos para que um dos integrantes vendasse os olhos. Em seguida foi explicado que a pessoa que ficou de olhos abertos teria as mãos atadas e seria os olhos do outro que teria as mãos disponíveis para a tarefa. Explicamos que o objetivo da atividade era que a dupla, usando o material que estava no meio do círculo, fizesse alguma produção que representasse a situação de jogo.

Dito isso imediatamente as duplas começaram a trabalhar. Todos, sem exceção, se puseram em movimento e começaram a produzir.

Os atletas 8 e 12 pegaram papel cartão e 12, de olhos vendados, era orientado por 8 a recortar, com a tesoura, um retângulo para representar em três dimensões a quadra. 8 com muita paciência e preocupação com os detalhes dava todas as instruções.

De olhos vendados 2 pegou uma folha de sulfite e o preparador físico, de mãos atadas, dava as coordenadas para que uma quadra fosse desenhada.

Com as mãos atadas 7 trabalhou com 11 de olhos vendados. Pegaram papel cartão, recortaram, e apesar de pedir tesoura para quem já tinha usado, não receberam resposta.

Um atleta do juvenil que participava da sessão pegou uma folha de sulfite e desenhou uma situação de jogo com 5 orientando.

De mãos atadas 10 orientava outro atleta do juvenil, que pegou uma folha de papel cartão, várias canetas, um tubo de cola e uma tesoura e esconderam sob as pernas para que ninguém os pegasse. Também começaram a reproduzir uma situação de jogo.

A opção de 9, com outro atleta de juvenil de mãos atadas, foi produzir um desenho com canetinha em papel cartão.

Com os olhos vendados 3 recortou o papel cartão junto com 6 que dava as coordenadas.

Quando todos já tinham discutido suas idéias e já estavam em meio à produção, as pessoas da dupla inverteram os papéis. Quem estava de mãos atadas vendou os olhos e vice-versa. Nesse ponto do trabalho o técnico e o auxiliar estavam observando todo o movimento do grupo e a produção que estava acontecendo.

Os atletas 8 e 12 fizeram uma quadra tridimensional com rede no meio e seis jogadores para cada lado, com empenho, dedicação e muito cuidado. Disseram que era difícil produzir de olhos fechados, mas que, para 8, que tinha

visto o começo, não foi difícil terminar o que estava começado.

Os atletas 7 e 11 produziram uma caixa que simbolizava o ginásio, com uma quadra dentro. 11 falou que ter visto primeiro facilitou e que, estando de fora, as vezes, a gente vê coisas que não consegue perceber quando está dentro da situação. Perguntado se ele era capaz de transportar isso para o momento do jogo, ele disse que estando dentro do jogo é difícil mas para quem está no banco é bem mais fácil, mas quem está dentro não tem paciência para escutar.

Uma quadra com seis jogadores de cada lado foi produzida por 2 e um dos juvenis. A impressão deles recaiu sobre a dificuldade de executar um movimento sendo comandado por alguém, mas com o domínio da visão a tarefa fica facilitada. Questionamos sobre o significado disso. Eles pensaram e não responderam. Falamos que ouvir e falar são os sentidos menos desenvolvidos e mais difíceis de se exercitar e que o reflexo disso podia ser visto na quadra. Todos vêm o jogo, porém, não se escutam e não se falam.

Já 5 e sua dupla reproduziram o desenho de um saque (foi isso que os dois treinaram basicamente toda a semana) colocando seis atletas em quadra e mais seis no banco e a comissão técnica também. Disseram que foi uma experiência legal.

O desenho da dupla composta por 10 e por um dos atletas juvenis representou um atleta comemorando a vitória e pensando na pizza de depois do jogo. Disseram que não foi fácil fazer e que 10 não usou o material que seu parceiro sugeriu (tinta para pintura a dedo). 10 falou que não foi fácil confiar no que o outro dizia apesar de ter visto o desenho na primeira parte.

Os atletas 9 e sua dupla fizeram um grande coração no centro do papel, de um lado 6 jogadores e do outro 7. 9 falou que aquele coração poderia estar sendo visto como um saco, o saco cheio pelo jogo perdido, e que quando

“a gente ganha parece que estamos jogando 6 contra 6, mas quando o time começa a perder parece que tem 7 do outro lado”. Perguntado sobre como foi trabalhar em dupla com uma pessoa que ele pouco conhece, ele respondeu que a dificuldade maior foi que sua dupla falava pouco, mas falou o que era preciso. Ao perguntarmos, então para o atleta que fez dupla com 9 como tinha sido, e ele laconicamente responde ‘tudo bem’.

Observamos o fato de que os juvenis se mesclaram com os atletas do time adulto, dando uma produção muito interessante, e que se procurasse atentar como se daria essa relação em situação de treino e jogo.

Por fim chegamos a 3 e 6 que trabalhou por último de olhos vendados. Produziram um tubo colado à base de cartão e disseram que produziram um recipiente que comportasse a alegria de jogar, a vontade, o “tesão”, a alegria da vitória. E que eles quiseram criar um espaço onde isso pudesse ser colocado e não pudesse escapar. Perguntamos como foi trabalhar em dupla. 3 falou que a maior dificuldade foi ouvir sem poder discutir, que aquilo parecia uma ordem. 6 concordou dizendo que o que ouvia era ‘faz isso, pega aquilo’, mas que como ele confia em 3 que não hesitou em corresponder, mesmo no momento em que ele deu a tinta para pintar com a mão.

Todos os depoimentos foram marcados por muito barulho de quem estava de fora. O ouvir com paciência e respeito ainda era um ideal. A ansiedade de ouvir e se identificar na fala do outro levava, quem estava de fora, a resistir, se defender fazendo piada e gozação, para não refletir sobre a fala do outro.

Fizemos o fechamento dizendo que aquela situação de sessão poderia ser transportada para treinos e jogos na medida que ouvir e falar permeiam nossa vida em todas as situações. Que não bastava apenas querer falar, mas era preciso perceber como falar e como ouvir.

Terminada a sessão o técnico me chamou para falar e disse que foi

muito bom o que aconteceu e como aconteceu. Que eles conseguiram refletir sobre coisas que normalmente não pensavam.

Essa pareceu ter sido a sessão mais produtiva de todas até aqui.

7.6 Sexta sessão

Realizada na própria sala de musculação, já que só havia a equipe fazendo condicionamento físico lá, foi uma sessão que surpreendeu pelo conteúdo.

Iniciamos, como nas outras semanas, com um 'e aí'. Depois de um pouco de silêncio 7 começou falando que não estava nada bom, que era preciso se falar sobre o que tinha acontecido no jogo e depois dele. Falou que aquela confusão estava fazendo mal, que as brigas desconcentravam e minavam a todos, que não dava para continuar assim. Fez-se um silêncio. 4 falou que se sentia desorientado, que percebia um abismo dentro da quadra, mas que fora todos eram amigos, se davam bem e que isso não dava para entender. Disse que sentia que as coisas estavam podres. Foi interrompido por 7 que disse discordar da forma como 4 estava falando, que não estava tudo perdido. Interrompemos pedindo que procurassem ter um pouco de paciência para escutar até o fim tudo o que o companheiro tivesse para falar e o técnico e o massagista que estavam do lado de fora foram convidados a vir para o círculo.

Sem que tivesse sido determinado um a um começou a falar. O atleta 1, que se machucou no primeiro jogo, foi submetido a uma cirurgia mas assistia às sessões e aos jogos, contribuiu falando da falta de empenho e de seriedade, e que isso não podia continuar. Em seguida 8 falou que não entendia o por quê de tanta briga e desentendimentos se fora todos se davam tão bem. O capitão do time - atleta 9 -, que até então estava calado e demonstrava grande angústia, se manifestou falando que não estava suportando tudo aquilo, que não sabia se

queria mais ser o capitão, que o fato de cobrar e olhar para os outros jogadores o estava desconcentrando e fazendo seu rendimento cair. Disse que sentia que as coisas estavam muito mal e que desejava sair daquela situação. Chamando atenção 10, que nunca se posicionava, disse que todos estavam falando como se o time não tivesse qualidade e que não era bem assim. Lembrou que o time terminou a primeira fase do campeonato em terceiro lugar e que isso era um grande mérito, que era preciso valorizar as vitórias e as qualidade para crescer com elas.

Aproveitando essa intervenção e valorizando o esforço de 10, falamos então que a tarefa dessa sessão seria procurar e encontrar três qualidades, ou motivos, para se estar nessa equipe, que eles teriam 30 segundos para isso.

Como sempre eles reclamaram dizendo que isso era muito difícil. Mas, enquanto uns reclamavam 11 começou dizendo seus motivos, e um a um foi falando sem precisar qualquer tipo de indicação.

Os motivos que surgiram foram a camaradagem, a garra, amizade, versatilidade, o técnico, o clube. Estranhamente 2 ficou por último e fechou dizendo que um dos motivos porque estava ali era aquilo, que apesar das reclamações iniciais todos conseguiram encontrar três motivos e teve gente que encontrou até mais, e isso é mais do que motivo suficiente para estar naquele time. Depois falaram o preparador físico, o massagista e o técnico. Por fim, quando estava fechando a sessão 7 virou para a psicóloga e perguntou porque ela estava naquele time. Tentamos manter a distância e interpretar aquela alusão mas os outros atletas também quiseram saber os motivos. Eles foram dados e encerramos a sessão.

O retorno que o técnico deu dessa sessão é que depois dela os treinos ficaram melhores, que o relacionamento melhorou e as brigas diminuíram.

7.7 Sétima sessão

Realizada na sala de ginástica essa sessão foi marcada pela descontração. Os atletas brincavam muito - de forma respeitosa - e pareciam estar tranquilos. O campeonato sofreu uma interrupção por conta dos Jogos Olímpicos e seria retomado em breve. A equipe terminou a primeira fase muito bem colocada, à frente de equipes, que em outros anos foram campeãs. Essa etapa do campeonato era caracterizada pela ênfase na preparação física, visto que os jogos estavam paralisados. Por conta desses motivos optamos por um trabalho com as grandes articulações (DELMANTO, 1997), executado em duplas.

Ainda que fosse solicitado que se formassem duplas com pessoas que habitualmente não trabalhavam juntas elas se formaram da seguinte forma: 8 e 9, 3 e 6, 10 e 2, 4 e 1, 7 e 11, o preparador físico e 5.

As manobras consistiam em pressionar levemente as articulações do tornozelo, joelho, coxo-femural, punho, cotovelo, ombro, no ritmo das respirações. Por fim um leve toque na cabeça, finalizando com um toque na sola dos pés.

A princípio 2 resistiu um pouco, rindo muito e conversando com 10. Percebendo a seriedade com que o restante do grupo executava a tarefa, acabou por fazê-la também com empenho.

Os mais empenhados na tarefa pareciam ser 8 e 9. Fizeram toda a seqüência de toques sem pressa para terminar. Por outro lado 1 e 4 começaram falando muito, discutindo cada um dos toques, depois se calaram e fizeram toda a seqüência.

No retorno foram poucos os comentários com 9 dizendo que sempre é bom esse tipo de trabalho, mas que seria bom fazer pela tarde para poder dormir depois. Dissemos que nada impedia que ele fosse feito em casa, uma vez que

quase todos ali moravam com outros companheiros de equipe. O atleta 7 falou da dificuldade de saber se o toque estava sendo pesado ou leve demais, mas que era bom fazer e receber.

Em seguida fizemos a aplicação do teste sociométrico da segunda fase do campeonato.

Ao final o preparador físico veio falar do avanço que estava acontecendo no trabalho como um todo. Lembrou da brincadeira que ele tinha feito na primeira sessão em que disse que só acreditaria que ‘isso’ surtira efeito quando os atletas, em duplas, tivessem fazendo trabalho corporal. Lembramos do fato e percebemos que não foi preciso assim tanto tempo.

7.8 Oitava sessão

Realizada depois do último jogo, onde a equipe jogou muito mal e perdeu por três sets a zero, o assunto que mais circulou entre o grupo foi ‘por que rendemos tanto em treino e jogamos tão mal como se não tivéssemos treinado?’

Pensando nisso, a proposta da sessão foi trabalhar a imagem do treino e a imagem do jogo.

Levamos material para colagem – papel, tinta, lápis de cor, giz de cera, canetinha, tesoura, massinha – e pedimos que fossem feitos os atletas que treinavam. Poderiam usar as formas que quisessem.

Terminada essa fase solicitamos que fizessem o atleta que jogava. Vieram perguntas como ‘mas é o mesmo’. Falamos que poderia ser mas que um novo desenho teria que ser feito, ainda que fosse igual.

Enquanto a tarefa era executada o técnico chamou a comissão técnica e disse que o supervisor marcou uma reunião para aquela tarde, e pediu para não convocar a psicóloga, o preparador físico, nem o auxiliar. O técnico parecia

muito insatisfeito, com vontade de pedir demissão porque a reunião seria apenas a transmissão de recados da diretoria, que nos últimos tempos vinha tentando interferir diretamente em seu trabalho. Que iria ser uma reunião nos moldes da que tinha acontecido no ano anterior cujo resultado foi a saída de atletas prestigiados junto ao técnico.

Voltamos ao grupo. Terminado o segundo desenho foi solicitado que todos se sentassem numa roda e cada um escolhesse um dos desenhos que gostaria de colocar na roda representando o atleta que joga. Perguntamos quem gostaria de começar, uma vez que 2 parecia aflito para falar. Ele disse que punha no jogo o desenho do treino e que as gotas que saem do rosto não são lágrimas, mas suor. Que ele via o atleta de treino dando tudo para chegar lá, e pediu para colocar o segundo também. Falou que o outro estava mais suado ainda e com os braços para cima porque ali ele podia experimentar o gosto da vitória, ou seja, além do duro que dava em treino ele podia gritar no ouvido do adversário “chupa, porra”. Ao terminar estava ofegante, como se tivesse acabado de executar um grande esforço físico.

Depois falou 4. Apresentou o desenho de treino que era dividido em quatro quadros, dizendo ser a ordem de sua chegada em quadra. Ele chegava feliz, mas que os outros estavam sem vontade e então vinha o desânimo. Na seqüência apresentou um dedo em riste chamando sua atenção pela conduta. Em conseqüência, vem a cara de desânimo e por fim uma taça cortada, simbolizando a derrota. Ele disse perceber o grupo dessa forma e que treinando assim vai ser difícil chegar na hora do jogo e ganhar.

Em seguida falou 1. Ele desenhou uma quadra onde apareciam os dois times e escreveu uma série de coisas que ele dizia acontecer durante o jogo como reclamações em excesso, falta de empenho nas tarefas e falta de seriedade. Disse concordar com 4 sobre o comportamento dos colegas e disse que isso

acabava em más performances. Pediu desculpas por estar ausente do grupo (primeiro foi o joelho e depois um problema grave com o filho), mas que isso vem desde o começo e pouco se transformou ao longo do campeonato.

Olhando para sua produção 9 falou que ficava com o desenho do treino. Fez uma rotina com hora e tudo. Acordar, tomar café, escovar dentes, ir para o treino, alongar, treino com bola, sempre o mesmo treino – saque, defesa – e que aquela rotina era terrível. A falta de novidade acabava em desânimo na hora do jogo. Disse que assim como os outros, ainda estava buscando a razão para o fracasso do último jogo, mas achava que a rotina o estava levando a isso.

Concordando com o que 4 e 1 tinham falado 11 disse discordar em parte com 9. Escolheu o desenho de treino e disse que o pessoal vem treinar pensando em dinheiro, mulher e família e esquece o objetivo maior que é a vitória e o campeonato. Falou que se a preocupação continuasse a ser essa seria difícil ter um jogo diferente.

O desenho de jogo foi o escolhido por 7. Fez um ovo e colocou dentro a quadra com os dois times. Em torno estavam a torcida, a TV, a diretoria do clube, a família, a namorada e disse que concordava com alguns que tinham falado. Falou que se não se abrisse espaço para que outros entrassem onde se encontravam os times em situação de jogo não daria para jogar e a vitória ficaria cada vez mais distante.

Um juvenil trouxe um desenho com rotina muito semelhante ao de 9, mas com uma explicação diferente. Disse que a força para superar aquela mesmice vinha da possibilidade de superação e que a coroação disso estava no momento do jogo, com a vitória.

Por sua vez, 10 falou que por não saber desenhar imaginou a bola suada pelo esforço do treino, e a bola do jogo vinha suada em dobro. Disse que o treino é para suar, é para malhar, mas que se no momento do jogo não se fizer o

dobro, o treino não valeu de nada. Falou que apenas alcança a vitória quem conseguir se superar.

Nesse momento observamos que todos os membros do grupo, diferentemente de outros momentos, ouviam com atenção, sem piadas ou brincadeiras.

Um super-atleta foi apresentado por 6. Disse que para alguém suportar essa sobrecarga de atividades, sobreviver à TV, controlar os nervos depois de muita convivência, só sendo super. Mas o atleta que joga é mais que isso. E mostrou seu atleta de jogo que é um guerreiro, que come a bola, que enfrenta a TV e a torcida.

Apresentando uma situação de treino 5 falou da rotina de treino e preparação física, que a vida é monótona, mas que sem essa rotina não é possível se conseguir muita coisa. Depois mostrou o atleta de jogo dizendo que este sempre está preparado para o que vier e que seu objetivo é a medalha de ouro.

Ao mostrar seu atleta de treino 8 falou que este é o momento do aprimoramento, que a quadra é a mesma e a rotina não varia muito, mas essa é a preparação para o segundo momento que é o jogo. Perguntamos se o mesmo que treina é aquele que joga. Ele respondeu que nem sempre, mas não conseguiu identificar o porquê.

Um tiranossauro rex foi apresentado por 3 como seu atleta de treino dizendo que se tem que ser um animal, tem que correr, suar, comer a bola e que isso é o que vem acontecendo. Todo mundo se empenha, dá o sangue, faz o que sabe e aprende o que pode. Em seguida apresentou seu atleta de jogo e disse que ele era uma caixinha de surpresa, que ele estava lá mas ninguém sabia, ninguém via quem ele é, nem o próprio cara que está no uniforme. Disse ser difícil jogar assim pois nunca se sabe quem está lá.

Depois que todos apresentaram perguntamos se mais alguém gostaria de se colocar. O massagista falou que a rotina era dura, mas necessária e que ninguém era capaz de conquistar nada sem esforço.

O atleta 9 retrucou dizendo que não era fácil suportar a rotina, os horários. Lembramos que ele é profissional naquilo que faz e que qualquer pessoa que tenha uma profissão tem horários e cumpre uma rotina semelhante à dele.

Não contente 11 emendou dizendo que muitos cumpriam rotina sem gostar do que faziam. Eles, pelo menos, tinham o privilégio de fazer o que gostavam.

Perguntamos ao técnico se ele gostaria de falar. Ele respondeu dizendo que o que tinha para falar já tinha sido dito depois do jogo e no treino do dia anterior. Disse achar saudável todos procurarem o motivo pelo acontecido, mas achava que o time tinha baixado a guarda diante do último adversário, que eles estavam determinados a ganhar da gente por motivos históricos. O atleta 7 disse, então, que um atleta do time adversário chegou na rede, no final do jogo, e falou 'Até que enfim ganhamos de vocês'. O técnico falou do prazer de ganhar de alguns times ou por conta da rivalidade com o técnico ou por questões ligadas a resultados em outros momentos, mas que nada justificava o fato de baixar a guarda diante do adversário e que isso aconteceu. Disse que era hora de superar o que tinha acontecido e ir para cima do próximo adversário.

8 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

8.1 Sociometria

Este instrumento foi aplicado na equipe em dois diferente momentos: o primeiro, quando da reunião do grupo na etapa inicial de treinamentos e o segundo, no início da segunda fase do campeonato após dois meses de treinos e jogos.

Foram feitas duas perguntas: uma que buscava saber a preferência do grupo sobre quem se escolheria para capitão da equipe; e a outra envolvendo as relações sócio-afetivas onde se solicitou a indicação dos dois melhores amigos por ordem de preferência, podendo, inclusive, ser alguém da comissão técnica.

Todos os questionários foram preenchidos como constituídos de opiniões subjetivas, tanto na escolha do primeiro quanto na escolha do segundo companheiro de grupo, para diferenciação de papéis com relação às variáveis afetividade e ação de comando.

As freqüências foram distribuídas sobre círculos concêntricos, indicando que o círculo central seria o núcleo das maiores freqüências atribuídas a um companheiro de grupo, tanto na primeira quanto na segunda escolha. No círculo intermediário os atletas com freqüência média recebida, e no círculo externo os atletas com menor freqüência de escolha. Essa representação gráfica permite visualizar que os atletas situados no centro dos círculo seriam as ‘estrelas sociométricas’, cujos papéis desempenhados estariam relacionados com a dinâmica que o grupo vivia naquele momento.

8.1.1 Sociometria da primeira fase: capitão

Aplicado nesta primeira etapa o teste sociométrico consegue detectar as relações interpessoais no plano das expectativas. Isso porque a falta de

convivência, tanto no plano pessoal como profissional, mantém as relações no nível das projeções. Isso explica o por quê de termos escolhido as questões: “qual seu melhor amigo” e “quem escolheria para ser o capitão”.

Sob o delineamento de que a coesividade operativa constitui a base explicativa da funcionalidade de um grupo esportivo SIMÕES, RODRIGUES & RUBIO (no prelo) afirmam que as frequências maior, menor e média definem todo um conjunto de manifestações humanas em torno daqueles companheiros com quem mais e menos os atletas se identificam dentro da própria equipe de trabalho. Isso decorre do fato de que os atletas distinguem quem possui as características comportamentais de líder em suas manifestações pessoais perante o grupo e essa distinção se dá pelo ato da escolha.

A escolha vem representar a razão de ser da sociometria.

Denomina-se critério sociométrico o objetivo para o qual “se escolhe”, e as configurações de um grupo variam conforme esse critério. Neste sentido BUSTOS (1979, p.20) afirma que “quanto mais preciso for o critério mais rico será o átomo social, quanto mais específica a eleição, mais madura será a relação.”

Analisando os níveis de frequência atribuídos pelos atletas (FIGURA 1), na primeira opção, temos a escolha do atleta 9 com 50% das preferências, o que pode caracterizá-lo como a ‘estrela sociométrica’ da equipe. Essa ampla diferença em relação aos demais membros do grupo, se por um lado aponta a presença de um líder já na formação do grupo, por outro aponta para aquilo que BUSTOS (1979) vai chamar *de vínculo de dependência infantil*, ou seja, as relações ainda não são elaboradas o suficiente para que sejam desprovidas de projeção e, portanto, não apresentam a pessoa com suas imperfeições e dificuldades recorrentes a qualquer um. Essa expectativa do grupo reforçou a expectativa que 9 tinha de sua condição de liderança, expressa tanto em sua

resposta ao teste como na entrevista onde afirma esse desejo.

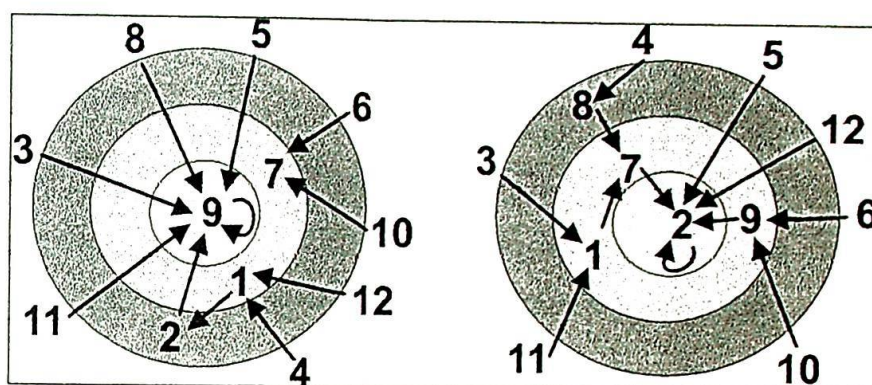


FIGURA 1 - Sociograma capitão - primeira fase - primeira e segunda opções.

O líder é freqüentemente alguém percebido pelos companheiros e revestido de grande importância para a performance da equipe, que CHELLADURAI (1990) escreveu estar fundamentada na satisfação de seus membros e num modelo multidimensional de liderança com comportamentos requeridos, preferidos e presentes. Esses atributos do capitão poderão ser conferidos e confirmados ao longo da vida da equipe, isso porque somente a vivência da relação poderá afirmar as projeções ou então apresentar um novo sujeito. Essas situações podem ser percebidas em momentos como placar adverso, pressão da torcida ou dificuldade de concentração do grupo e a atitude que o líder toma tanto em relação aos companheiros (internamente) como em relação ao adversário, juiz e torcida (externamente).

Em função da pouca convivência que o grupo ainda experimentava,

poderíamos dizer que os critérios utilizados para a escolha nesse momento foi muito mais afetiva - onde se privilegiou a parte emocional da proposta - do que operativa - quando o enfoque recai, fundamentalmente, no cumprimento da tarefa.

SAMULSKI (1992) afirma que quanto mais poder a posição de líder oferece mais favorável torna-se a situação para ele, daí a condição para a manutenção desse papel estar pautada em três dimensões para a sua favorabilidade: *as relações afetivas* – assumidas como sendo de grande efeito nas situações favoráveis. Isso implica que o líder, quando querido e respeitado pelo grupo, pode obter o consentimento para tomar decisões, sem o exercício do poder, podendo agir mais decisivamente, com mais confiança do que o líder que não é querido ou rejeitado pelos membros do grupo; *estruturação da tarefa* – aceita como outro fator que favorece na medida que a boa estruturação da proposta de trabalho, com a indicação clara dos procedimentos específicos, permite que os objetivos sejam alcançados; *posição de poder* – considerada como o terceiro fator uma vez que essa condição está relacionada a autoridade do líder sobre o grupo bem como o apoio que o primeiro recebe do segundo, constituindo uma relação bi-direcional.

Com relação às escolhas da segunda opção temos uma pulverização entre a frequência maior, perfazendo um total de 50% do grupo, para os atletas 1 e 2, e o reaparecimento do atleta 9 entre a frequência média. Isso indica que efetivamente o grupo identificava 9, talvez em função de sua história enquanto atleta - com passagem por grandes times e pela seleção nacional - , talvez por sua eloquência, como um líder incontestável. Há, no entanto, um número maior de mutualidades, o que nos leva a inferir que na segunda opção as relações já não estão num nível tão projetivo e transferencial e o reconhecimento se dá por uma relação entre iguais e não entre ídolos.

Sendo assim, poderíamos dizer que o índice télico grupal foi baixo, no primeiro momento, apresentando um forte grau de transferência que se traduziu numa diminuição da capacidade de elaboração do grupo.

Ainda que a presença de uma *estrela sociométrica* seja evidente na primeira opção, temos ainda uma *cadeia* onde pares foram quebrados permitindo que mesmo aquele atleta situado no círculo externo aproxime-se daqueles que se encontram na frequência média. BUSTOS (1979) justifica a configuração sociométrica *cadeia* dizendo que quanto mais pessoas entrarem em uma cadeia, ou seja, quanto mais pessoas se encontrarem numa posição média, maior será o índice de segurança dos membros dessa configuração, dando ao grupo uma maior plasticidade e capacidade de estruturar configurações mais maduras.

Essa consideração pode parecer paradoxal em um grupo onde 50% das escolhas recaiu sobre um único indivíduo. No entanto, são justamente os outros 50% que configuram a *cadeia*, deixando claro a constituição de dois sub-grupos, daí a compreensão da dinâmica das primeiras sessões onde o tônica das verbalizações recaia sobre a desconfiança, insegurança e dificuldade em auxiliar os companheiros que rendiam menos em situação de treino e jogo.

Na segunda opção temos uma quebra dessa dinâmica e a constituição de uma *cadeia* e vários *triângulos*. Essa mutualidade representada por três pessoas significa a quebra menos dolorosa da simbiose formada pelo par, uma vez que há uma participação ativa na abertura.

De acordo com KAUFMAN (1993, p.62) apesar dessa abertura os três vínculos são diretos e, conseqüentemente, a dinâmica de temor à perda permanece forte.

É comum a ocorrência de pactos e alianças visando ao controle dos

vínculos nesta configuração sociométrica tão defendida e fechada, sobretudo por encontrar-se isolada do restante do grupo...Esta é uma configuração sociométrica de difícil abordagem e penetração.

Ainda que essa atitude não seja consciente ela determina uma quebra com a escolha de primeira opção, levando-nos a inferir a dificuldade desse agrupamento se constituir enquanto grupo.

8.1.2 Sociometria da segunda fase: capitão

O capitão é fundamental para a formação e evolução de uma equipe esportiva, uma vez que o desempenho desse papel de forma competente pode significar a agregação e sucesso, transformar um agrupamento em um grupo. Essa condição, porém, não é imposta, numa atitude externa ao grupo. Pelo contrário, esse papel é construído diariamente na convivência com a equipe tanto em situação de treino como de competição, onde os atributos pessoais do capitão vão sendo absorvidos e correspondidos pelo grupo, ou num sentido contrário, contestado e rechaçado.

A construção dessa identidade de capitão aproxima-se daquilo que GOFFMAN (1996) postulou como construção de papel. Segundo o autor, em qualquer situação social um indivíduo assume a máscara de um personagem para interagir com outros indivíduos, estes também, personagens projetados por outros atores. Esse jogo dramático é próprio das relações humanas, uma vez que, se por um lado o indivíduo está sempre tentando se comunicar, por outro busca evitar certos tipos de comunicação, ainda que de forma inconsciente.

MORENO (1991) também endossa esse enfoque ao escrever que essa representação pode interferir na estruturação do ego da pessoa, que é ao mesmo tempo ator e personagem. Nessa representação em que se transforma a vida, muitos atores se confundem com seus personagens, ora representando a si

mesmos para os outros, ora confundindo-se com a expectativa de seus interlocutores ou da platéia, terceiro elemento dessa relação, elemento que dá sentido e, ao mesmo tempo, interfere nessa dramatização.

Estar capitão não implica, necessariamente, ser capitão. Alguns atletas de esportes coletivos assumem a condição de liderança de sua equipe desde as categorias iniciais, isso porque apresentam traços que são identificados pelos demais companheiros como sendo passíveis de reprodução, seja porque pode redundar num melhor desempenho, seja porque consegue ver correspondida a atenção e afetividade que dispensa aos demais atletas. Não estamos, contudo, querendo afirmar que a condição de líder é inata. O líder apresenta comportamentos que vão sendo reforçados ou refutados e, a partir daí, seu papel vai sendo construído e estruturado.

De acordo com MARTENS (1987) a liderança efetiva é determinada pelo estabelecimento de objetivos e metas concretas, construção de um ambiente social e psicológico favorável, instrução de valores, motivação dos membros para que se alcance os objetivos e metas e comunicação com os outros atletas.

Decorridos dois meses de treinos e jogos esses aspectos puderam ser testados e avaliados por todo o grupo (FIGURA 2), considerando, inclusive a opinião do próprio capitão escolhido pelo grupo e por si próprio para a função no início da temporada. Quando observamos o sociograma da segunda fase percebemos uma alteração dessa dinâmica. O grupo já não reconhece 9 como capitão e ele próprio se dá conta de sua dificuldade para exercer essa função, conforme relato da sexta sessão. É, porém, nesse momento que o grupo começa a se comunicar de forma mais efetiva, porque seus integrantes já não se apegam tanto aos papéis que representam – o capitão, o atacante, o reserva, o titular – mas identificam-se com a necessidade de superação do momento pelo qual a equipe passa.

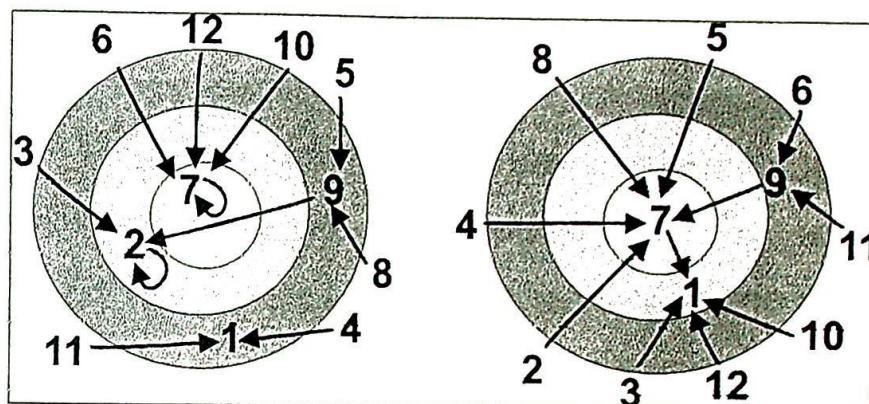


FIGURA 2 - Sociograma capitão - segunda fase - primeira e segunda opções.

Talvez uma boa indicação da necessidade do grupo em encontrar e reconhecer a sua liderança reside no fato de 1 surgir na frequência média de escolhas, sendo que tendo se machucado no primeiro set do primeiro jogo do campeonato teve que ser submetido a uma cirurgia no joelho, permanecendo fora do campeonato, mas por determinação própria assistia aos treinos e jogos da arquibancada. Ele não aparece nos conflitos que surgiram no decorrer do campeonato, e mesmo com todos esses fatores ele ainda é reconhecido como uma das figuras de liderança.

Os atletas que surgem como capitão nesse momento são pessoas que durante o período demonstraram uma grande habilidade em se manter distante dos conflitos surgidos no grupo ao longo da primeira fase. Apesar de 2 ser reserva, esforçava-se nos treinos como poucos titulares e no momento do jogo em que era solicitado estava pronto para entrar em quadra, já aquecido e atento a

todos os movimentos de seu time e do adversário. No caso de 7, que era o levantador, sua posição já o colocava numa condição de destaque diante dos demais. O fato de decidir a jogada e montar o ataque do time favorecia essa condição, porém, nem sempre nos momentos de maior exigência emocional 7 era capaz de se manter tranqüilo para poder orientar os demais companheiros.

Esse momento pelo qual a equipe passava demonstra a importância do líder para o esporte coletivo e como a obtenção do êxito por parte do líder está ligada à sua identificação com as características dos demais membros do grupo.

SAMULSKI (1992) escreveu que o líder além de participar da equipe deve ser visto como tendo incorporado, em grau mais elevado, as normas e valores centrais do grupo. Neste sentido, não basta ao líder, para manter sua posição, aceitar os valores centrais do grupo, ele precisa ser percebido como alguém capaz de comandar e conter as necessidades dos demais companheiros. Acrescenta, ainda, que os membros de um grupo podem ter idéias comuns quanto ao comportamento e funções de um líder, porém, os demais membros da equipe somente escolherão e manterão os líderes que satisfizerem essas expectativas. A escolha de um líder está diretamente relacionada à capacidade de satisfação de suas necessidades.

O que podemos inferir, ainda, é que mesmo tendo perdido a condição de capitão, o atleta 9 aparece no círculo de frequência média tanto na primeira como na segunda opções, o que demonstra não seu reconhecimento como líder do grupo, mas um referendo à sua habilidade. Seu *background* enquanto atleta não deixa dúvidas de sua capacidade de performance - sua atuação enquanto ator. A resistência do grupo reside no seu papel de capitão - o personagem.

Na segunda fase não temos a configuração de nenhuma *cadeia*, seja na primeira ou na segunda opções. Nas duas opções os *triângulos* são formados por sujeitos em todos os níveis de escolha e a condição de estrela sociométrica é

dividida por dois atletas. A constituição de *triângulos* é uma demonstração de que a vida do grupo ainda não se estabilizou, isso porque a relação ‘interna’ do *triângulo* é diferente da que ele tem com o grupo.

BUSTOS (1979, p.40-1) afirma que para as pessoas que compõem o *triângulo* “enquanto configuração total, o grupo é a ameaça e se comporta como unidade: são os ‘três’ e o ‘grupo’.”

Na segunda opção temos uma repetição do modelo da primeira fase com a escolha de 7 para capitão, configurando-o como a estrela sociométrica desse momento.

Ainda que as pessoas tenham se alternado nos círculos de freqüência, os modelos de configuração se mantiveram os mesmos, o que nos leva a inferir que a dinâmica interna não sofreu uma grande alteração na sua estrutura. Uma das justificativas para isso pode ser o pouco tempo de convivência do grupo, uma vez que BUSTOS (1979) sugere que o teste sociométrico seja aplicado a cada seis meses.

A configuração *cadeia* aparece uma única vez, na primeira fase e não se repete na segunda, e a configuração *círculo*, típica de uma boa coesão grupal, onde os membros não necessitam um vínculo, através de mutualidades diretas, para manter o vínculo dinâmico, não aparece nenhuma vez.

Um dado que chama atenção nesses sociogramas é o número de membros isolados. Na perspectiva dos estudiosos do teste sociométrico (BASTIN, 1986; BUSTOS, 1979, KAUFMAN, 1993) a pessoa destacada dos círculos, portanto isolada, pode indicar um conflito grave, uma vez que informa sua provável posição nos grupos em que inter-atua.

No caso específico da escolha do capitão esse número (sete e seis na primeira fase e sete e oito na segunda fase) é uma indicação do quanto os atletas têm pré-concebidas e cristalizadas as características necessárias para um atleta

desempenhar esse papel. Vale observar que os mesmos sete atletas que permanecem isolados na primeira opção da primeira fase mantêm essa posição na segunda fase, sofrendo apenas uma pequena alteração em relação à segunda opção. No caso da primeira fase temos o atleta 8 entrando no círculo de menor frequência. Essa opção pode, no entanto, ser justificada como uma escolha afetiva, visto que 8 demonstrava ser uma das pessoas mais receptivas do grupo dos remanescentes da equipe do ano anterior e 4 vinha sendo fortemente rejeitado. Na segunda fase esse fenômeno se repete com a inclusão de mais um membro.

Isso vem reforçar o cuidado que se deve tomar ao se avaliar um grupo esportivo. A existência do capitão é compulsória e a avaliação de seu poder de liderança ainda se constitui num grande desafio.

8.1.3 Sociometria da primeira fase: melhor amigo

Das duas questões formuladas no teste sociométrico esta segunda pergunta é a que mais se aproxima de uma relação de afinidade. Independentemente dos mecanismos explicativos de seu surgimento nos pequenos grupos, há um consenso em relação à rapidez de seu surgimento. ANZIEU & MARTIN (1971) afirmam que freqüentemente se estabelecem laços entre dois indivíduos desde o primeiro momento que se encontram e é possível serem percebidos por aqueles que observam o fato.

A escolha para 'melhor amigo' confere um 'status' qualitativamente diferente da escolha para capitão. Isso porque partimos de um papel - o capitão - bem definido, que sofre poucas modificações de equipe para equipe. O quesito 'melhor amigo' pode receber inúmeras interpretações e cada uma delas pode remeter a uma pessoa diferente, e além disso, a escolha está cercada de aspectos subjetivos, emotivos e afetivos. O vínculo que emerge dessa escolha tem um

valor próprio e distinto de uma função pragmática e objetiva como a de capitão.

De acordo com PICHON-RIVIÈRE (1995, p.49)

O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com esta pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados. Por essa razão, o vínculo se relaciona posteriormente com a noção de papel, de status e de comunicação.

Isso significa dizer que a escolha do ‘melhor amigo’ requer a existência de uma relação prévia refletindo numa escolha qualitativamente diferente da escolha do capitão, onde se deu a projeção sobre alguns atletas que tinham o estereótipo de líder. Na situação atual a experiência do encontro e da troca já se deu anteriormente, na convivência em outros clubes, em outros momentos, estabelecendo-se um vínculo. Isso não representa, contudo, que a condição de amizade seja um fato.

Muitas vezes a representação que se tem do papel de amigo implica em troca, cumplicidade e certa complementaridade, tornando a relação pessoal ou íntima, ainda que haja a dúvida do significado do que é ser amigo. PICHON-RIVIÈRE (1995, p.51) afirma que não existem relações impessoais “uma vez que o vínculo de dois se estabelece sempre em função de outros vínculos condicionados historicamente no sujeito e que, acumulados nele, constituem o que denominamos o inconsciente”.

Essa afirmação vem justificar a atitude do atleta 1 em não querer fazer nenhuma escolha, alegando que ter amigos demanda tempo, confiança e convivência, e que ele ainda não tinha tido oportunidade para isso, que a indicação de qualquer pessoa seria uma atitude leviana que ele não estava disposto a ter. Se por um lado essa atitude demonstra uma preocupação em nomear e classificar as relações, por outro pode indicar uma reação de defesa e

resistência ao trabalho que estava se iniciando, ou ainda a inexistência de uma experiência prévia que pudesse lhe dar parâmetro para a indicação.

Isso, porém, não o impede de ser reconhecido por seus colegas como alguém disponível a desempenhar o papel de amigo. Mostra disso é o número de escolhas que recebeu (FIGURA 3), sendo apontado como a estrela sociométrica desse momento. Essa escolha indica o reconhecimento de alguns atributos pessoais por parte do grupo que o leva a exercer um comportamento de liderança afetiva que pode influenciar alguns companheiros de grupo a enfrentar suas questões sócio-afetivas.

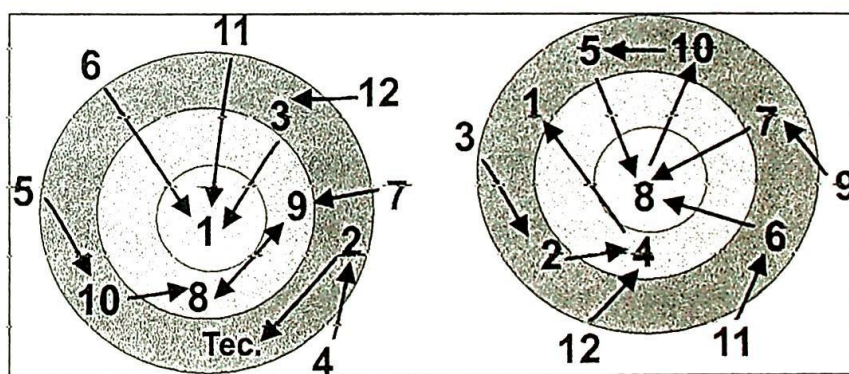


FIGURA 3 - Sociograma melhor amigo - primeira fase - primeira e segunda opções.

Não podemos deixar de citar, nesse momento, um dado da entrevista inicial com o atleta 1. Durante aproximadamente 20 minutos ele respondeu laconicamente às perguntas feitas sobre sua passagem por outros clubes, sua vida

como atleta, escolha da modalidade, entre outras. Ao final, foi informado que a partir do final de todas as entrevistas individuais daríamos início ao processo grupal. Numa tentativa de aproximação com a psicóloga, ele diz que tudo o que é dito no divã deve ficar apenas entre os dois. Percebido seu temor ele ouve como resposta que o diálogo que acontece entre ambos é protegido por um código de ética e que ele terá respeitada essa condição. Ele, então, senta novamente e pede para recomeçar a entrevista.

SIMÕES et alii (no prelo) caracterizam que os diferentes aspectos sócio-afetivos manifestam-se, ao contrário de outras características pessoais, de maneira espontânea e nem sempre são manifestadas (deliberadamente) pelos membros de uma equipe esportiva. Talvez o significado mais amplo desse processo seja a descoberta, por parte dos atletas, de gostar, sentir e trabalhar conjuntamente.

Neste sentido, assistimos a um fenômeno diverso da escolha para capitão. Ainda que o grupo aponte uma estrela sociométrica, ela é indicada por apenas 25% das escolhas. Além disso, acontecem três tipos de configurações sociométricas: a cadeia e o triângulo - que já apareceram na escolha para capitão - e o par.

O que chama atenção neste sociograma é a configuração *par* formada pelos atletas 8 e 9, inédita até então. Na concepção de KAUFMAN (1993) esse tipo de vínculo pode indicar a existência de um núcleo defensivo, no qual duas pessoas se escolhem sempre e anteriormente ao estabelecimento de qualquer critério. No caso específico desse momento, a escolha pode se justificar pelo fato de ambos serem irmãos, 8 já pertencer ao grupo e 9 vir de uma outra equipe. O que chama atenção também é o fato de 9 não receber nenhuma escolha em segunda opção, permitindo avaliar que o grupo tem uma referência para escolha do capitão que recai, basicamente, sobre um critério técnico e que o aspecto

afetivo não vem compor esse papel. Isso faz com que 9 mantenha-se isolado socialmente, no grupo, facilitando o desencadeamento do processo posterior de negação de sua condição de capitão.

Outro dado que chama atenção é o fato do técnico ser apontado por um dos atletas como melhor amigo. Ambos trabalham juntos já há alguns anos, desde outra equipe, e entre ambos há uma relação de confiança, traduzida aqui na escolha para melhor amigo. Se voltarmos à questão central da sociometria que é a escolha temos a interpretação da escolha acima pautada no fato de 2 ter sido técnico de voleibol de crianças, tendo o aval do técnico atual. Isso permite que ele transite entre o papel de atleta e técnico com familiaridade, e consiga se aproximar do técnico da equipe não apenas em função de seu papel.

MORENO (1991) postula que é o papel o que estrutura o eu e não contrário. Falando da aprendizagem de papéis, dá o exemplo do professor que influenciará fortemente a dinâmica do papel de aluno. Neste processo aprendem-se os códigos de comunicação adequados e comportamentos esperados, e numa etapa posterior dessa aprendizagem é possível uma inversão de papéis com seu complementar, o que permitirá a incorporação das experiências obtidas em cada um dos papéis desempenhados.

A variedade de configurações grupais reflete a heterogeneidade da equipe e sua fragmentação em sub-grupos. Exemplo disso é o número de membros isolados, ser consideravelmente alto se visto estaticamente, considerando que o foco de atenção recai sobre o papel de melhor amigo. Isso equivaleria a dizer que há um foco de conflito e não problema com um indivíduo

Por outro lado, considerando-se o fato de que a equipe acabara de se reunir fica evidente o distanciamento que existe entre seus membros e a necessidade de um tempo maior de convivência para poder estruturar amizades dentro de um padrão que se convencionou.

Na segunda opção observamos configurações *cadeia* e *triângulo*, e sem representar uma alteração significativa em relação à primeira opção, tendo 8 como a estrela sociométrica. Esse atleta desde o momento da entrevista inicial demonstrava uma grande preocupação em fazer o grupo se aproximar. Sua opinião era de que esse dado faria a diferença em relação às outras equipes, já que o grupo atual não era o melhor tecnicamente, nem estava em condições de lutar pelas primeiras colocações no campeonato, sendo que o sinal dessa dificuldade residia no fato da equipe não possuir nenhum atleta na seleção nacional.

8.1.4 Sociometria da segunda fase: melhor amigo

Temos na segunda fase uma configuração distinta da primeira, em aspectos tocantes à sua estruturação - com a extinção de um círculo de frequência-, como no posicionamento dos membros do grupo - indicando a escolha de alguns indivíduos que na primeira fase encontravam-se isolados - e na troca de preferências - nem todos os melhores amigos da primeira fase de mantiveram.

Não podemos deixar de considerar que toda atividade social postula trocas, seja entre membros de um mesmo grupo, seja entre membros de grupos diferentes, implicando a comunicação. É, porém, na forma como se efetua essa comunicação que se condicionam as relações sociais.

Conforme ANZIEU & MARTIN (1971, p.109) os indivíduos que se comunicam

estão caracterizados por sua história pessoal, um sistema de motivações, um estado afetivo, um nível intelectual e cultural, um ponto de referência, um status social e papéis sociais, e esses diversos fatores influenciam na emissão e recepção das mensagens.

As formas de comunicação desenvolvidas ao longo do processo do grupo podem justificar parte das transformações ocorridas na escolha de melhor amigo. Lembrando que ao longo das oito sessões utilizamos um procedimento interventivo que não privilegiava apenas o verbal, mas buscava outras formas de expressão através do trabalho corporal, que pode ter facilitado a formação de novas configurações sociométricas expressas na FIGURA 4.

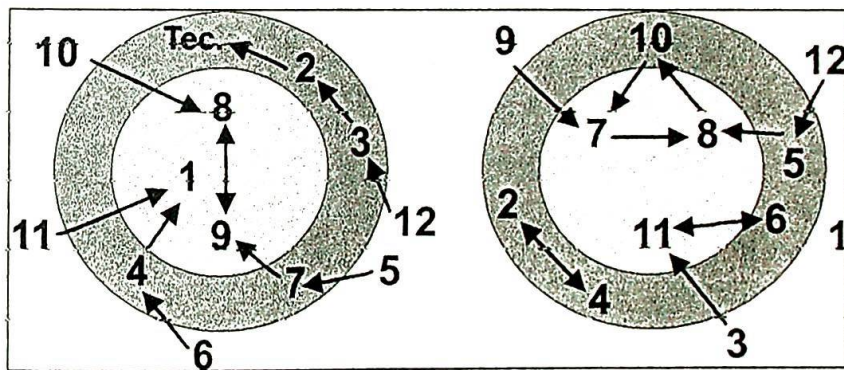


FIGURA 4 - Sociograma melhor amigo - segunda fase - primeira e segunda opções.

A extinção de um círculo de freqüências não representou apenas a pulverização das escolhas nas freqüências maior e menor, mas também a inclusão no círculo de membros que permaneciam isolados, sendo que esse fato é mais observado na segunda do que na primeira opção. Essa pode ser uma indicação de que o grupo apresentava um processo de formação de vínculo,

ainda que incipiente, mas efetivo, uma vez que os motivos ou razões são uma referência preciosa para a compreensão do indivíduo e seus vínculos.

Se por um lado temos em PAGÉS (1982) a fundamentação para a formação desse vínculo justificando a existência de um afeto do grupo, conferindo até como objetivo aos métodos de grupo fazer os participantes do grupo viverem uma intensa experiência de comunhão afetiva que lhes permita encontrar ‘o laço original’ entre os seres humanos, e isso graças ao fato de que cada um remeta ao grupo sua vivência emocional da situação, temos em ANZIEU (1993, p.168) a crítica a essa tese, afirmando que esse laço original é, na verdade, uma dependência arcaica, que corresponde ao que se chama de ilusão grupal.

Propusemos chamar ilusão grupal os sentimento de euforia que os grupos em geral, os grupos de formação em particular, experimentam em certos momentos, e que se exprime no discurso dos participantes...

Quando observamos a transformação de um grupo, como a ocorrida nessa equipe, e considerando a particularidade de sua formação – a brevidade de sua vida – tendemos a aceitar a formulação de Anzieu. Se voltarmos ao relato das sessões veremos que o discurso do grupo, nessa altura do trabalho, era de unidade, de reconhecimento da necessidade de confiança e troca e de fortalecimento dos laços. A contraposição a esse discurso, no entanto, vem em forma de configurações sociométricas defensivas como os *pares* e os *triângulos*, consideradas por KAUFMAN (1993) e BUSTOS (1979) como as configurações mais defendidas e fechadas.

8.2 Desenhos

A análise que faremos dos dados relativos a imagem corporal pautam-se nos desenhos executados na primeira sessão do processo (ANEXO I). Sua realização tem por objetivo não um diagnóstico individual com vistas ao levantamento de aspectos psicopatológicos dos atletas, mas, basicamente, seu reflexo na constituição do grupo.

Procurar compreender essa soma de processos intelectivos elaborados - as escolhas sociométricas - e projetivos - através da imagem corporal - levou a uma aproximação com aquilo que MAUSS (1974) chamou de *homem total*. Depois de analisar as contribuições da sociologia à psicologia e antropologia, e da psicologia à sociologia, MAUSS (1974, p.199-200) afirmou a necessidade de se buscar formas de estudo que fale do homem enquanto um ser indivisível, ponderável, mas não seccionável.

Quer estudemos fatos especiais ou fatos gerais, no fundo é sempre com o homem completo que temos de lidar. Por exemplo, ritmos e símbolos colocam em jogo não simplesmente as faculdades estéticas ou imaginativas do homem, mas todo o seu corpo e toda a sua alma de uma só vez.

O autor expressa sua satisfação com as descobertas da psicologia que transcendiam a esfera da consciência pura, e partiam em direção a uma implicação de suas relações com o corpo. Para o autor os fatos que interessam ser estudados não são fatos especiais de tal ou qual parte da mentalidade, mas os fatos de uma ordem muito complexa.

São aqueles para os quais proponho a denominação de fenômenos de totalidade, em que não apenas o grupo toma parte, como ainda, pelo grupo, todas as personalidades, todos os indivíduos na sua

integridade moral, social, mental e, sobretudo, corporal ou material.

Corpo, psique, indivíduo e grupo parecem formar uma cadeia onde não estão implicadas relações de causa e efeito – a mente sobre o corpo, ou o grupo sobre o indivíduo – mas de interdependência e de influência capaz de transformar aspectos individuais e coletivos tanto no pequeno grupo esportivo quanto em outros âmbitos das relações humanas.

Como já discutimos no capítulo 3 a imagem corporal não trata apenas de uma mera sensação ou imaginação. Ela envolve a apercepção do corpo, o que indica que embora nos tenha chegado através da elaboração pelos sentidos ela suscita a emoção contida num gesto ou movimento.

Constituída ao longo da existência de cada pessoa a imagem corporal, apesar de única e individualizada, se constrói na relação com o meio social ao qual cada um está ligado. Nesse sentido, parte da imagem que cada um tem de si é parte da imagem construída pelo grupo.

Na visão de ANZIEU (1993, p.199) na falta de um corpo real, o grupo procura se dotar de um corpo imaginário, que se articula, mais estreitamente que o aparelho individual, com o ‘corpo’ social.

As metáforas do grupo como ‘corpo’ e dos indivíduos que fazem parte dele como ‘membros’ visam, entre outras coisas, a realizar esse desejo de o si-mesmo do grupo encontrar sua residência num organismo vivo: um grupo não existiria como tal enquanto não tivesse, diz-se, um ‘espírito de corpo’.

Assim como qualquer grupo social, uma equipe esportiva tem seus códigos e símbolos que podem ser captados através da representação gráfica sugerida pelo desenho. Nesse caso a bola, o uniforme, a quadra podem representar cada um deles o envolvimento com a tarefa, a identificação com a

modalidade ou com o grupo. Buscando nos aproximar da representação que os componentes do grupo têm de si próprios e do grupo analisaremos, então, o conjunto de desenhos da figura humana executados pelos doze atletas.

8.2.1 Desenhos da figura humana

Nessa série de desenhos temos uma produção que prepara, a partir da representação que cada atleta tem de si, a representação do grupo.

Quase todos os atletas (10 entre 12) buscaram representações próximas de si próprios, seja como atleta - vestidos com uniforme, ou portando bola - seja como 'indivíduo' - trajados ou nu - buscando, cada um com seu recurso, a expressão mais próxima daquilo que poderíamos chamar de 'si-próprio'. Enfatizamos que o referencial utilizado no conceito de si-mesmo aqui apresentado é aquele que se aproxima de MAUSS (1974) que observou que a estruturação da consciência de si propõe, necessariamente, um quadro sócio-cultural de referência, bem como atuação de um sistema simbólico que a expresse e formalize.

É possível perceber na grande maioria dos desenhos a dificuldade técnica que o atleta teve para executá-los, porém, sem que isso se constituísse um impedimento para tal. Essa é uma indicação de que, para essas pessoas, a resistência à tarefa não se configurou.

Se tomarmos como referência a afirmação de Van KOLCK (1984, p.16) de que "o desenho pode ser expressão de um tipo de aspiração do eu; um reflexo do que a pessoa gosta ou desgosta ou daquilo para com o que se sente ambivalente..." poderíamos dizer que nesse momento havia um esforço para, a partir da identificação com a tarefa proposta, que cada indivíduo se apresentasse ao grupo como se via naquele momento, estreitando as relações e facilitando a comunicação.

A exceção ao grupo ficou por conta do atleta 6 que apresentou uma produção muito bem executada tecnicamente, mas cujo conteúdo denunciava uma outra intenção. De acordo com Van KOLCK (1984) a influência de habilidade artística sugere a necessidade de cuidado ao interpretar desenhos de pessoas com habilidade pictórica.

O atleta 6 apresentou um desenho retratando uma figura do sexo oposto e de costas. HAMMER (1991) aponta para a 'normalidade' de se desenhar o próprio sexo em primeiro lugar enquanto indício de identificação com o papel sexual característico. No entanto, o fato da pessoa desenhar alguém do sexo oposto não indica, necessariamente, inversão sexual ou conflitos homossexuais. Van KOLCK (1984, p.27) lembra que o desenho pode não ser expressão da imagem corporal do autor e que outras variáveis podem influir no sexo do primeiro desenho como

fantasias românticas, preocupações momentâneas ou outras condições temporárias do sujeito, grande relação afetiva com o progenitor do sexo oposto e variações nas instruções ao administrar o teste.

Nesse caso particular, percebendo a facilidade com que 6 desenhava, inferimos sua dificuldade em se identificar com a tarefa. Portanto, seu desenho de uma figura feminina pode indicar, simplesmente, uma resistência ao tema, cuja negação em executá-lo poderia implicar numa quebra da dinâmica grupal.

Os desenhos apresentam variações quanto ao tamanho, disposição no papel e pressão do lápis que merecem interpretações individualizadas para que seu significado fenomenológico não se perca, mas que não é o objetivo primeiro desse estudo.

O que nos importa é que todos eles são executados de corpo inteiro,

demonstrando uma adaptação ao tema proposto, ainda que alguns sejam de forma convencional.

A variação de tamanho e colocação na folha poderiam oferecer subsídios para a interpretação quanto às figuras de liderança. Teríamos, então, que o desenho de 9 apontaria na direção de uma figura que indica auto-valorização, segurança, pessoa centrada em si mesma e auto-dirigida reforçando sua escolha majoritária como capitão na primeira fase do campeonato. Se essa era a imagem que ele tinha de si naquele momento era a mesma imagem que ele conseguia expressar para o grupo, sendo correspondido, de forma elaborada, com a escolha pelo teste sociométrico.

Outros atletas também apresentam uma produção bem estruturada que poderia nos levar a inferir que no grupo, como um todo, encontramos indivíduos cuja imagem corporal se desenvolveu, ou vem se desenvolvendo, não apenas na sua relação com o meio esportivo, mas também trazendo para o presente a herança de sua história de vida.

8.2.2 Desenho do grupo

Para que a análise dos desenhos do grupo não se perca entre inúmeros critérios, faremo-la a partir de dois referenciais: o que diz respeito a forma e o outro relacionado ao conteúdo.

No tocante a forma há um conjunto distinto que buscou representar o grupo de maneira antropomórfica. Essa tentativa, independente da qualidade técnica do desenho, traduz uma preocupação em representar o grupo mais próximo daquilo que o atleta que o executou percebeu. Eles expressam um grupo unido, seja em forma de mãos dadas ou de círculo, destacando a proximidade física como fator de aproximação.

De certa forma, eles reproduzem uma espécie de ritual que a equipe

executa em momentos como no início de um jogo, no momento da confirmação de um ponto ou ainda quando o técnico solicita tempo. Ou seja, é a tentativa de materializar o momento do grupo em ação, na execução da tarefa, codificando um símbolo inerente ao esporte, independentemente da modalidade.

Esses gestos assemelham-se aos gritos e as palavras, aos gestos e ritos da etiqueta e da moral descritos por MAUSS (1974, p.195) que afirma serem eles

traduções, pois, de fato, traduzem inicialmente a presença do grupo, mas exprimem também as ações e as reações dos instintos dos membros do grupo, as necessidades diretas de cada um e de todos, de suas personalidades, de suas relações recíprocas.

Dá-se, então um reconhecimento da existência do grupo e um engajamento nele desde o momento de sua formação, trazendo para essa nova configuração grupal, porém, um padrão referencial de grupos vividos anteriormente, tornando-o portanto, nesse primeiro momento, um grupo idealizado e sem tensões, onde a comunicação flui sem o esforço necessário para se estruturar como um dos pilares de sua sustentação.

Expressão disso pode ser observada em quatro entre seis desenhos que apresentam o grupo completo, ou seja, doze atletas, englobando reservas e titulares indistintamente. Essa categoria de desenhos se aproxima daquilo que chamaríamos de imagem ideal do grupo, onde os papéis não representam a tônica da dinâmica grupal.

Na outra categoria de desenhos poderíamos identificar representações gráficas simbólicas. Chamaremos de simbólicas porque são mais que signos ou sinais e, conforme CHEVALIER & GHEERBRANT (1991, p.18) transcendem o significado e depende da interpretação.

O símbolo está carregado de afetividade e de dinamismo. Não apenas representa, embora de certo modo encobrindo, como - também de um certo modo - realiza e anula ao mesmo tempo... Quando o desenho de uma roda num boné indica que a pessoa é um empregado de ferrovias, a roda não passa de um signo ou sinal; quando usada, porém, em relação ao Sol... é uma coisa completamente diferente, pois adquire o valor do símbolo. Mas, ao afastar-se do significado convencional, abre caminho à interpretação subjetiva.

A produção desse grupo parte de imagens sugeridas por outros contextos que trazem para a equipe a possibilidade de reflexão sobre possíveis interpretações, como sugerem os autores acima.

Os atletas 3 e 9 usaram imagens simbólicas bastante significativas.

Ao que parece 3 quis, com o símbolo do *tao*, exprimir sua expectativa em relação ao grupo, ou seja, a harmonia a partir do equilíbrio dos contrários. De acordo com sua descrição do desenho, ele não acredita que uma equipe possa viver sem conflito, mas para que ela não se desestruture é preciso que todos tenham a consciência necessária dos processos próprios ao grupo. Um dado que chama atenção em relação a esse atleta é que apesar desse discurso maduro ele ainda pertencia a categoria juvenil, atuando em muitos jogos como titular. Essa relação com o *tao* dá a indicação de que sua expectativa de grupo tanto no que diz respeito ao conflito como com relação às fases de relativa tranquilidade. Sendo assim, ele poderia ser tido como um dos únicos membros do grupo a fugir daquilo que ANZIEU (1993) chamou de ilusão grupal, fase inevitável a todo grupo, que corresponde a um desejo de segurança de cada um de seus membros, mas que funciona na ordem da ilusão.

SALZMAN (1986, p.129) afirma que esse 'sentir-se bem juntos' representa uma fase transitória e exige um trabalho de desprendimento com respeito à ilusão que necessariamente passa pela desilusão. Neste sentido, "A ilusão grupal provém da substituição do ego ideal de cada um pelo ego ideal

comum”.

Mas não foi apenas ele que fugiu a essa condição. O atleta 9 utilizou-se da analogia com a formação dos gansos para justificar sua produção. Os gansos sempre migram em formação ‘V’, e a medida que cada ave bate as asas ela cria sustentação para a ave seguinte. Voando na clássica formação em ‘V’ o grupo inteiro consegue voar cerca de setenta por cento a mais do que se cada ave voasse isoladamente. Além disso, sempre que um ganso sai da formação rapidamente ele volta ao seu lugar para tirar vantagem da facilidade criada pelo grupo. Quando o ganso líder se cansa ele vai para o final de uma das pernas do ‘V’, enquanto um outro ganso assume imediatamente a liderança. Os gansos de trás grasnam para encorajar os da frente a manterem o ritmo e a velocidade. A metáfora parece promissora no que se refere ao grupo como um todo, mas fica comprometida quando 9 se coloca na posição de ganso líder e não reconhece a possibilidade de, por vezes, abrir mão dessa condição de liderança para que outro venha a assumi-la.

Esse momento também espelha a concepção de ilusão grupal, mas no sentido oposto a 3, porque em 9 - que veio a desempenhar o papel de líder - temos a fantasia de um grupo sem tensões, organizado pela tarefa e com os papéis definidos e introjetados.

Os outros desenhos dessa categoria já assinalam o conflito latente, figurando símbolos de unidade, porém, com avarias. Uma corrente quebrada, elos separados que podem vir a se agrupar ou não e a formação de subgrupos – ou na própria linguagem da equipe - as panelas, foram as formas que esses atletas encontraram para expressar a dificuldade em se integrarem e conviverem com esse grupo.

Convém observar que 1 e 4 acabavam de chegar ao clube, vindo de experiências distintas em relação a outros grupos esportivos. Se por uma lado 1

passou por poucas equipes, foi capitão em quase todas essas oportunidades e conseguia observar com sensibilidade as disparidades tanto com relação aos comportamentos quanto às expectativas dos atletas, por outro, 4, um nômade do voleibol, tinha em seu currículo passagem por inúmeras equipes, acumulando um *background* considerável em relação a diferentes tipos de equipes. Atleta dedicado em treinos e jogos percebia que a preocupação excessiva de alguns membros consigo próprios e com a carreira colocava a vida da equipe em risco. Chegou a verbalizar essa preocupação em uma das sessões, mas foi desprezado pelos demais.

Observa-se no discurso desses atletas uma grande preocupação com a dinâmica do grupo que está apenas se formando. Distantes da ilusão grupal eles sabem, pelo passado esportivo, que a convivência em grupo requer esforço e que é difícil uma equipe sem conflitos, mas essa, particularmente, apresentava questões sérias desde os primeiros dias em que foi reunida.

Essa ausência de ilusão em relação ao grupo e à sua estruturação não representa um descrédito ao trabalho desenvolvido. Pelo contrário, eram esses os atletas que impulsionavam a equipe, e principalmente, o técnico em momentos de maior dificuldade. Sem saber identificar ao certo o que ocorria no grupo, sabiam que seu movimento não era construtivo, porém não sabiam dizer ao certo onde residia o problema.

Ao discutir a formação do grupo ANZIEU (1993) falou sobre a dificuldade inerente a essa função afirmando que ao lado dos organizadores psíquicos conscientes existem os organizadores psíquicos inconscientes, acreditando que uma ciência que classificasse esses processos grupais inconscientes pudesse facilitar sua compreensão, impedindo manobras que comprometessem a sua vida.

9 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com base nos procedimentos utilizados, e a partir dos dados obtidos, foram formuladas as seguintes conclusões, considerando as delimitações do estudo:

1) teste sociométrico e os desenhos da figura humana e do grupo oferecem subsídios para a compreensão da dinâmica de formação de vínculo em uma equipe esportiva;

2) a função de capitão está pautada no estereótipo desse papel, cujas características têm sido historicamente construídas, já estabelecidas por cada atleta em função de sua história de vida no esporte, porém, basicamente estruturadas em critérios técnicos. Contudo, apenas essas características não são suficientes para que o capitão seja reconhecido como tal por longo tempo, sendo necessário o desenvolvimento de outros aspectos que apontam para as relações sócio-afetivas com os companheiros.

3) a expectativa da existência de uma equipe coesa pode levar o grupo a forjar pseudo-líderes, cuja função reside na satisfação de anseios de união e identificação com a tarefa que, no entanto, pode não representar o movimento real do grupo. Ainda que imprescindível à equipe essa figura funciona enquanto “iminência parda”, onde todos sabem da sua existência e necessidade sem que seja preciso nomeá-la.

4) os desenhos da figura humana e do grupo podem indicar o quanto os atletas se apercebem, e se relacionados com o teste sociométrico, oferecem recursos para uma interpretação das disponibilidades de troca entre seus membros;

5) o estabelecimento de vínculo, apesar de ser um dos ideais mais almejados no esporte coletivo, é um processo que exige esforço por parte de todo

o grupo - no sentido da identificação da tarefa - e que pode vir a se confundir com a ilusão grupal.

Ainda que os testes tenham oferecido alguns caminhos para a interpretação da dinâmica desse grupo específico, num momento particular, gostaríamos de ressaltar que o processo, como um todo, não pode ser abarcado apenas com a sua aplicação. A equipe esportiva, enquanto reflexo de uma interação, demanda tempo para poder ser compreendida na sua dinâmica latente e não apenas aparente, e aqui deparamo-nos não apenas com as questões técnicas, mas as institucionais, pessoais e políticas que envolvem o esporte de alto rendimento na atualidade.

Pensamos que se novos estudos fossem realizados utilizando os mesmos instrumentos que aqui apresentamos, adicionando o teste sociométrico perceptual, conseguiríamos mais dados que poderiam estar reforçando nossas conclusões ou, então, apontando novos caminhos de pesquisa e intervenção.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meias verdades, meias atitudes, meias bondades

Nada disso me interessa

E eu não tenho pressa pra conferir

Zélia Duncan⁴

Voltando de um jogo realizado no interior, onde por sinal a equipe havia ganhado de outra equipe considerada favorita, assisto à seguinte cena: 3, que havia sido uma das grandes sensações da partida, ocupa o assento de um dos bancos. Tendo sido um dos primeiros a chegar, logo se acomodou para viajar dormindo. Passado um tempo 2 entra no ônibus e chegando onde 3 estava expulsa-o do banco com o seguinte argumento: “juvenil aqui não manda nada. Pode ter jogado bem, pode ser queridinho do técnico, mas se é juvenil tem que se f..... Se manda daí que esse lugar é meu. Quando eu tinha a sua idade eu tinha que fazer o que os mais velhos me mandavam, e assim eu aprendi. Agora, vê se aprende você também”.

Quando apresentamos uma proposta de intervenção em equipes esportivas temos como objetivo dinamizar as relações para que o grupo consiga render seu máximo, sem, contudo, perder de vista a dimensão humana de cada atleta. Um comportamento como o apresentado acima demonstra o quanto de esforço ainda deveremos despender para que um grupo venha a se constituir como tal.

Não temos a ilusão de que uma intervenção psicológica vá dirimir todos os problemas pessoais envolvidos na equipe esportiva, visto que a herança que cada um traz de sua história de vida regula o comportamento presente.

⁴ A diferença. Letra de Zélia Duncan e música de Christiaan Oyens.

Temos então dois grandes esforços pela frente: o primeiro atuando neste presente e seus desdobramentos no desempenho esportivo e nas relações com o grupo; o segundo buscando atentar para essas questões passadas que interferem diretamente na qualidade presente das trocas inter-pessoais.

Não estamos falando aqui apenas de uma dimensão psicológica, mas também cultural e ideológica.

Cultural porque atletas chegam às categorias adultas tendo passado por várias equipes e grupos esportivos onde práticas ritualizam-se, como no exemplo e em muitas situações descritas nas sessões. Mais que a reprodução de gestos e atitudes essas práticas buscam delimitar espaços, cristalizar papéis e posições sociais afirmando e confirmando condições que se espalham e se perpetuam pelo meio esportivo.

Na medida que a história de cada indivíduo se mescla com a história do grupo e de cada membro ao qual ele pertence temos os valores se reproduzindo, se formando e se transformando, norteando as relações, constituindo-se como paradigmas e verdades absolutas tanto relacionados a conduta profissional do atleta quanto na sua convivência com os companheiros.

Essas normas sociais ganham autoridade quando reproduzidas indistintamente, sem nenhum compromisso com sua importância ou significado, como se isso se desse enquanto um compromisso de fé, temos aí, então, o ideológico configurado.

Afirmar que uma equipe é um grupo pode ser perigoso se não tivermos claro que tipo de vínculo está regendo essas relações.

Se tivermos como modelo de vínculo a configuração de uma estrutura dinâmica em contínuo movimento, que funciona acionada por motivações psicológicas, resultando daí uma determinada conduta, que pressupõe uma identificação com a tarefa e um compromisso com outros indivíduos que se

aproximam desse objetivo, preferiremos manter como denominação *equipes esportivas*, uma vez que são muitos os fatores que interferem para que elas se transformem, impossibilitando a formação do vínculo no sentido lato.

Nenhuma equipe está imune às questões institucionais relacionadas ao esporte, na atualidade, isso porque estamos falando de rendimento, de competição, de empresas que dão o suporte necessário para que seus nomes associem-se a atletas com bom desempenho e que transfiram para seus produtos essa imagem vitoriosa.

Nesse modelo rendimento-vitória-sucesso as relações pessoais têm sido negligenciadas, deslocadas para um plano secundário como sub-produto de uma relação causa-efeito, ou seja, se ganhamos tudo vai bem, se perdemos há que se achar os culpados para que o quadro se inverta.

A partir desse contexto diríamos que a realidade do esporte coletivo permanece no âmbito da ilusão grupal, e que, no plano do desejo, do possível de ser conquistado, encontramos o vínculo.

Estudar o estabelecimento de vínculo e sua ligação com o desenvolvimento da imagem corporal do atleta dentro dessa dinâmica causal e pragmática pode parecer a criação de uma fábula, mas talvez seja um caminho para um maior comprometimento com aqueles que são, de fato, os protagonistas do espetáculo esportivo: os atletas.

Isso porque a transitoriedade dos grupos esportivos leva a grande maioria dos atletas a não querer estreitar relações afetivas com seus companheiros para depois não sofrer com a separação. Por outro lado ele é circunstancialmente envolvido num discurso que exige cooperação, troca e confiança, estados que só se dão com o estabelecimento e fortalecimento do vínculo.

É nesse ponto que o trabalho psicológico interventivo com equipes

esportivas se caracteriza, diferencia-se do aspecto puramente diagnóstico. Testes e avaliações são necessárias desde que incluídas em um âmbito mais geral, dentro de um contexto temporal e não finalista, uma vez que a equipe, como todo ser vivo, tem implicado em sua existência o movimento. Querer determinar a qualidade ou intensidade das relações utilizando-se para isso um instrumento factual pode levar a distorções que comprometem o futuro do atleta e a credibilidade da área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, D.R. O grupo como o entende Bauleo. In: BAREMBLITT, G., org. **Grupos: teoria e técnicas**. Rio de Janeiro, Graal, 1986. p. 159-68.
- ANTONELLI, F.; SALVINI, A. **Psicologia del deporte**. Valladolid, Editorial Miñon, 1978.
- ANZIEU, D. **O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993.
- ANZIEU, D.; MARTIN, J.Y. **La dinámica de los grupos pequeños**. Buenos Aires, Kapelusz, 1971.
- BASTIN, G. **As técnicas sociométricas**. Lisboa, Moraes Editores, 1986.
- BENJAMIN, A. **A entrevista de ajuda**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BION, W. R. **Experiências com grupos**. Rio de Janeiro, Imago/ EDUSP, 1975.
- BERTHERAT, T.; BERNSTEIN, C. **O corpo tem suas razões**. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, 1997. 278 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- BUSTOS, D.M. **O teste sociométrico: fundamentos, técnica e aplicações**. São Paulo, Brasiliense, 1979.

- CHELLADURAI, P. Leader in sports: a review. **International Journal of Sport Psychology**, v. 21, n. 4, p. 328-54, 1990.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.
- DELMANTO, S. **Toques sutis**. São Paulo, Summus, 1997.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papyrus, 1995.
- FARAH, R.M. **Integração psicofísica: o trabalho corporal e a psicologia da C. G. Jung**. São Paulo, Robe Editorial, 1995.
- FEIJÓ, O. **Corpo e movimento: uma psicologia para o esporte**. Rio de Janeiro, Shape, 1992.
- FOGART, G.J. Some comments on the use of psychological tests in sport settings. **International Journal of Sport Psychology**, v. 26, p. 161-70, 1995.
- FROST, R.B. **Psychological concepts applied to physical education and coaching**. Massachusetts, Addison-Wesley, 1971.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- GILL, D. L. **Psychological dynamics of sport**. Champaign, Human Kinetics, 1986.
- HAMMER, E.F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1991.

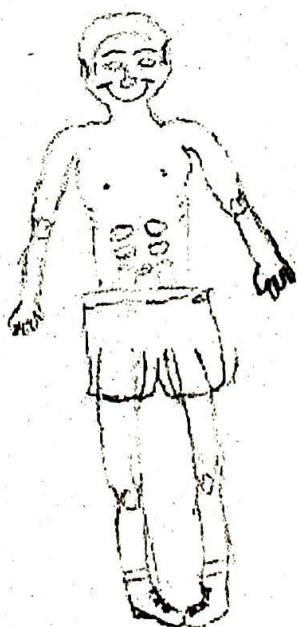
- HANRAHAN, S.; GALLOIS, C. Social interactions. In: SINGER, R. N.; MURPHEY, L.; TENNANT, K., eds. **Handbook of research on sport psychology**. New York, MacMillan, 1993. p. 623-46.
- KAUFMAN, F.G. O teste sociométrico. In: MONTEIRO, R., org. **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo, Brasiliense, 1993. p. 45-68.
- LE BOULCH, J. **Rumo a uma ciência do movimento humano**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- LENK, H. Top performance despite internal conflict: an antithesis to a functionalists proposition. In: FISCHER, C.A., ed. **Psychology of sport**. Palo Alto, Mayfield, 1976. p.70-6.
- LOY, J.W.; JACKSON, S.J. A typology of group and a theory of their effects on patterns of leadership recruitment within sport organizations. In: Velden, L.V. e Humphrey, J.H., eds. **Psychology and sociology of sport**. New York, AMS Press, 1990. p. 93-114.
- LOWEN, A. **O corpo traído**. São Paulo, Summus, 1979.
- MACHOVER, K. **Personality projection in the drawing of the human figure: a method of personality investigation**. Springfield, Charles C. Thomas, 1950.
- MARTENS, R. **Coaches guide to sport psychology**. Champaign, Human Kinetics, 1987.
- MATERS, R.; PETERSON, J.A. Group cohesiveness as a determinant of success and member satisfaction in team performance. In: Fisher, C.A., ed. **Psychology of sport**. Palo Alto, Mayfield, 1976. p. 44-59.

- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU, 1974.
- MORENO, J.L. **Psicodrama**. São Paulo, Cultrix, 1991.
- _____. **Fundamentos de la sociometria**. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972.
- NIDEFFER, R.M. **The ethics and practice of applied sport psychology**. New York, Mouvement, 1981.
- OLIVIER, G.G. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Campinas, 1995. 100 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- PAGÉS, M. **A vida afetiva dos grupos**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- PENNA, L. **Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com seu próprio corpo**. São Paulo, Summus, 1989.
- PICHON-RIVIÈRE, H. **O processo grupal**. São Paulo, Martins Fontes, 1991a.
- _____. **Psiquiatria, uma nova problemática**. São Paulo, Martins Fontes, 1991b.
- _____. **Teoria do vínculo**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- RIOUX, G.; CHAPPUIS, R. **Elementos de psicopedagogia deportiva**. Valladolid, Editorial Minón, 1972.
- ROWLEY, A.J. ; LANDERS, D.M.; KYLLO, L.B.; ETNIER, J. Does the iceberg profile discriminate between successful and less successful athletes? A meta-analysis. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, p. 185-99, 1995.

- RUSSEL, G.W. **The social psychology of sport.** New York, Springer-Verlag, 1993.
- SALZMAN, D.L. Didier Anzieu: notas para uma leitura de sua teoria sobre grupos. In: BAREMBLITT, G., org. **Grupos: teoria e técnicas.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986. p. 127-36.
- SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática.** Belo Horizonte, Escola de Educação Física UFMG, 1992.
- SANDOR, P. A relaxação progressiva de Jacobson. In: Sandor, P., org. **Técnicas de relaxamento.** São Paulo, Vetor, 1982.
- SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias constitutivas da psique.** São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- SIMÕES, A.C. **Equipes esportivas vistas como um micro-sistema social de rendimento entre a ideologia de liderança dos técnicos e a percepção real dos atletas.** São Paulo, 1990. 296 p. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- _____. **Ideologia de liderança no esporte: uma visão do "ideal próprio" dos técnicos e "real equipe" dos atletas.** São Paulo, 1996. 162 p. Tese (Livre Docência) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo.
- SIMÕES, A.C.; RODRIGUES, A.A. ; RUBIO, K. Dinâmica das relações grupais: análise sociométrica de uma equipe de handebol. **Revista Paulista de Educação Física** (no prelo).
- TAJFEL, H. **Differentiation between social groups: studies in the social psychology of intergroup relations.** London, Academic Press, 1978.

- _____. **Social identity and intergroup relations.** Cambridge, University Press, 1982.
- TAJFEL, H.; TURNER, J.C. An integrative theory of intergroup conflict. In: WORCHEL, S. & AUSTIN, W.G., eds. **The social psychology of intergroup relations.** Monterey, Brooks/Cole, 1979.
- TANI, G. Cinesiologia, educação física e esportes: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis: Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física**, v. 3, n. 2, p. 9-50, 1996.
- TURNER, J.C. **Rediscovering the social group: a self-categorization theory.** Oxford, Basil Blackwell, 1987.
- Van KOLCK, O.L. **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico.** São Paulo, EPU, 1984.
- WAHBA, L.L. **Consciência de si através da vivência corporal.** São Paulo, 1982. 156 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- WIDMEYER, W.N.; CARRON, A.V.; BRAELEY, L.R. Group cohesion in sport and exercise. In: SINGER, R.N.; MURPHEY, M.; TENNANT, L.K., eds **Handbook of research on sport psychology.** New York, MacMillan, 1993. p.672-94

ANEXO I – Desenhos da figura humana

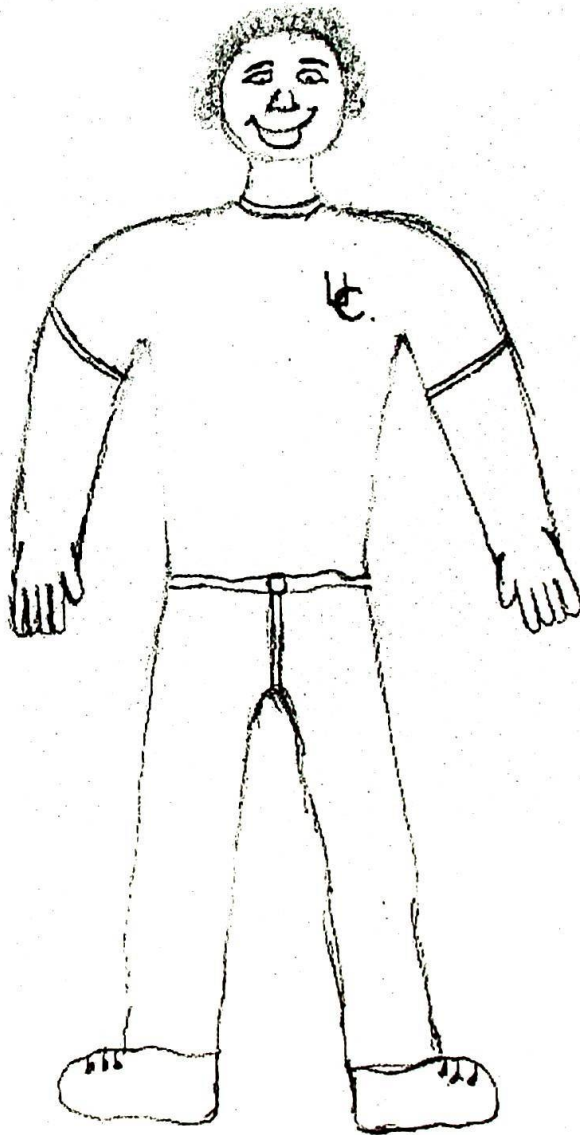
Atleta 1

ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)

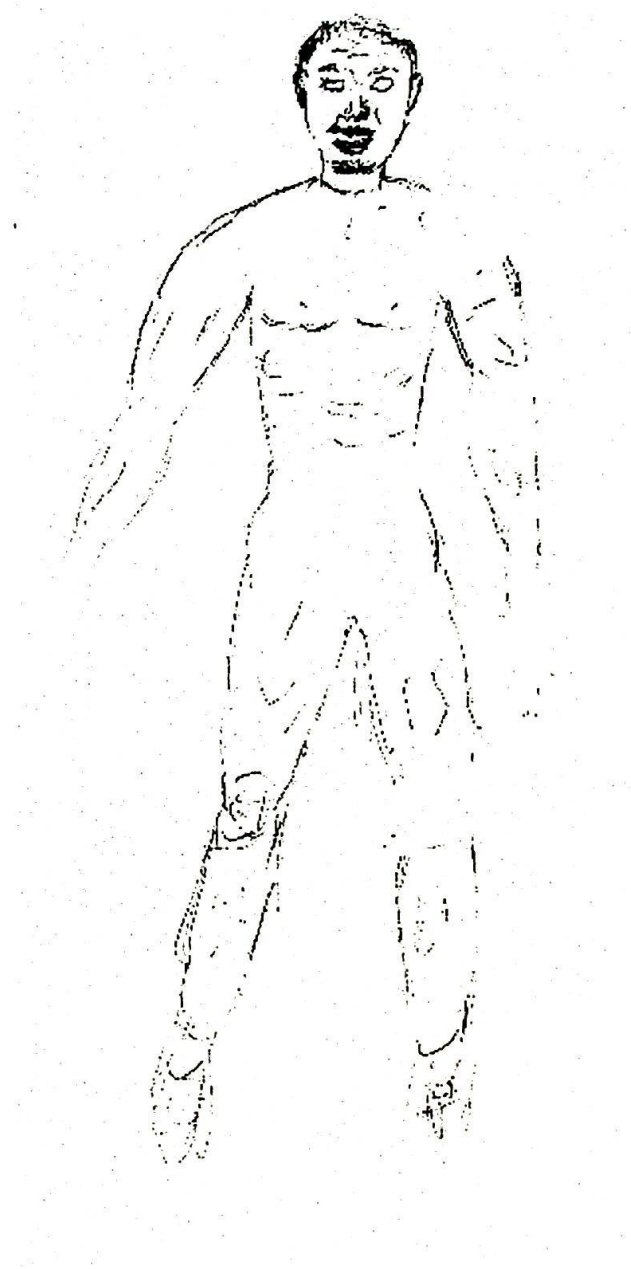
Atleta 2



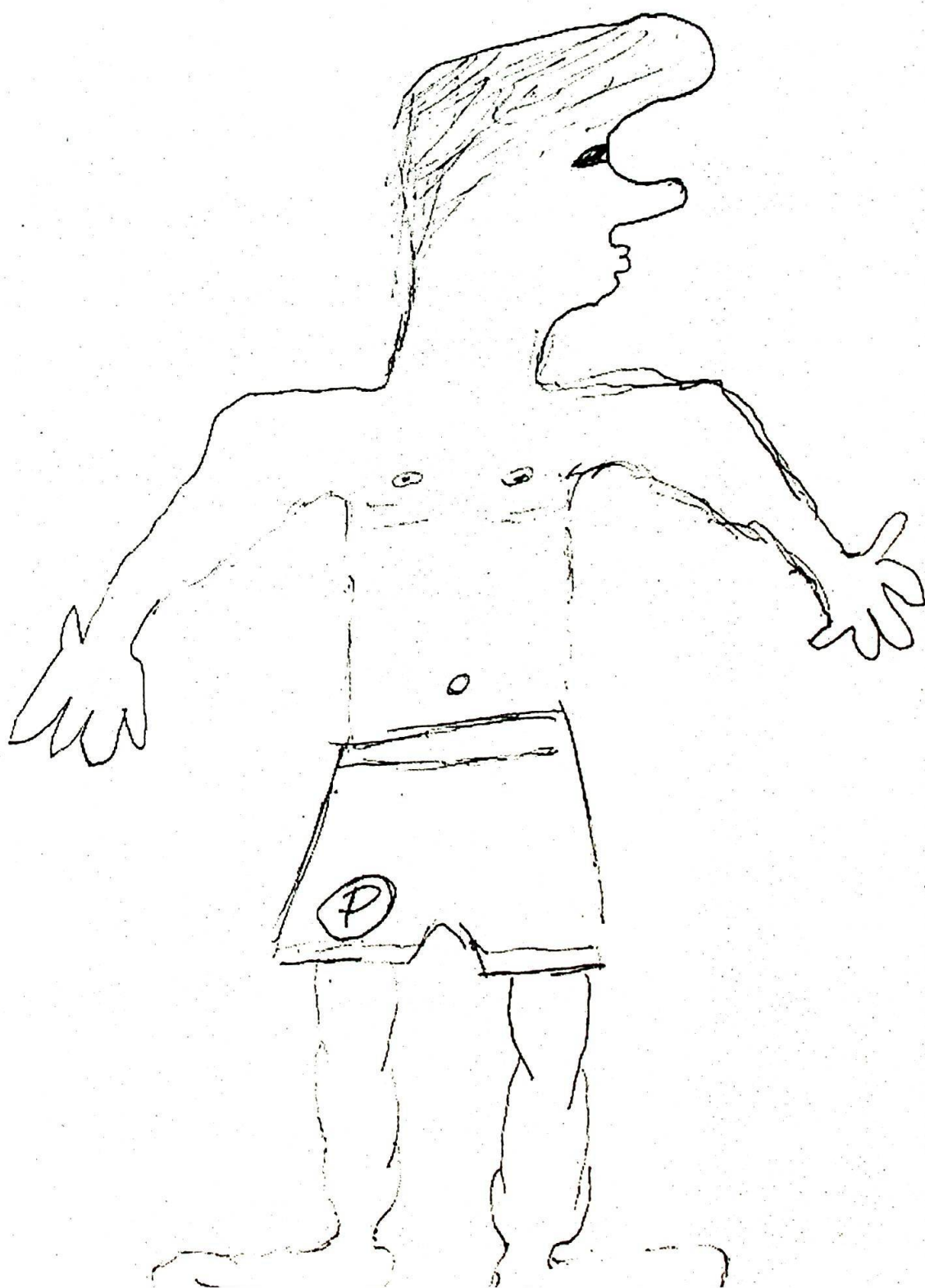
ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)
Atleta 3



ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)

Atleta 4

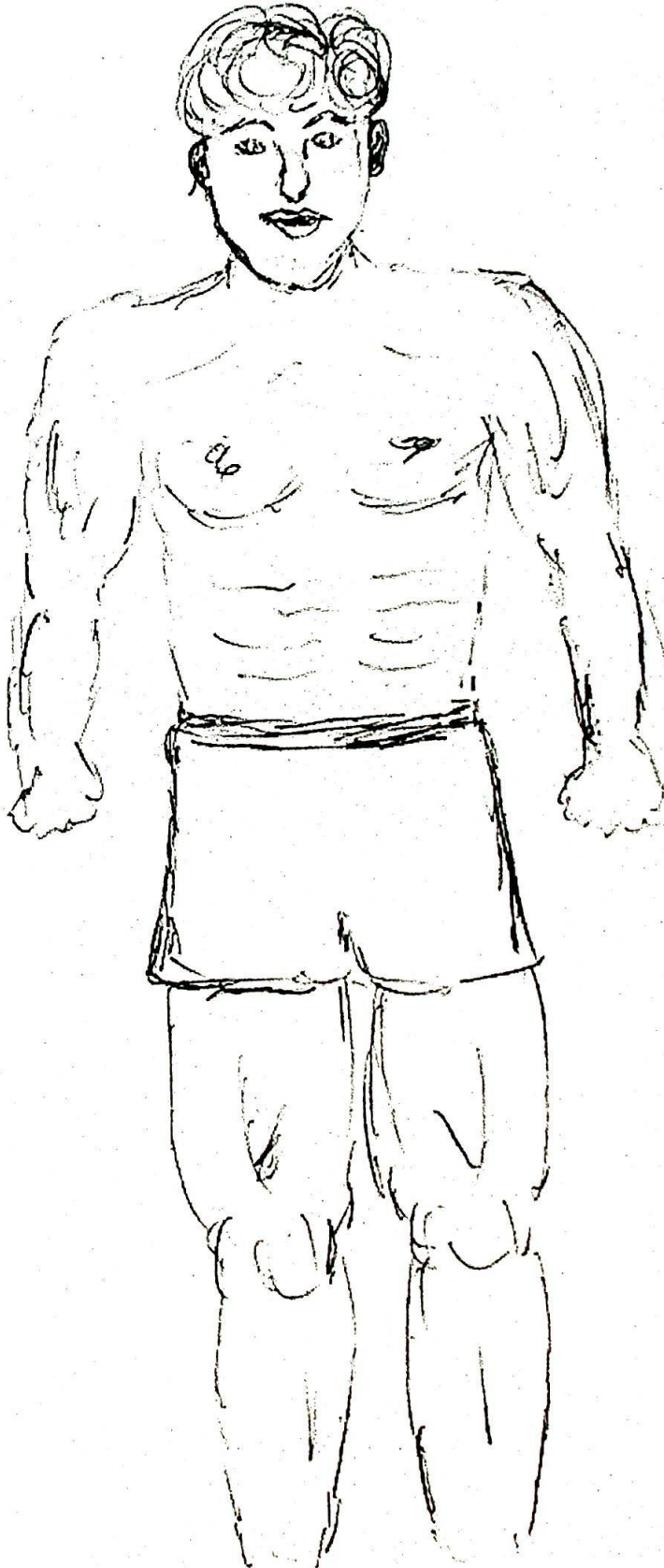
ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)

Atleta 5

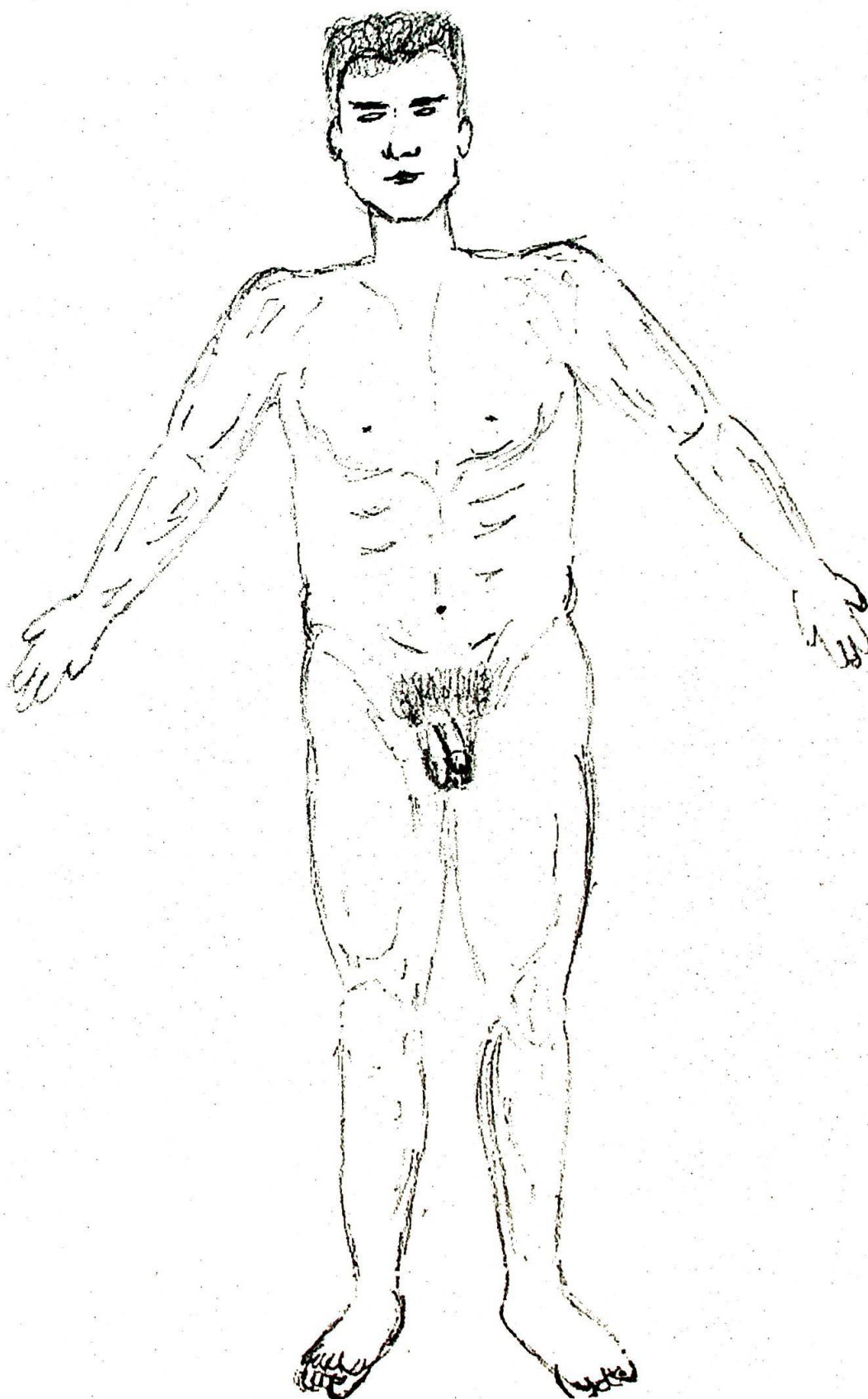
ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)

Atleta 6

Atleta 7



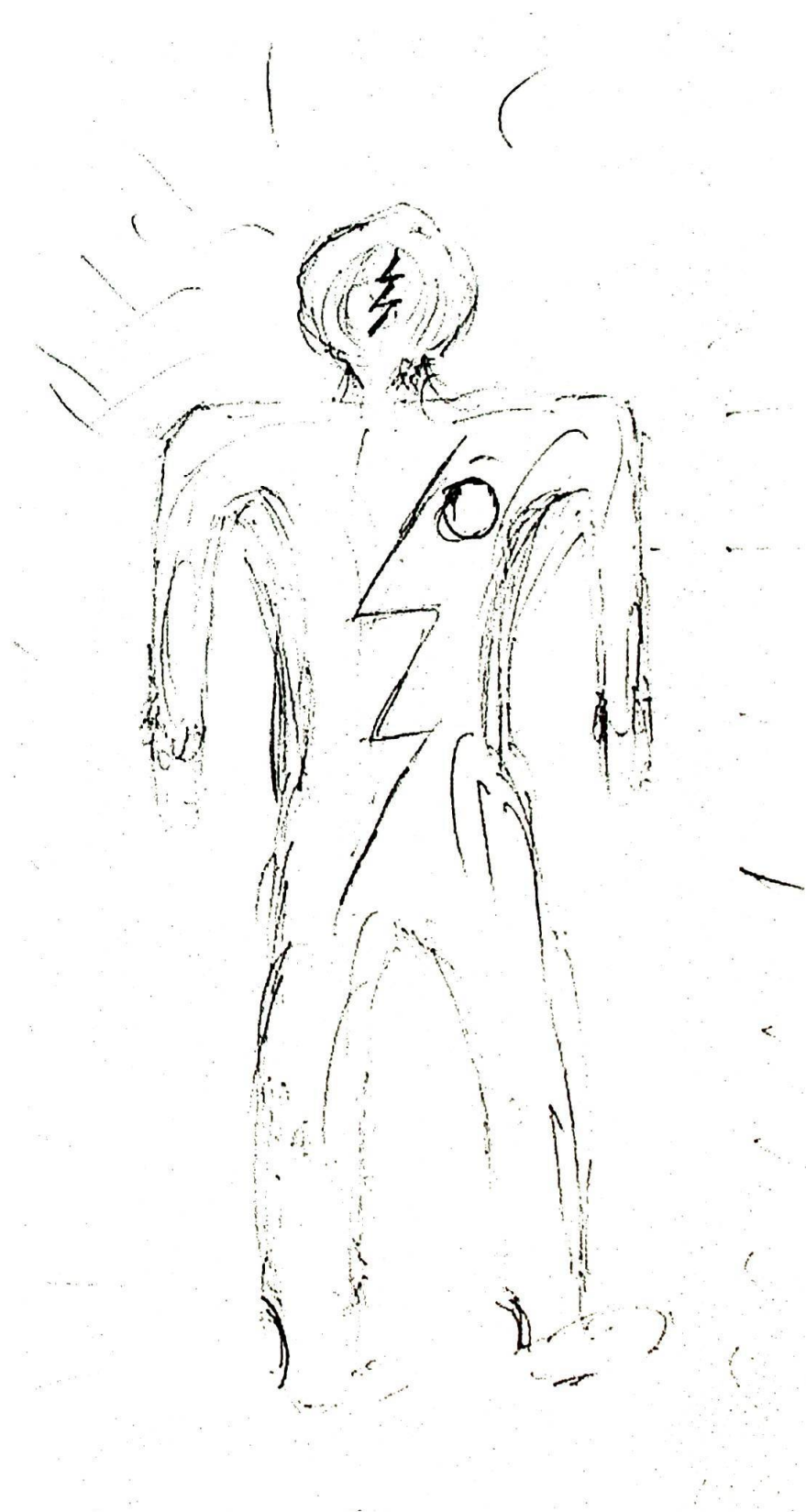
ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)
Atleta 8



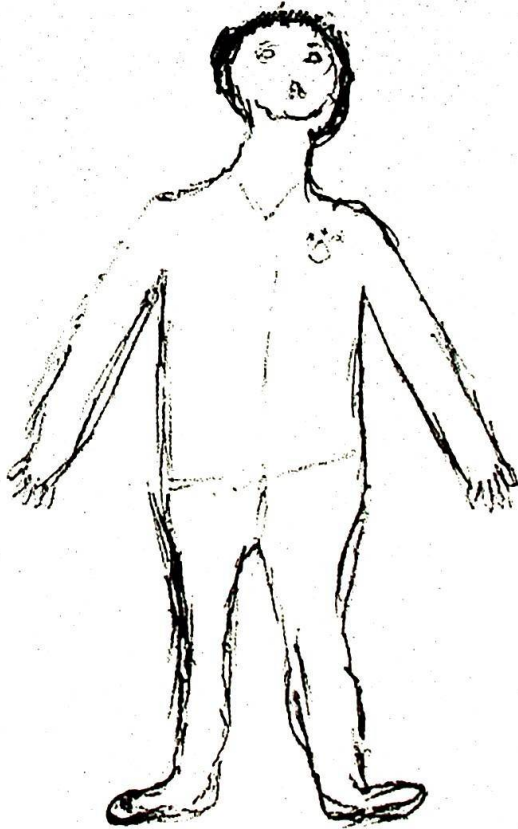
ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)
Atleta 9



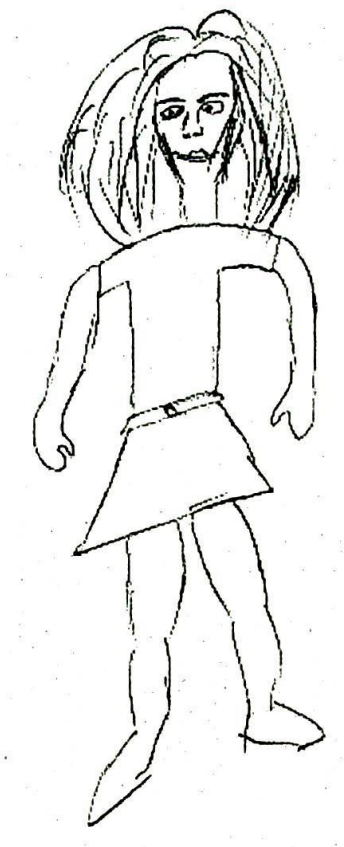
ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)

Atleta 10

ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)
Atleta 11

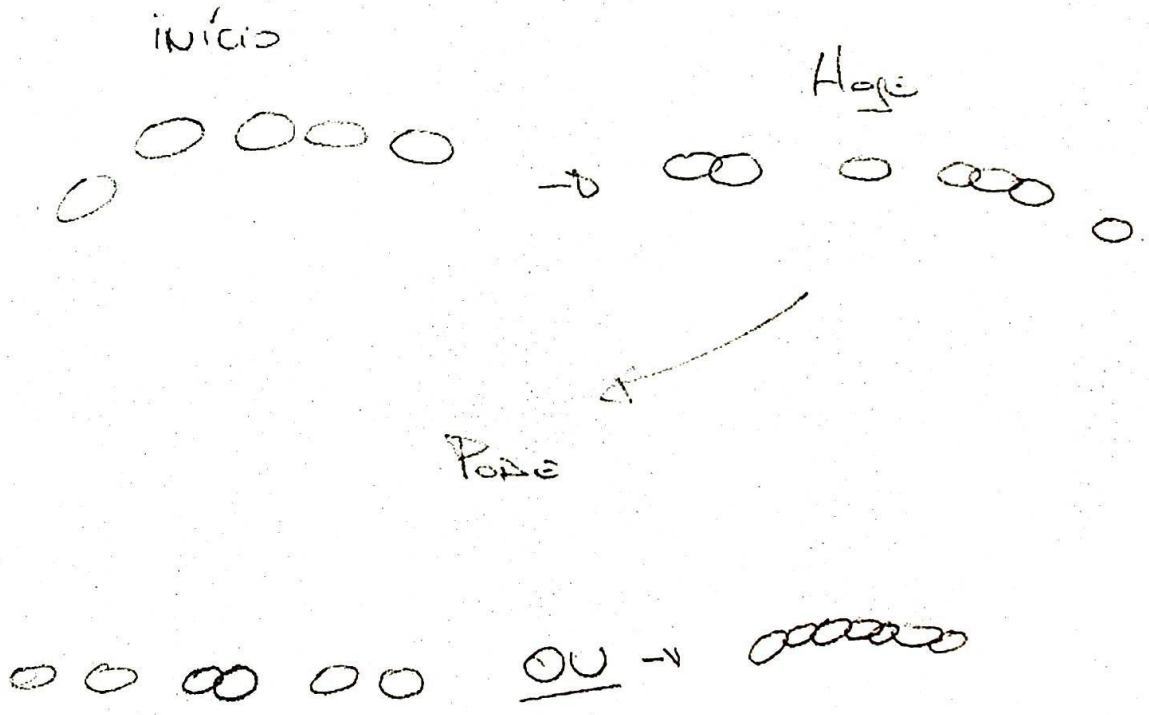


ANEXO I – Desenhos da figura humana (cont.)
Atleta 12



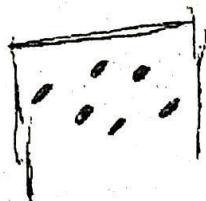
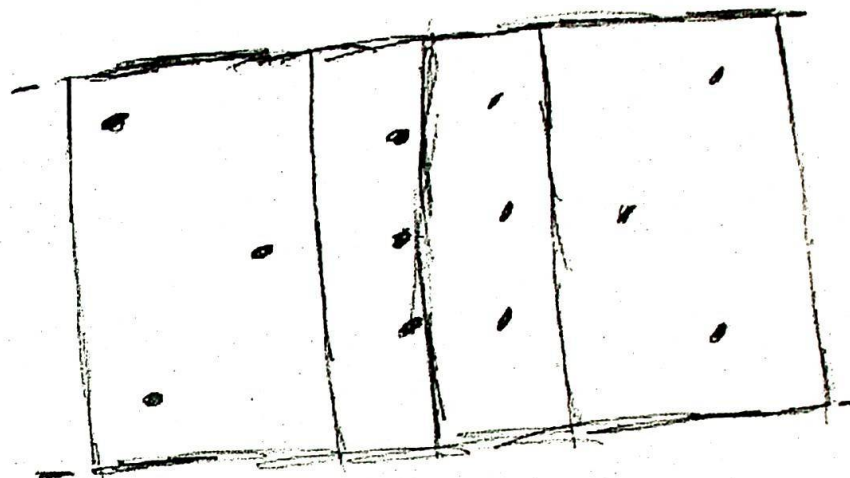
ANEXO II – Desenhos do grupo

Atleta 1



ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

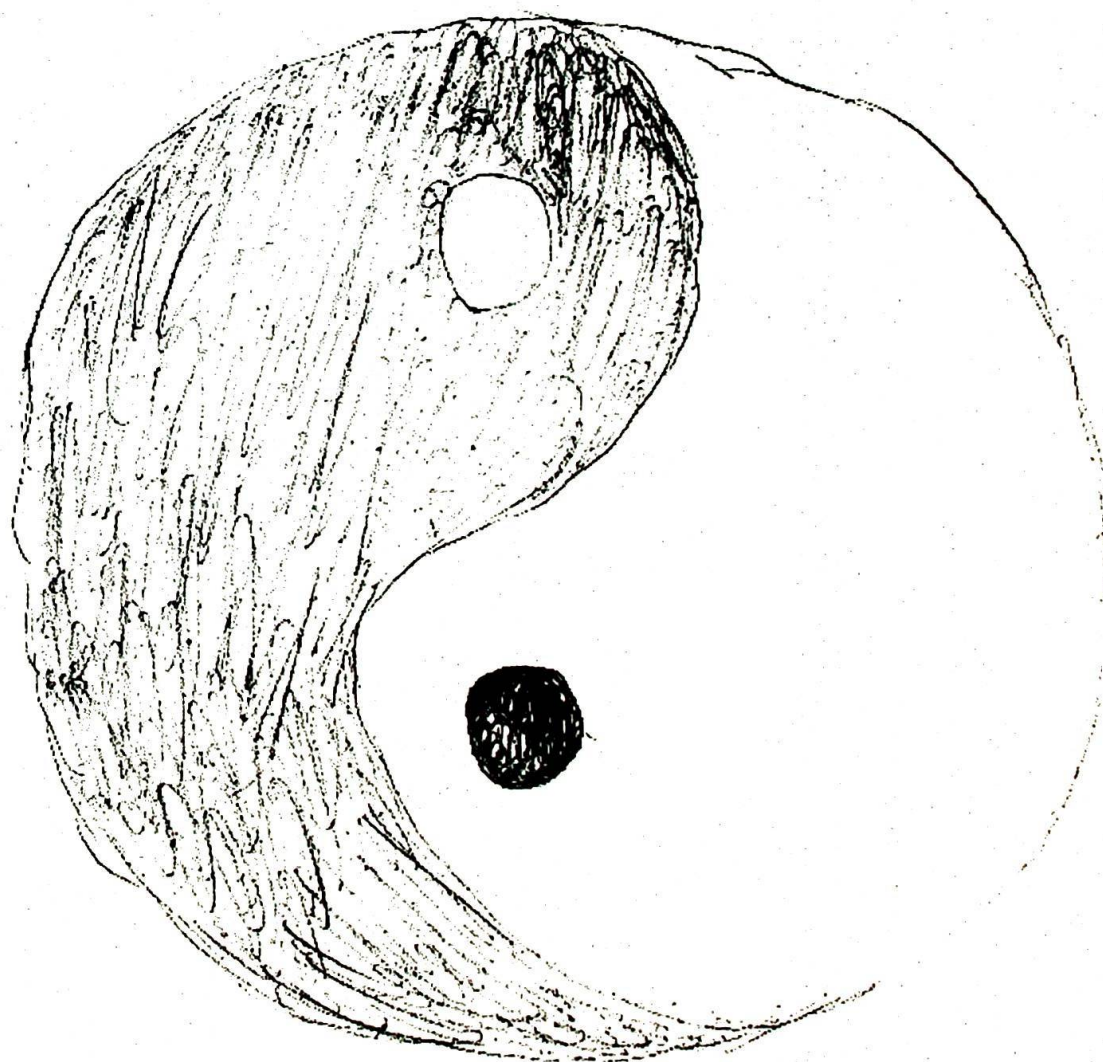
Atleta 2



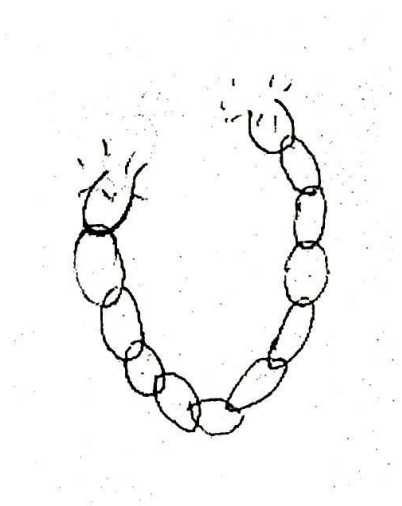
ANEXO II

ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

Atleta 3

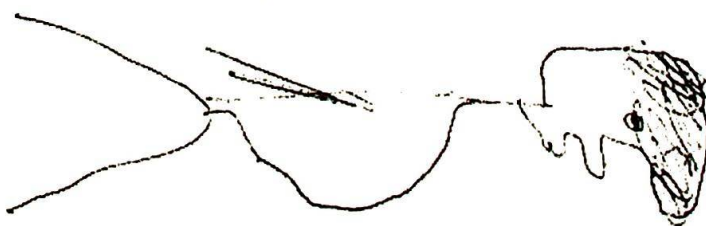
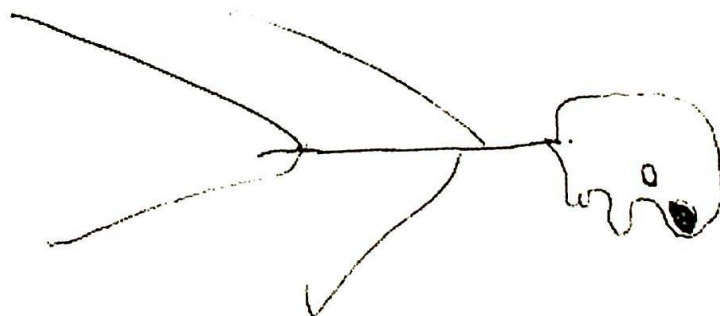
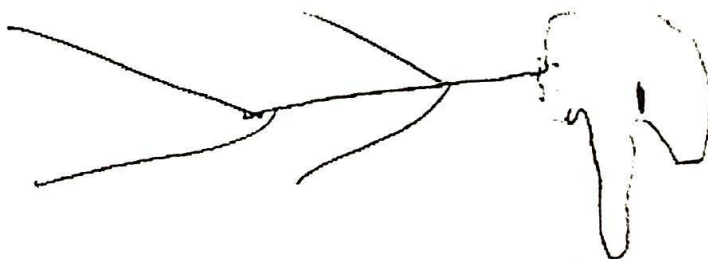
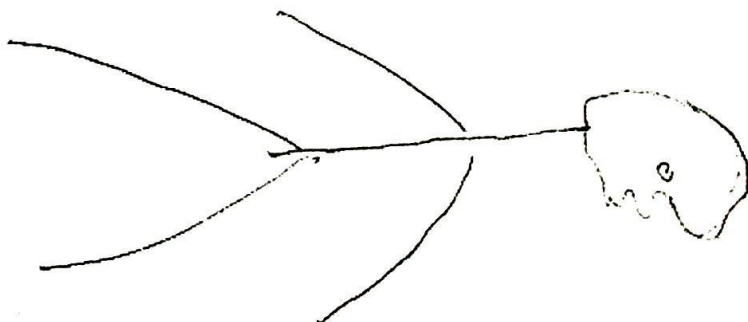
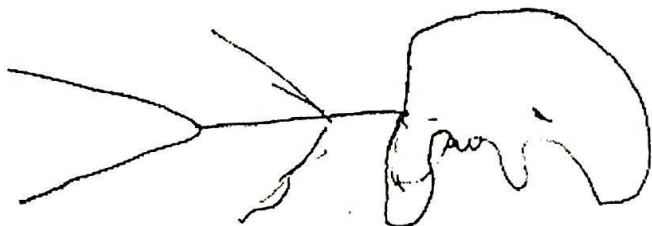
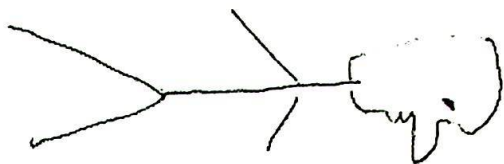


ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

Atleta 4

ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

Atleta 5



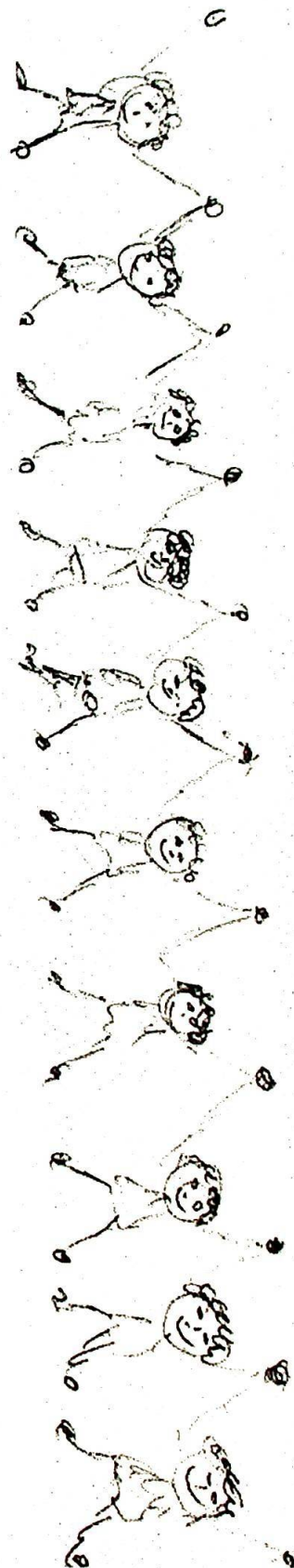
ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

Atleta 6



ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

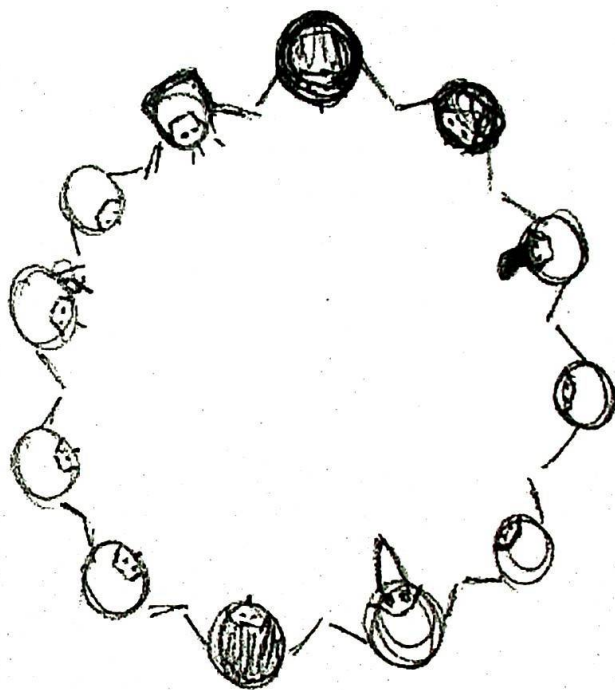
Atleta 7



CAMPEÃO PAULISTA

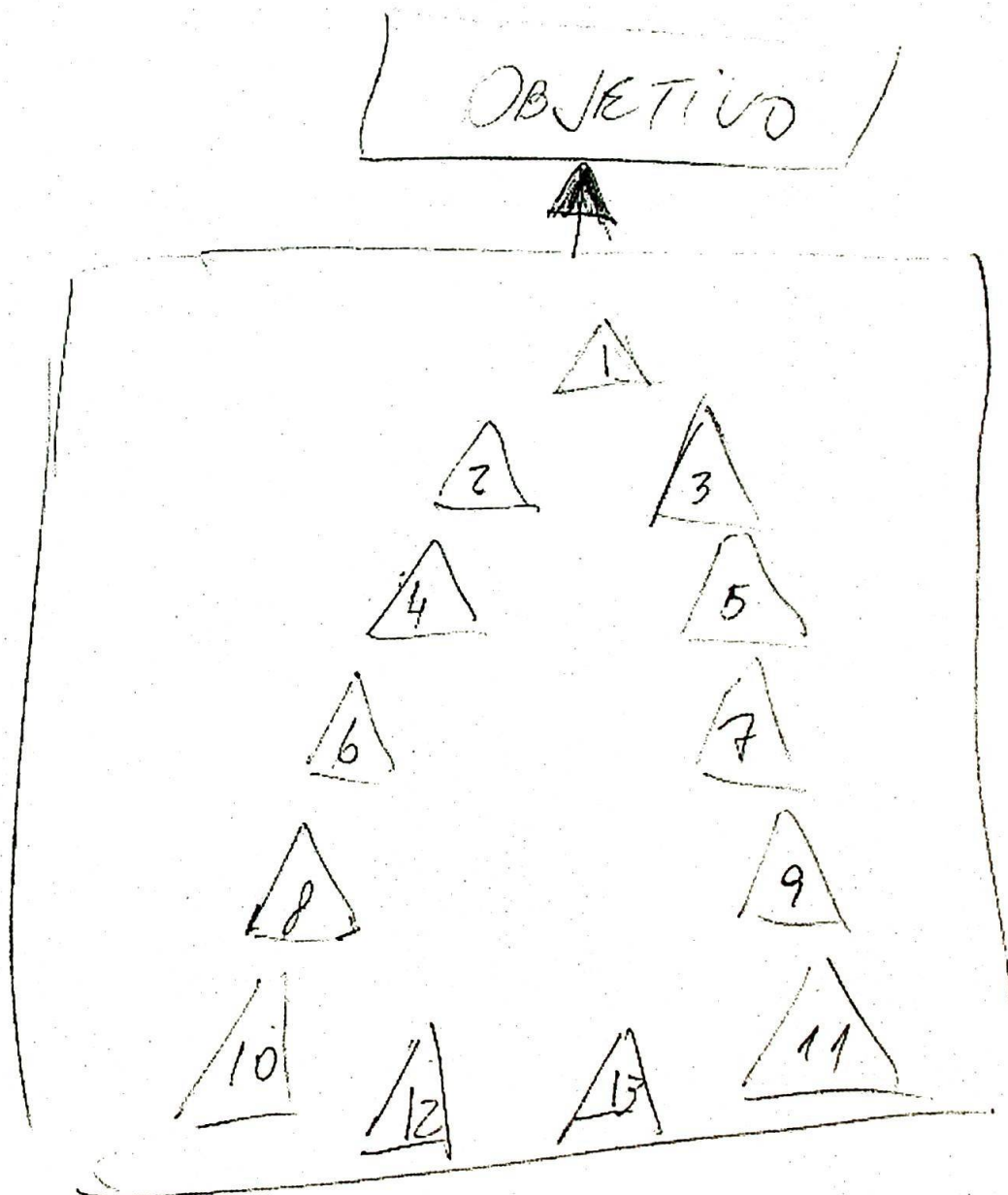
96

ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

Atleta 8

ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

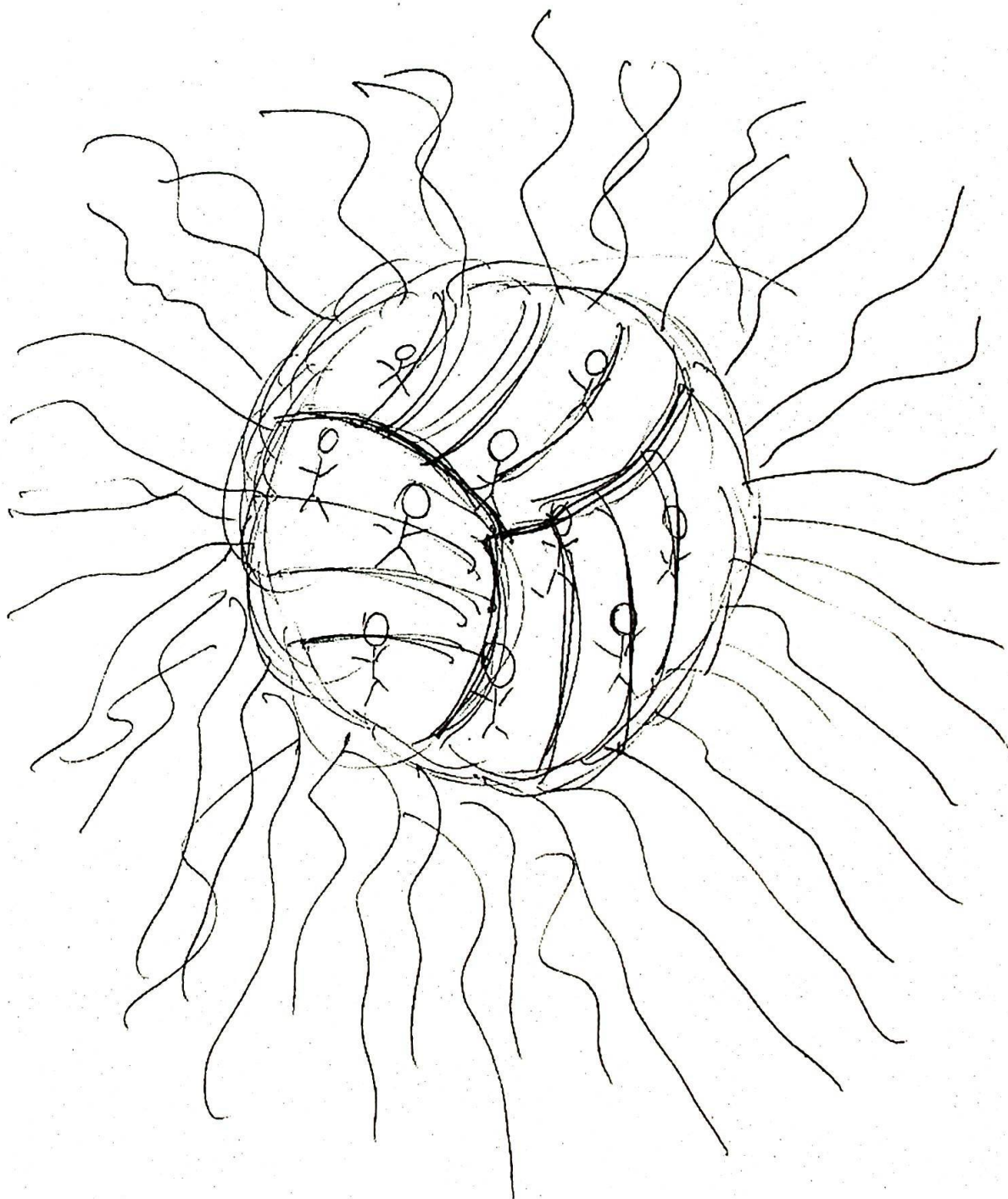
Atleta 9



SOMOS TODOS GRANDES

OK

ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

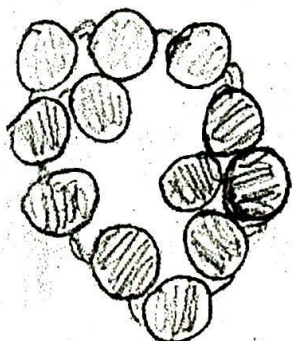
Atleta 10

ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

Atleta 11

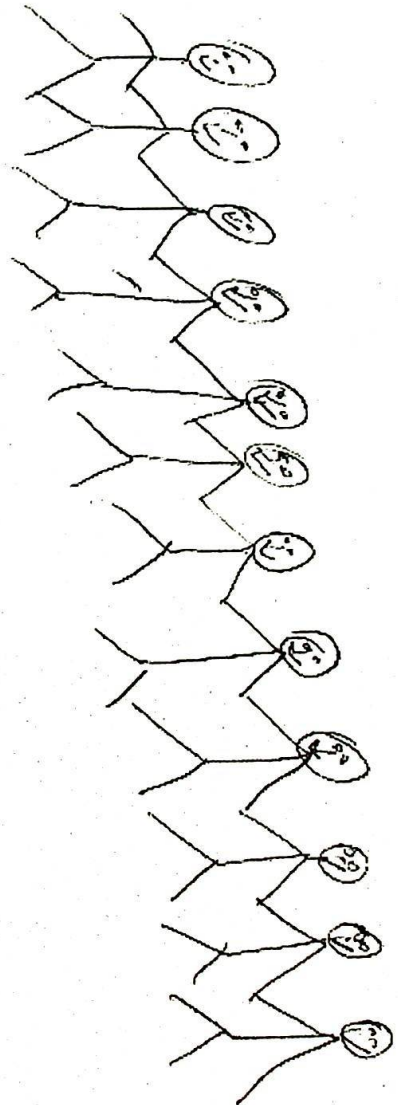
VISTO DE CIMA.

UNIAO.



ANEXO II – Desenhos do grupo (cont.)

Atleta 12



ANEXO III - Teste sociométrico

Nome

Data

1. Quem você escolheria para ser o capitão do time? Escolha dois nomes por ordem de preferência.

1. _____

2. _____

2. Dos atuais atletas que estão em treinamento e incluindo a comissão técnica, escolha seus dois melhores amigos no time em ordem de preferência.

1. _____

2. _____

ANEXO III (cont.) - Melhor amigo - primeira fase

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1º	2º	Total
1	-	-	1	2	-	1	-	-	-	-	1	-	3	1	4
2	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-
4	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	2
5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	1	1
6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	1
7	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1	1
8	-	-	-	-	2	2	2	-	1	1	-	-	2	3	5
9	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	2	-	2
10	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	1	1	2
11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tec.	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1

ANEXO III (cont.) - Melhor amigo - segunda fase

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1°	2°	Total
1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	2
2	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1
4	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1	2
5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	1
6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	1
7	-	-	-	-	1	-	-	-	2	2	-	-	1	2	3
8	-	-	-	-	2	-	2	-	1	1	-	-	2	2	4
9	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	2	-	2
10	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	1
11	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	2
12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tec.	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1

ANEXO IV - O solitário e o solidário

Leonardo Boff

Naquele tempo – diz uma velha lenda chinesa – um discípulo perguntou ao vidente:

- Mestre, qual é a diferença entre o céu e o inferno?

E o vidente respondeu:

- Ela é muito pequena e contudo com grande conseqüências. Vi um grande monte de arroz. Cozido e preparado como alimento. Ao redor dele muitos homens. Famintos, quase a morrer. Não podiam se aproximar do monte de arroz. Mas possuíam longos palitos de 2 – 3 metros de comprimento – os chineses naquele tempo já comiam o arroz com palitos. Apanhavam, é verdade, o arroz, mas não conseguiam levá-lo à própria boca, porque os palitos, em suas mãos, eram muito longos. E assim, famintos e moribundos, juntos mas solitários permaneciam, curtindo uma fome eterna, diante de uma fartura inesgotável. E isso era o inferno. Vi outro grande monte de arroz. Cozido e preparado como alimento. Ao redor dele muitos homens. Famintos, mas cheios de vitalidade. Não podiam se aproximar do monte de arroz, mas possuíam longos palitos de 2 – 3 metros de comprimento. Apanhavam o arroz, mas não conseguiam levá-lo à própria boca porque os palitos em suas mãos eram muito longos. Mas, com seus longos palitos, em vez de levá-los à própria boca, serviam-se uns aos outros o arroz. E assim matavam sua fome insaciável. Numa grande comunhão fraterna. Juntos e solidários, gozando a excelência dos homens e das coisas. E isso era o céu.

ANEXO V - A relaxação progressiva de Jacobson
(extraído de Pethö Sandor, em Técnicas de Relaxamento)

Primeiro momento: A relaxação dos braços

1º passo

O indivíduo em decúbito dorsal fecha os olhos, permanecendo com as pernas descruzadas tentando diminuir os mais possível seus movimentos, conseguindo eventualmente uma completa imobilidade. Isto ainda não é relaxamento, mas uma introdução e condicionamento preliminares, tentando perceber, sem qualquer esforço mental, todos os fatores que surgem, impedindo ou fomentando a execução e a manutenção deste estado preparatório. Aconselhamo-lo a não se preocupar nem tentar avaliar.

2º passo

Retesamento: Nesta posição levantar o braço direito; fechar o punho; sentir durante a execução dos movimentos a tensão que surge no braço direito.

Descontração: Deixar cair o braço; abrir o punho; permanecer com os dedos soltos (sem esticá-los). Depois de 3 a 5 minutos de repouso repetir o exercício).

3º passo

Na mesma posição executa-se o exercício com ambos os braços. Aqui também, como antes de cada exercício, salientamos a importância de experimentar conscientemente o retesamento voluntário com todos os fenômenos

ANEXO V - A relaxação progressiva de Jacobson (cont.)

acompanhantes e a descontração subsequente, que ainda está longe de ser perfeita, mas já fornece elementos de orientação e constatação proprioceptiva ou autoestésica.

Segundo momento: A relaxação das pernas

1° passo

Mantidos em decúbito dorsal, olhos fechados, pernas descruzadas.

Retesamento: O paciente executa uma ‘plantarflexão’ com os tornozelos, flexionando também os artelhos, sem movimentar os joelhos.

Descontração: Parar repentinamente com a flexão dos pés e dos artelhos.

Depois de um repouso de 3 a 5 minutos, repetir duas vezes o exercício e a pausa.

2° passo

A posição é a mesma e o exercício também, mas a fase da descontração deve ser executada paulatinamente. No início talvez haja certa dificuldade com a inervação coordenada, e a execução acontecerá aos pulos’, mas mais tarde aprender-se-á o procedimento adequado.

3° passo

Durante as repetições e nas pausas subsequentes o indivíduo tenta vivenciar com consciência atenta, que ao retesar os pés, nos braços também haverá contração involuntária que desaparecerá junto com a descontração dos pés. Trata-

ANEXO V - A relaxação progressiva de Jacobson (cont.)

se de um exemplo da ‘generalização do impulso’ descrito por J. H. SCHULTZ; é um fenômeno de significativa vantagem terapêutica.

Terceiro momento: A respiração

A posição é: decúbito dorsal ou lateral.

Quem está executando deverá permanecer com olhos fechados durante 10 minutos, realizando a imobilidade e o ritmo da própria respiração sem interferência ou condicionamento temporal, depois respira três vezes de modo um pouco mais profundo, sem esforço ou mudança real do processo.

Já anteriormente teve-se instruir para que observe a caixa torácica atentamente, nas respirações mais profundas, para perceber o retesamento nos momentos do inalar e a descontração ao soltar o ar. A comutação de tensão e descontração deve ser experimentada claramente. Várias repetições permitem observações mais sutis, naturalmente com pausas intercaladas.

Quarto Momento: Cabeça e sentidos

1º passo: testa

Enrugar a testa, levantando com força as sobrancelhas, depois soltando-as lentamente.

Contrair as sobrancelhas (‘olhar feio’) com força e depois soltá-las lentamente. Experimentar que ao enrugar a testa e contrair as sobrancelhas, os braços, pernas e caixa torácica também apresentam contrações e que, o descontrair

ANEXO V - A relaxação progressiva de Jacobson (cont.)

Da testa e das sobrancelhas, não se dá com facilidade.

3º passo: olhos

A pessoa está em decúbito dorsal com olhos abertos. Olhar para a direita e permanecer 30 segundos assim, experimentando a tensão nos olhos. Deixar voltar os bulbos oculares à posição mediana sem focar qualquer objeto, permitindo assim a descontração e o relaxamento dos músculos oculares. Depois de um minuto de pausa repetir o exercício para o lado esquerdo, para cima e para baixo, sempre voltando à posição mediana e relaxando os músculos antes de iniciar uma outra fase.

Neste último passo é aconselhável se evitar execução forçada que pode causar sintomas desagradáveis como dor de cabeça, tontura, etc.; por isso é importante também observarmos as pausas intercaladas, realizando a descontração e a condição natural das áreas exercitadas.

4º passo: A relaxação de certos grupos musculares e dos órgãos da linguagem.

A pessoa permanece deitada como quiser, mas com os olhos fechados. Ela é instruída a contar até 10 em voz alta, observando a atividade da língua, dos lábios, da mandíbula, do pescoço e da caixa torácica. Cada grupo muscular relaxa-se durante 3 minutos, de modo que o paciente ao parar de proferir os números, realiza uma a uma a descontração das respectivas áreas, repetindo sempre duas vezes o exercício com as necessárias pausas.

ANEXO V - A relaxação progressiva de Jacobson (cont.)

Em seguida a contagem é feita em voz baixa e mais tarde apenas sussurrando e depois, permanecendo em silêncio, experimentar da maneira acima descrita o relaxamento dos diversos grupos musculares.

Por fim, imagina apenas os números sem emissão sonora, experimentado que mesmo assim acontece o relaxamento nos órgãos da linguagem.